



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCAR
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E
SOCIEDADE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

SÃO CARLOS, SP

2020

MARINA MARTINELLI

**A DINÂMICA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA NOS
INTERCÂMBIOS ENTRE BRASIL E CHINA:
O CASO DOS INSTITUTOS CONFÚCIO NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Thales Haddad
Novaes de Andrade

São Carlos – SP

2020

MARTINELLI, MARINA

A Dinâmica da Ciência e da Tecnologia nos Intercâmbios entre
Brasil e China: o caso dos Institutos Confúcio / MARINA

MARTINELLI. -- 2020.

136 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos

Orientador: Thales Haddad Novaes de Andrade

Banca examinadora: Thales Haddad Novaes de Andrade,
Ariadne Chloe Mary Furnival, Marko Synésio Alves Monteiro

Bibliografia

1. Intercâmbio Brasil e China. 2. Institutos Confúcio . 3. Soft
Power. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III.
Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Marina Martinelli, realizada em 05/03/2020:

Prof. Dr. Thales Haddad Novaes de Andrade
UFSCar

Profa. Dra. Ariadne Chloe Mary Furnival
UFSCar

Prof. Dr. Marko Synésio Alves Monteiro
UNICAMP

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Marko Synésio Alves Monteiro e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

Prof. Dr. Thales Haddad Novaes de Andrade

AGRADECIMENTOS

Sou grata, antes de mais nada, ao meu orientador, Thales Haddad Novaes de Andrade, pelo trabalho conjunto árduo e detalhista, sugestivo e muito inspirador. Agradeço à agência CAPES pela bolsa concedida durante o meu Mestrado, de suma importância para meu trabalho cotidiano e para o desenvolvimento da minha pesquisa. Agradeço aos professores Tomas Dwyer e Mariano Laplane por me orientarem nas minhas interpretações sobre a China de um modo geral através das entrevistas e orientações em torno do processo. Agradeço aos diretores dos Institutos Confúcio da Unesp e da Unicamp, Luis Antonio Paulino e Bruno de Conti, por me acolherem amigavelmente nesta jornada do Mestrado. Agradeço também à professora Ariadne Chloe Furnival, que me incentivou e me inspirou muito como uma grande mulher, ativista e intelectual-cientista. A minha mãe, Lúcia da Costa Ferreira e ao meu pai, Cesar D’Abronzo Martinelli *in memoriam*, pela longa trajetória de formação para a vida. A minha tia, Leila da Costa Ferreira e ao meu primo-irmão, Felipe Bongiovanni, por fazerem parte da minha família real. Leila, devo muito à sua contribuição intelectual. Agradeço imensamente à minha amiga e colega Adreilde de Souza, bibliotecária do NEPAM (Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais, UNICAMP), que me ajudou muito em muitos assuntos, especialmente nas minhas empreitadas em pesquisas bibliométricas. Do mesmo modo, em empreitadas bibliométricas, agradeço muito a professora Celise Villa dos Santos. Agradeço também imensamente a minha amiga e colega Mariana Delgado Barbieri, que sempre esteve pronta para me ajudar no assunto que fosse, com a qual pude publicar um artigo que foi de suma importância para minha trajetória. Por fim, gostaria de agradecer aos funcionários do programa de Ciência, Tecnologia e Sociedade da UFSCAR.

RESUMO

A DINÂMICA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA NOS INTERCÂMBIOS ENTRE BRASIL E CHINA: O CASO DOS INSTITUTOS CONFÚCIO NO BRASIL

Este trabalho abordou o tema do intercâmbio acadêmico entre Brasil e China, especificamente o caso dos Institutos Confúcio no Brasil, através da investigação das experiências da UNESP e da UNICAMP. O objetivo foi entender como os ICs contribuem para o intercâmbio acadêmico na área de cooperação econômica e cultural entre Brasil e China e de como essas relações particulares contribuem para a estratificação social dos dois países, mexendo com a estrutura social do Brasil, em especial. Assim, entender como funciona a dinâmica da Ciência e da Tecnologia na produção de uma elite mundializada que conduzirá uma nova forma de atuação, que vai influenciar os rumos do futuro da vida em sociedade. Estudou-se os instrumentos através dos quais esses jovens estão atuando e como democratizar essa categoria, através dos Institutos Confúcio. Nesta pesquisa, fez-se pesquisas bibliográfica e bibliométrica; analisou-se os sites dos ICs da UNESP e da UNICAMP; foram analisados documentos produzidos pelos ICs; aplicou-se um questionário para entrevistas semiestruturadas com os diretores dos ICs, pessoas chave e intercambistas, através de uma metodologia multi-método, que une pesquisas quantitativas com qualitativas, através de um olhar macrofísico e microfísico. A justificativa se encontra na movimentação política, cultural e econômica proporcionada pelas relações Brasil – China, através dos BRICS. Estudou-se os programas *Ciências Sem Fronteiras*, *Idiomas Sem Fronteiras*, *Paraná Fala Inglês* por serem os modelos mais recentes de intercâmbio brasileiro, embora os ICs estejam muito ligados a programas como os do Instituto Goethe e Cervantes, só que de forma institucional, enraizada nas universidades. O Brasil possui 12 ICs e nenhum deles pretende doutrinar o *confucionismo*, mas sim difundir o idioma Mandarim, sendo assim, a experiência tem demonstrado a importância de uma avaliação das tarefas verdadeiramente bilateral diante do *soft power* chinês.

Palavras-chave: Ciência, Tecnologia e Sociedade; Institutos Confúcio; Intercâmbio Brasil-China; Soft Power.

ABSTRACT

THE DYNAMICS OF SCIENCE AND TECHNOLOGY IN EXCHANGES BETWEEN BRAZIL AND CHINA: THE CASE OF CONFUCIO INSTITUTES IN BRAZIL

This work addressed the topic of academic exchange between Brazil and China, specifically the case of Confucius Institutes in Brazil, through the investigation of the experiences of UNESP and UNICAMP. The objective was to understand how CIs contribute to academic exchange in the area of economic and cultural cooperation between Brazil and China and how these particular relations contribute to the social stratification of those two countries, affecting Brazil's social structure in particular. In the other hand, understanding how the dynamics of Science and Technology works in the production of a globalized elite that will lead a new way of acting, which will influence the direction of the future of life in society. The instruments through which these young people are working and how to democratize this category were studied through the Confucius Institutes. In this research, bibliographic and bibliometric research was done; the websites of the CIs of UNESP and UNICAMP were analyzed; documents produced by the CIs were analyzed; a questionnaire was applied for semi-structured interviews with the directors of CIs, key people and exchange students, through a multi-method methodology, which combines quantitative and qualitative researches, through a macrophysical and microphysical look. The justification is found in the political, cultural and economic movement provided by Brazil - China relations, through the BRICS. The *Ciência Sem Fronteiras*, *Idioma Sem Fronteiras* and *Paraná Fala Inglês* programs were studied because they are the most recent models of Brazilian exchange, although CIs are closely linked to programs such as those of the Goethe and Cervantes Institute, only institutionally, rooted in the universities. Brazil has 12 CIs and none of them intends to indoctrinate Confucianism, but rather to spread the Mandarin language, therefore, the experience has demonstrated the importance of a truly bilateral assessment of tasks in the face of Chinese soft power.

Keywords: Science, Technology and Society; Confucius Institutes; Brazil-China exchange; Soft Power.

LISTA DE GRÁFICOS, TABELAS E QUADROS

FIGURA 1.....	26
QUADRO 1.....	33, 34
FIGURA 2.....	43
FIGURA 3.....	58
FIGURA 4	59
FIGURA 5	60
FIGURA 6.....	61
GRÁFICO 1.....	62
GRÁFICO 2.....	62
GRÁFICO 3.....	63
GRÁFICO 4.....	64
GRÁFICO 5.....	65
GRÁFICO 6.....	66
GRÁFICO 7.....	66
GRÁFICO 8.....	68
GRÁFICO 9.....	68
GRÁFICO 10.....	69
GRÁFICO 11.....	70
GRÁFICO 12.....	71
GRÁFICO 13.....	71
FIGURA 7.....	76
QUADRO 2.....	77
QUADRO3.....	79,80

LISTA DE SIGLAS

ALcap – Área de Livre Comércio Ásia-Pacífico

AMRO – Escritório de Pesquisa Macroeconômica

Asean + 3 – Fórum que coordena cooperação entre a Associação das Nações do Sudeste Asiático (entre China, Japão e Coréia do Sul)

BJTU – Beijing Jiaotong Unievrsity

BM – Banco Mundial

BRICS – Bloco dos países de economias emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Ensino Superior

CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise de Planejamento

CEDES - Centro de Estudos de Educação e Sociedade

Celpe-Bras – Certificado de Proficiência de Língua Portuguesa

CIEPLAN – Corrpোরación de Estudios para Latinoamerica

CTI – Ciência, Tecnologia e Inovação

CTS – Ciência, Tecnologia e Sociedade

D.C. – Diplomacia Cultural

DERI – Departamento Executivo de Relações Internacionais da Unicamp

D.P. – Diplomacia Pública

EUA – Estados Unidos da América

FAAP – Fundação Armando Alvares Penteado

FGV – Fundação Getúlio Vargas

FMI – Fundo Monetário Internacional

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

F.F. – Fundação Ford

GACU – Grupo de Avaliação de Crédito Universal

HSK – Hanyu Shuiping Kaoshi (Teste de Proficiência Chinesa)

IC – Instituto Confúcio

IEL – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP

IMCM – Iniciativa Multilateral Chinag Mai/Imposto sobre circulação de mercadorias e prestação de serviços

ITA – Instituto Tecnológico de Aeronáutica

MEC – Ministério da Educação

NOTCFL – Escritório Nacional da China para o Ensino de Chinês como língua estrangeira

ONU – Organização das Nações Unidas

OAW-RUB – Instituto Alemão de Programa de Escola de Inverno

PCC – Partido Comunista Chinês

PCSF – Programa Ciência Sem Fronteiras

Pera – Parceria Econômica Regional Abrangente

PIB – Produto Interno Bruto

PISF – Programa Idioma Sem Fronteiras

PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

SBS – Sociedade Brasileira de Sociologia

TOEFL – Certificado de Proficiência em Língua Inglesa

UEPG – Univesidade Estadual de Ponta Grossa

UEPA – Universidade Estadual do Estado do Pará

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNB – Universidade de Brasília

UNESP – Universidade Estadual Paulista

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UPE – Universidade de Pernambuco

USP – Universidade Estadual de São Paulo

UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
1.1 Questões de Pesquisa e Metodologia.....	12
1.2 Ciência Chinesa.....	17
1.3 Contextualização Histórica e Econômica da China.....	20
1.4 O Paralelismo com os EUA.....	25
2. O Intercâmbio Universitário no Brasil e no Mundo: a formação de elites culturais	
2.1 Introdução.....	29
2.2 O Intercâmbio Acadêmico do Brasil com o mundo.....	30
2.3 O Intercâmbio Acadêmico do Brasil com os Estados Unidos.....	32
2.4 O Intercâmbio Acadêmico do Brasil com a França.....	34
2.5 O Intercâmbio Acadêmico e a Formação de Elites.....	35
3. Soft Power e a Hanban	
3.1 O Soft Power Chinês: controvérsia sobre os ICs.....	40
3.2A importância do Hanban.....	46
4. Produção Científica sobre os Institutos Confúcio no mundo	
4.1 A Pesquisa Bibliométrica.....	50
4.2 Gráficos em rede – dados da Web of Science.....	52
4.3 Gráficos da base de dados Scopus.....	57
5. Os Institutos Confúcio	
5.1 Os Institutos Confúcio no mundo.....	68
5.2 Os Institutos Confúcio no Brasil.....	70
5.3 O soft power no Brasil.....	75
5.4 Análise dos Sites.....	77
6. Narrativa dos Atores	
6.1 Atores em Cena.....	82
6.2 Os Institutos Confúcio e o Intercâmbio Acadêmico.....	83
6.3 Os Institutos Confúcio e o Soft Power.....	85
6.4 Os Institutos Confúcio e a Diplomacia Cultural.....	87
6.5 O Brasil e a China: o “Grupo China” da Unicamp.....	89
7. Conclusões Finais.....	92
REFERÊNCIAS.....	97
ANEXOS.....	107

*Let me take you on a trip
Around the world and back
And you won't have to move, you just sit still
Now let your mind do the walking
And let my body do the talking
Let me show you the world in my eyes*

*I'll take you to the highest mountain
To the depths of the deepest sea
We won't need a map, believe me
Now let my body do the moving
And let my hands do the soothing
Let me show you the world in my eyes*

*That's all there is
Nothing more than you can feel now
That's all there is*

*Let me put you on a ship
On a long, long trip
Your lips close to my lips
And the islands in the ocean
All the heaven's in the motion
Let me show you the world in my eyes*

*That's all there is
Nothing more than you can touch now
That's all there is*

Let me show you the world in my eyes

Depeche Mode, *The World in My Eyes*, Album *Violator*, 1990.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Questões de Pesquisa e Metodologia

Esta dissertação abordou o tema do intercâmbio acadêmico entre Brasil e China, especificamente o caso dos Institutos Confúcio no Brasil, através da investigação das experiências da UNESP e da UNICAMP. O foco da análise foi a discussão sobre a Ciência, Tecnologia e Sociedade diante de um estudo sociológico da ciência que leve em consideração o particular e o universal diante de um novo paradigma configurado em uma união entre Oriente e Ocidente, isto é, sempre tentando entender como essas relações se materializaram em termos de Ciência e Tecnologia.

Buscou-se, neste sentido, entender como funciona a dinâmica da Ciência e da Tecnologia que produzirá a nova elite mundial, diante da construção de espaços de liberdade e individuação que vão facilitar a atuação de uma nova geração de cidadãos globalizados atuantes no sistema, produtores e gestores de conhecimentos, atuantes política e intelectualmente, conscientes dos problemas ecológicos e intelectualmente com poder de influência sobre os rumos do futuro da vida em sociedade (MILLS, 1981). A ideia foi estudar os instrumentos através dos quais esses jovens estão atuando e como democratizar essa categoria, através dos Institutos Confúcio.

Neste sentido, este trabalho partiu das premissas de que: (1) os Institutos Confúcio funcionam como um espaço de liberdade e atuação para os cidadãos mundializados, em situação de intercâmbio, tanto no Brasil como na China, especialmente, diante do poder de influência política que possuem; e (2) há um espaço de formação de elites internacional

na atualidade, isto é, uma espécie de cidadania universal que coloca os intercambistas em relação a um *espaço universal*.

Assim, o **objetivo geral** e a **questão central** desta dissertação foram construídos em torno da ideia de que é preciso compreender como os ICs contribuem para o intercâmbio acadêmico na área de cooperação econômica e cultural entre Brasil e China e de como essas relações particulares contribuem para a estratificação social dos dois países, mexendo com a estrutura social do Brasil, em especial.

Os estudantes estrangeiros trariam, dentro desta perspectiva, uma diversidade cultural, social e econômica muito interessante para o Brasil tanto quanto para a China, pois passam a agregar um “*valor*” enquanto indivíduos para as sociedades em questão. Mais do que um “gasto”, eles representam investimentos na formação de uma elite futura do país dentro do aspecto da mundialização não só da economia, mas também dos indivíduos (DWYER, 2016; ORTIZ, 2000).

O fato dos estudantes agregarem valor se consolidou com os governos Lula (2003-2010) e Dilma (2011-2016), que investiram muito em educação pública através das universidades federais. A educação passou a ter “valor” exatamente enquanto ela pode ser *internacional*, o que se configura como estratégia econômica nacional. É o esforço para se ter destaque em um mundo pós americano (DWYER, 2016, p. 265; GUILHON-ALBUQUERQUE, 2014)

Assim, esta dissertação partiu das seguintes **questões específicas**: (1) O intercâmbio acadêmico entre Brasil e China vem seguindo o modelo tradicional? (2) Com a internacionalização do ensino superior da China, como se estabeleceram as relações com universidades brasileiras? (3) Como essas relações se materializaram em termos de

ciência e tecnologia? (4) Como funcionam os Institutos Confúcio, criados pelo governo chinês?

Sobre a **Metodologia**, se por um lado nossa reflexão partiu de objetos microsociais diante de uma realidade microfísica – no caso, os Institutos Confúcio da UNESP e da UNICAMP –, jamais se descolou das reflexões mais globais sobre o tema. Tratou-se, portanto, de uma espécie de dança entre o agir local e o pensar global que caracteriza no momento as atuais reflexões sobre ciência (VELHO, 2010) e que reflete o comportamento dos jovens em situação de intercâmbio (DWYER, 2016).

Nesta pesquisa, buscou-se fazer uma análise multi-método (POTEETE, OSTROM, JANSSEN, 2011; BERNARD, 2006), isto é, cruzando pesquisas qualitativas com quantitativas. Assim, do ponto de vista da análise quantitativa, o trabalho usou uma metodologia baseada no modelo de cientificidade e verdades matemáticas, através de modelos usuais como por exemplo se usa em ciências naturais. Ainda nesta perspectiva, observou-se os fenômenos em nível macro, através de padrões estruturais e tendências de larga escala. Focou-se sobre a definição do conceito, a descrição das características e a identificação das situações em que a combinação de técnicas é analiticamente desejável. Levou-se em consideração as principais recomendações da literatura e utilizou-se de exemplos de situações concretas para ilustrar como a triangulação de técnicas pode ser empregada.

A presente dissertação utilizou a pesquisa documental e a Bibliometria, possibilitando a compreensão dos intercâmbios através da busca por resultados de afinidade teórico-metodológicos através de palavras-chave de forma quantitativa (PRITCHARD, 1969; FARIA et al 2011) e interessada tanto no número de artigos

publicados por ano como na busca por nichos teóricos que se encaixavam nas palavras-chave selecionadas.

Denzin (1970) afirmou que a combinação de diferentes teorias, métodos e fontes de dados pode ajudar a superar o viés natural e humanístico que atinge estudos com abordagens singulares (*single-method, single-observer, single-theory studies*) e parece que a busca por *métodos mistos* é o destino das Ciências Sociais (DENZIN, 1970) e também dos estudos interdisciplinares (OSTROM, 2011), como é o caso do Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade da UFSCAR.

Deste modo, a estrutura desta dissertação foi delineada pelos pontos a seguir, sendo eles:

- (1) Fazer pesquisas bibliográficas para entender o intercâmbio brasileiro e chinês;
- (2) Fazer pesquisas bibliométricas para entender a produção em torno do tema dos Institutos Confúcio, do Intercâmbio Acadêmico, do *Soft Power* chinês, da Diplomacia Cultural e das relações entre Brasil e China;
- (3) Analisar os sites dos ICs da UNESP e da UNICAMP, pesquisando especialmente:
 - (a) Quem são? Missão? Natureza da colaboração universitária;
 - (b) O que oferecem?;
 - (c) Natureza dos Eventos;
 - (d) Público-alvo;
 - (e) Parcerias de Intercâmbio;
- (4) Analisar os documentos produzidos pelos dois ICs, como por exemplo, artigos acadêmicos dos diretores, cartas e documentos oficiais;
- (5) Aplicar entrevistas semiestruturadas com os diretores dos Institutos Confúcio, pessoas chave e estudantes em situação de intercâmbio com a China. Procurou-se com as entrevistas entender como funciona o intercâmbio entre Brasil e China e como esta cooperação pode resultar em um enraizamento na sociedade brasileira

das direções estabelecidas pelas metas específicas dos países asiáticos. O foco é tentar responder as perguntas específicas do Objetivo Geral.

A questão do *soft power* se sobressaiu nesta dissertação através do desenvolvimento das pesquisas feitas em torno do tema dos Institutos Confúcio, pois em todos os momentos eles representam a materialização dos interesses internacionais da China diante dos países anfitriões. Por isso, buscou-se fazer uma análise profunda de como os ICs são estabelecidos dentro das universidades, suas relações com a HANBAN (órgão do Ministério da Educação da China), e como funciona a abertura de um IC novo por exemplo.

Também, optou-se por falar primeiramente do *soft power* e das críticas feitas aos ICs para situar o capítulo específico sobre Institutos Confúcio, numa tentativa de se colocar em xeque todas essas transformações sociais, econômicas e políticas, na tentativa de elucidar o problema mas jamais se colocando ao lado dessas críticas.

A pesquisa empírica, por conseguinte, é exploratória e ilustrativa, de modo que as entrevistas serão usadas mais para análises qualitativas, a serem trianguladas com as outras técnicas em diferentes níveis de análise, diante da complexidade dos Institutos Confúcio, como por exemplo com as pesquisas bibliométrica e documental. Para além de parâmetros binários, os capítulos sobre economia, história e geografia da China vão ajudar na interpretação dos gráficos bibliométricos, juntando o aspecto quantitativo dessas pesquisas com o caráter qualitativo dos processos sociais chineses.

As entrevistas, por sua vez, marcam um ponto muito importante da trajetória da pesquisa. Buscou-se abordá-las de forma qualitativa, através de análises e interpretações, pelo fato de representarem uma dinâmica que desse conta das nuances dos sujeitos da

pesquisa, pois se tratam de pessoas muito diferentes entre si, buscando levar em consideração as diferenças culturais, o desejo (diferenciado) das populações, a diversidade na forma de recursos (naturais, humanos, financeiros) disponíveis; isto é, formas diferentes de produção de conhecimento, pois a ciência é culturalmente construída e situada e ela incorpora conhecimentos locais ao lado de universais (VELHO, 2011).

1.2 Ciência Chinesa

Antes de mais nada, é necessário compreender-se que o Oriente e o Ocidente estão baseados em fundamentos muito diferentes. Neste sentido, a ciência chinesa está baseada numa noção diferente de indivíduo (BARBIERI, MARTINELLI, 2018; GRANET, 2009; FEI, 1992). Cabe à reflexão sobre a China, do ponto de vista do Ocidente, uma tentativa trans-shumpeteriana de interpretação do que seja a sua sociedade, isto é, nunca pelas vias das teorias da democracia ocidental recorrentes¹.

Joseph Needham (1900 – 1995) foi o principal divulgador da ciência chinesa, colocando-a em *cenário mundial*. Assim, a China passou a ser melhor compreendida sob vários temas, tais como: Matemática, Aritmética e Álgebra, e também: Astronomia, Instrumentos de Medição, Ciências Geográficas, Geológicas e Meteorológicas, além da Física, da Química, da Biologia e da Ciência Agrícola e, principalmente, a Medicina Chinesa, baseada na Acupuntura. O autor, porém, abandonou os estudos de Geologia e Biologia e passou então a estudar a história da China como um todo, dado o vasto campo apresentado. Needham configurou-se, assim, como o autor-chave da ponte entre Oriente

¹ Em comunicação oral prof. Thales Haddad Novaes de Andrade, durante o 8º Congresso Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade – ESOCITE, Belo Horizonte, 2019.

e Ocidente (NEEDHAM, 2011 (a); NEEDHAM, 2011 (b); NEEDHAM, J. (c); HSING-TSUNG, 2011; WINCHESTER, 2009).

O ensino chinês que vai fundamentar a prática do intercâmbio por parte dos chineses surgiu a partir de um entendimento sobre as principais escolas filosóficas oriundas de seu país. Partindo de Confúcio (daí o nome *Institutos Confúcio*), atravessando o Taoísmo e o Maoísmo, os terminologistas e o budismo. Os chineses buscavam uma Teoria do Conhecimento e uma reflexão pertinente sobre a Filosofia da Ciência, trazendo muitas contribuições. O budismo se tornou, portanto, capaz de problematizar a Lógica e a Epistemologia, por exemplo (PESSOA, 2010; TUNG-SUN, 1977, p. 195).

As teorias naturalistas partiram, assim como o Ocidente com os pré-socráticos, de conceitos básicos que fundamentaram todos os elementos. Partindo de cinco elementos, tais como, *água, fogo, madeira, metal e terra* formaram-se as Escolas Filosóficas chinesas. As ideias de opostos que se atraem também é muito importante. As teorias do “ying e yang”, do “ativo e passivo”, da “luz e sombra” também são os fundamentos da ciência chinesa (WINCHESTER, 2009).

Neste sentido, do ponto de vista ocidental, tentar entender como a Ciência, a Tecnologia e a Inovação vão funcionar como instrumentos para se atingir objetivos socialmente definidos, através dos quais as escolhas tecnológicas, científicas e argumentativas que se dão sob a reversão de influências sociais de como o mundo pensa a ciência hoje, inclui uma interpretação de como a China pensa a Ciência.

Deste modo, diante da sociologia da ciência ocidental, autores como Thomas Kuhn (1962) são fundamentais, e a nova Ciência ou a sociologia da Ciência passou a ser culturalmente construída por esses pequenos elementos fundamentais, de forma que ela

passa a ser situada diante da incorporação de conhecimentos locais ao lado de conhecimentos universais (VELHO, 2011).

Ver gráfico abaixo:

QUADRO 1 – Paradigmas Científicos

Período Paradigma	Concepção de Ciência	Quem Produz Conhecimento	Relação C&T&I&S	Racionalidade e Foco da Política C&T&I	Análise e Avaliação
Pós-Guerra até início dos anos 60 “Ciência como Motor do Progresso”	Histórica e socialmente neutra Universal Lógica interna própria	Os cientistas (“República da Ciência”)	Linear science push	Fortalecimento da Capacidade de Pesquisa Ofertismo Foco na Política Científica	Indicadores de input Revisão por pares (a ciência de qualidade, mais cedo ou mais tarde, encontra aplicação)
Décadas de 60 e 70 “Ciência como Solução de Problemas” e “Causa de Problemas”	Neutra (?), mas controlada Debates sobre a neutralidade da ciência	Os cientistas (mas eles precisam ser direcionados e colocados em contato com “a demanda”)	Linear demand pull	Identificação de prioridades Vinculacionismo Foco na Política Tecnológica	Indicadores de output Revisão por pares Estudos (TRACES e Hindsight)
Décadas de 80 e 90 “Ciência como Fonte de Oportunidade Estratégica”	Socialmente construída Relativismo Science Wars	Cientistas e engenheiros, diretamente influenciados por uma complexa rede de atores e interesses	Modelos Interativos Conhecimento tácito integra oferta e demanda lock-in	Programas estratégicos Pesquisa colaborativa “Parcerismo” Foco na Política de Inovação	Revisão por pares ampliada Análise de Impactos Programas foresight
Século XXI “Ciência para o Bem da Sociedade”	Construtivismo moderado Estilos Nacionais Conhecimento local	Rede de Atores Diversidade de configurações Evento-dependente	Modelos Interativos Escolha social sem lock-in	Coordenação e gestão Base científica independente Foco na Política de Bem-Estar	Participação pública Sistemas Construção de cenários Avaliação exame

FONTE: VELHO, 2011.

Neste sentido, estamos no momento de criação de uma nova concepção de ciência que vai fundamentar os programas internacionais de intercâmbio no Brasil e também na China, mas também as concepções de Estudos Sociais da Ciência, Ciência Chinesa e

Sociologia da Ciência na China e na América Latina. Segundo Kuhn (1962), o último paradigma da “Ciência para o Bem da Sociedade” ainda está em construção. Trata-se de um enfoque mais microfísico, mais “nacional”, de modo que se pensa globalmente, mas se age localmente (STIGLITZ, 1993)².

Ainda segundo a linha de raciocínio de Velho, o conhecimento passa a levar em consideração as diferenças culturais, o desejo (diferenciado) das populações, a diversidade na forma de recursos (naturais, humanos, financeiros) disponíveis; isto é, formas diferentes de produção de conhecimento, pois a ciência é culturalmente construída e situada e ela incorpora conhecimentos locais ao lado de universais³.

1.3 Contextualização Histórica e Econômica da China

Essa investigação justifica-se em um contexto de intenso movimento social, político e econômico que caracterizou as últimas décadas no Brasil e no mundo em se estabelecer uma ponte entre diferentes países como, por exemplo, a pujante sociedade chinesa. No caso do Brasil, assistiu-se a uma dinâmica intensa de esforços para compreender sua história, cultura e economia. Nesta pesquisa partiu-se da premissa de que, mesmo que de forma breve, parece necessário enfrentar os objetivos expostos anteriormente a partir da compreensão da rede que vem se formando não só no plano econômico, mas no plano da ciência, da tecnologia e da inovação. O vetor inovação cabe

² “Think globally, act locally”.

³ FULLER, 1999; COLLINS & EVANS, 2002; SANTOS, 2003; JASANOFF, 2004 e LATOUR, 2005.

aqui como categoria primordial de análise do nosso objeto, porque é um ponto forte das propostas de intercâmbio e cooperação, ou um dos elementos do processo de inovação.

A China é uma das civilizações mais antigas do mundo. Surgiu em Cidades-Estados no vale do Rio Amarelo (Huang He ou Huang Ho). Através de um controle burocrático centralizado historicamente surgiram os impérios chineses e, com a imposição de um sistema de escrita comum (o Mandarim), houve uma unificação entre as Cidades-estados. A fragmentação desse Império levou ao domínio dos mongóis e de outras nações estrangeiras (FAIRBANK, 2006).

A geografia chinesa é também uma forte fonte do conhecimento da cultura chinesa. Ao Norte, o clima é frio e seco, levando a uma alta produção de trigo. A população é densa e a produção ocorre pelo enorme esforço humano, com muito pouco uso da técnica, o que os leva a um sistema de cooperação, tanto no Norte quanto no sul. No Sul, o clima é quente e úmido, tendo sua geografia delineada por montanhas e vales. O clima de pântanos favorece a produção de arroz, hoje também cultivada no Norte graças ao fato de que o Sul compartilha de sua água (FAIRBANK, 2006).

A China é o maior país da Ásia oriental e o mais populoso do mundo. Possuía em 2016 mais de 1,36 bilhão de habitantes, um quinto da população terrestre. É uma república socialista, governada pelo Partido Comunista da China (PCC), tendo um sistema unipartidário que orienta 22 províncias, cuja capital é Pequim. Organiza-se historicamente por monarquias hereditárias (dinastias), tendo seu início com a semi-mitológica Xia (aproximadamente 2000 a.C.) e a queda com a decaída dos Qing em 1911 (FAIRBANK, 2006).

De 1946 a 1949 aconteceu a Guerra Civil Chinesa, quando o Partido Comunista derrotou o grupo nacionalista, estabelecendo a República Popular da China em 1º de outubro de 1949 (COGGIOLA, 1986). Nas primeiras décadas dos anos 2000 a China era uma das economias em mais rápido crescimento, sendo o maior exportador e o 3º maior importador. A industrialização reduziu radicalmente a taxa de pobreza de 53% (1981) para 8% (2001). Atualmente, a China tem mais de 150 milhões de pobres⁴. É a 2ª maior economia do mundo e mantém posições muito importantes na geopolítica mundial. É membro permanente do Conselho de Segurança da ONU e de várias organizações multilaterais como a Organização Mundial do Comércio, a Cooperação Econômica Ásia-Pacífico, o Grupo dos Vinte, o BRICS e a Organização para Cooperação de Xangai. Nesse período já era uma potência nuclear e possuía o maior exército do mundo⁵.

Todavia, com a modernização houve uma abertura para o Ocidente. Os chineses passaram então a estudar na França, na Inglaterra, incorporando, assim, elementos ocidentais e os arraigando profundamente na sua estrutura social. Conceitos como “nacionalismo”, “marxismo”, “comunismo”, “nação” são estritamente ocidentais, não são categorias nativas⁶. O fato de se proclamarem uma “república” popular da China é mais uma evidência dessa abertura. Surgiu então a questão: como os asiáticos se posicionam diante do Ocidente? Como entender historicamente a China sem cair no etnocentrismo? – isto é, sem impor uma leitura ocidental diante de conceitos orientais? Daí a importância do ensino do Mandarim, pois só podemos entender a China se dominarmos seu idioma.

Deste modo, diante do problema da abertura da economia, o que se mostra central na literatura é: tudo está vinculado à questão da *industrialização*, afinal estamos *diante*

⁴ Exame.com, acesso 05/10/2015

⁵ Fonte: tecmundo.com. Acesso em 09/09/2015.

⁶ Em comunicação oral prof. Valeriano Mendes Ferreira Costa, disciplina “Brasil – China”, 2016.

de uma nova Revolução Industrial (MEDEIROS, C. A. 1999; FREEMAN & SOETE, 2008). Há quem diga que a industrialização foi em grande parte forçada⁷. O padrão de industrialização que nasceu no final do século XIX exigia: a) elevados investimentos de capital fixo; b) coordenação adequada às demandas do mercado; c) fontes de financiamento; e d) ofertas de mão-de-obra e modernização agrícola (MEDEIROS, 1999).

Ora, com a modernização do campo e suas consequências, abriu-se um leque de novos empregos nas cidades e a produtividade industrial passou a girar em torno de um aumento significativo de produção e aumento dos salários. Uma indústria que começou com aço, química e equipamentos elétricos, com o tempo passou a se especializar fortemente. A indústria têxtil ganhou um lugar privilegiado, oferecendo mão-de-obra barata diante de um mercado cada vez mais especializado. A sofisticação das exportações da China passou, assim, a influenciar a economia global (MEDEIROS, 2013).

A partir de 1978, o governo central promoveu uma *liberalização* da comercialização da agricultura familiar. As consequências disso foram a elevação da renda e da produtividade agrícola com a possibilidade de manutenção de excedentes, combinação de trabalho na manufatura com manutenção de residência na área rural; ordenamento das atividades urbanas, *industrialização com êxito da área rural*, entre outros. A partir da década de 1990, algumas reformas econômicas foram feitas, tais como: reformas fiscais, modernização das empresas estatais, privatização das empresas menores e menos importantes, reforma do sistema financeiro e bancário, incentivo na indústria

⁷ “Big Push”, tal como ficou conhecido em 1953 em diante, é o sinônimo da industrialização forçada que ocorreu na China. Em comunicação oral prof. Célio Hiratuka, disciplina “Brasil – China”, 2016.

leve (por exemplo, a têxtil), possibilidade de se demitir funcionários - sempre operando cada vez mais como capitalistas (MEDEIROS, 2013).

A partir de 1980, houve uma abertura comercial significativa. A China se reaproximou dos Estados Unidos e passou a ter tratamento preferencial em incentivos fiscais nas exportações, por exemplo. A mudança nas estratégias das grandes empresas globais (em especial a eletrônica e na área tecnológica) baratearam a mão-de-obra, que muitas vezes foi e continua sendo escrava e com exploração infantil (SPRINGUT; SCHLAIKJER; CHEN, 2011; PINHEIRO-MACHADO 2011; PINHEIRO-MACHADO 2008).

Deste modo, diante da globalização econômica, a China se viu na necessidade de ter marcas próprias, tais como a Xiaomi⁸ ou a Lifan⁹, por exemplo. O vetor da *inovação* passou a ser fundamental nas estratégias do governo chinês e a industrialização passou a ser fortemente fomentada pelo Estado. Assim, de 2000 a 2008 (MEDEIROS, 2013) ocorreu um *boom* de exportações, o que levou a um efeito brutal na economia global. Aliando *exportação mais investimento interno*, a China passou a ser uma potência mundial com padrão de vida “ocidental”, de grandes centros urbanos e economia totalmente industrializada, mesmo havendo ainda muita pobreza. Neste sentido, o aumento explosivo de 1991 a 2013 da participação da China no produto manufatureiro mundial levou a um crescimento do *vetor-exportação* aliado ao *vetor-infraestrutura*, de modo que um não poderia ocorrer sem o outro (MEDEIROS, 2013). E, assim, o *vetor-inovação* se vê diante da problemática ambiental, como questionador desse desenvolvimento desenfreado. A

⁸ A Xiaomi é uma empresa chinesa fundada em 2010 e atualmente é liderada por um brasileiro. A Xiaomi estreou no Brasil em julho de 2015 com o smartphone Redmi2, vendido como um dos preços mais competitivos do mercado nacional.

⁹ A Lifan é um dos maiores grupos privados da China. Com pouco mais de 20 anos de existência, a Lifan já atua em 165 mercados no mundo e é a segunda marca em exportação de automóveis da China

inovação passou então a ser questionada pelos limites ambientais como questionador dessa economia tão importante (FERREIRA, Leila C.; BARBI, 2014¹⁰).

1.4 O paralelismo com os EUA

No livro de Oliver Stuenkel “*The Post Western World*” (2016), a tese central está em torno da ideia de um ocidentocentrismo que caracteriza a principal razão da ascensão chinesa no mundo contemporâneo. Neste sentido, a China e sua responsabilidade com a atual ordem global está contribuindo para a criação de um mundo paralelo, algo que certamente vem desestruturar o chamado “ocidentocentrismo”. Assim, segundo Stuenkel (2016), a China está preparando um terreno fértil para substituir a liderança dos EUA em pouco tempo e isso vai afetar diretamente o papel dos Institutos Confúcio no mundo e no Brasil.

Para começar, a China criou o Novo Banco de Desenvolvimento liderado pelos BRICS, que possui uma agenda revisionista e questiona a legitimidade do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional. Entretanto, a ideia não é desafiar o sistema existente, mas aperfeiçoar e complementar o sistema à moda chinesa (KAMATH apud STUENKEL, 2018).

O país criou entre outras coisas, o Centro Financeiro Global de Xangai; a IMCM, a iniciativa multilateral Chiang Mai; o Sistema de Pagamento Internacional da China; a China *UnionPay*; o Grupo de Avaliação de Crédito Universal (GACU); o Asean + 3, que é um fórum que coordena a cooperação entre a Associação de Nações do Sudeste

¹⁰ E também em comunicação oral com prof. André Furtado, disciplina Brasil-China, Unicamp 2016.

Asiático, entre China, Japão e Coréia do Sul; o Escritório de Pesquisa Macroeconômica (AMRO); a Parceria Econômica Regional Abrangente (Pera); a Área de Livre Comércio Ásia-Pacífico (ALcap); o grupo de Cooperação Crescente entre nações do Sul Global e os BRICS, através do qual pretende discutir a possibilidade de instituir a sua própria agência de classificação de crédito

Assim, a compreensão de que as potências emergentes vão minar as instituições ocidentais e enfraquecer as regras e normas que a suportam é certamente falsa. Deste modo, potências como a China e a Índia não devem ser vistas como estranhas. Os BRICs, portanto, não propõe regras novas, mas a China, por exemplo, busca rivalizar o estilo de liderança dos EUA.

O FMI, o Banco Mundial e a sede da Organização das Nações Unidas se localizam em território norte-americano, sendo possível favorecer ou desfavorecer certos governos. Neste sentido, podem haver privilégios nas instituições norte-americanas e, até mesmo, a possibilidade de se burlar os formulários de autorização quando o interesse nacional está em jogo (STUENKEL, 2018, p. 129).

Ainda segundo Stuenkel (2018), a China quer, por conseguinte, cavar seu próprio espaço institucional, questionando o projeto internacionalista liberal. Mas o Ocidente insiste em dizer que as potências emergentes “não estão prontas” para assumir a liderança (STUENKEL, 2018, p. 193). Assim, ao invés de questionar os preceitos intelectuais que sustentam a ordem internacional, os países emergentes querem criar um sistema multilateral no qual as mesmas regras se apliquem a todos. Eles não querem “quebrar as regras” e a China jamais poderá se dar ao luxo de ser interpretada como uma “transgressora global”. Eles querem ir em direção ao multilateralismo global competitivo.

A ideia de multilateralismo competitivo evita a escolha clara de ir sozinho ou ir para as Nações Unidas. A América ainda tem que apoiar as propostas das Nações Unidas: trata-se de uma aliança histórica, produto da Segunda Guerra Mundial, e continua a ser a única organização política a incluir todos. A América usufrui de prerrogativas como membro permanente do Conselho de Segurança, e seria difícil ganhá-las novamente. Mas nós temos uma flexibilidade em relação a como escolhemos abordar a cooperação internacional (WEDGWOOD, R, 2005).

Por isso, a capacidade do Ocidente de usar as regras e instituições a seu favor e de se unir em períodos cruciais certamente prolongou sua influência na governança global, sendo que nem mesmo os BRICs têm muita facilidade em alinhar seus interesses. Assim, as potências emergentes aceitam as características liberais da ordem global e estão propensas a mantê-las, mexendo apenas na hierarquia que alicerça esse sistema. Daí o surgimento de novas instituições como os Institutos Confúcio.

A China quer “jogar no seu próprio campo” e o mundo está cada vez mais diversificado, de modo que se pergunta:

Why should the US establish rules for the internet when most of the internet traffic no longer involves Americans? (FINANCIAL TIMES, 2014.)

Entretanto, mais do que fazer a revolução, a China está em busca de agir diante da governança global, dependendo mais de reforma e evolução do que de revolução. Assim, nenhuma das potências emergentes (ou reemergentes como a Rússia e a China) manifestou objetivos revolucionários no tocante à reordenação do sistema internacional. Elas são mais não-ocidentais do que anti-ocidentais. Portanto, é improvável que a ascensão de uma ordem paralela seja uma ameaça para as regras e normas da ordem de hoje, embora haja perigo nas transições de poder. Não vai haver um “caos ocidental” como alguns pensam, mas uma substituição gradual de domínios políticos, sociais e econômicos (STUENKEL, 2018)

Deste modo, a ascensão econômica do “resto”, sobretudo da China, vai permitir que ela aumente sua capacidade militar e, por fim, o seu *soft power*, seu *hard power*¹¹ e sua influência internacional. Mas a China não tem “muitos amigos”, então à medida que ela for crescendo economicamente ela conquistará novos amigos e aliados da mesma forma como aconteceu non Ocidente no passado. Assim, mesmo que o *soft power* da China na Europa e nos EUA seja um fracasso, a estratégia de *soft power* da China jamais vai fracassar em nível global.

Afinal, tal como afirmou em sua palestra no 3º Seminário Pesquisar China Contemporânea (UNICAMP, 2018), Xue Li, do *Institute of World Economics ans Politics*, a China tem um programa que parece bem mais atrativo que o dos EUA. Eles querem ser pacifistas, eles não querem colonizar, eles não querem impor sua cultura e sua política a outros países, eles não querem sistemas de alianças, eles querem no plano econômico engendrar o maior número de países, eles não querem impor o seu exército, eles apostam em relações duradouras como os ICs¹². Claro que isso tudo deve ser muito bem analisado e não podemos cair numa falta de análise sobre aquilo que a China diz que vai fazer e aquilo que ela realmente está fazendo.

¹¹ A definição dos conceitos de *hard power* e *soft power* serão melhor trabalhados no capítulo 3 e 5 desta dissertação.

¹² Em comunicação oral, 3º Seminário Pesquisar China Contemporânea e 2º Encontro da Rede de Estudos Brasil-China, palestra de Xue Li, do Institute of World Economics ans Politics - CASS.

2. O INTERCÂMBIO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO: A FORMAÇÃO DE ELITES CULTURAIS

2.1 Introdução

A rede de intercambistas aponta para o surgimento de uma elite intelectual, que qualifica os estudantes como *melhores do que outros* diante das oportunidades que possuem, através de um status que os prestigia em relação aos demais. Xavier de Brito (2000) apontou para o surgimento dos “estudantes-migrantes”, posicionados diante do mundo e não somente da comunidade ou tribo, representando também o surgimento de uma hierarquização que polariza o campo acadêmico de forma geral. São os cidadãos metropolitanos de Wright Mills (1981). Por Elite denomina-se uma minoria que detém o prestígio e o domínio sobre o grupo social, ou o que há de mais valorizado e de melhor qualidade, especialmente em um determinado grupo social (XAVIER DE BRITO, 2000; MILLS, 1981).

A importância do estudo das elites – e não das minorias – possibilitou e possibilita uma melhor compreensão da possibilidade de se democratizar as ferramentas de intercâmbio entre universidades chinesas e brasileiras. Neste sentido, esta pesquisa abordou os programas de intercâmbio como formas de ascensão social, uma vez que eles colocam os estudantes diante de uma comunidade internacional, gerando um *status* que ele não possuía antes (MILLS, 1981). Este assunto vai ser melhor trabalhado no item 2.5 deste capítulo.

No caso brasileiro, programas como o *Ciências Sem Fronteiras, Idiomas Sem Fronteiras, Paraná Fala Inglês* e os *Institutos Confúcio* fomentaram o surgimento desses

cidadãos mundializados e, por serem os programas mais recentes do Brasil, tiveram uma atenção especial.

A Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, já possuía curso de graduação de língua chinesa há muitos anos. Algumas das melhores escolas privadas do fundamental de São Paulo ofereciam e oferecem cursos de língua chinesa. Escolas privadas de idiomas oferecem o curso de Mandarim (PAULINO, 2019).

A Bibliometria possibilitou, assim, a compreensão do fortalecimento dos intercâmbios através da busca por resultados de nichos teórico-metodológicos de afinidade de estudos através de palavras-chave, que circunscrevem a atuação das universidades do mundo todo. O Mercosul, tal como uma zona de livre comércio, favoreceu o surgimento de intercâmbios, pois privilegiou a cooperação em C&T, tentando superar as dependências dos países com tecnologias mais desenvolvidas (VELHO, 2010).

2.2 O Intercâmbio Acadêmico do Brasil com o mundo

O compartilhamento de informações e conhecimentos entre pesquisadores internacionais é a base do desenvolvimento científico e tecnológico. Esse compartilhamento de conhecimento leva à mobilidade internacional e à cooperação entre países. As universidades são, deste modo, espaços de troca de conhecimento e de criação de redes de cooperação, que vão influenciar diretamente o desenvolvimento das tecnologias e da produção científica.

Assim, o *Programa Ciências Sem Fronteiras* (PCSF) destacou-se como um dos maiores programas governamentais para o intercâmbio do Brasil com o mundo. Tratava-

se de um programa que oferecia apoio financeiro para projetos de pesquisa que visassem, por meio do intercâmbio, da mobilidade internacional e da cooperação científica e tecnológica, promover a consolidação, a expansão e a internacionalização da ciência, da tecnologia e da competitividade do país. O objetivo era propiciar a formação e a capacitação de pessoas com elevada qualificação em instituições estrangeiras de excelência e atrair para o Brasil jovens talentos e pesquisadores estrangeiros de alta qualificação. A intenção era atrair, até o ano de 2015, 2.000 pesquisadores visitantes (QUEIROZ *et al.*, 2015, p.151).

Deste modo, como fluxo internacional acadêmico, a globalização rendeu um novo significado para as relações econômicas e culturais, através da qual a competitividade, a integração e a colaboração vêm significar um novo *modus operandi* das esferas sociais. A mobilidade acadêmica seria vista como resultado de uma aliança entre Educação Superior e Ciência, e o intercâmbio cultural ocorria especialmente nos seguintes destinos: Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, Canadá e Austrália, o que resultou em mais de 50% do fluxo estrangeiro (LOMBAS, 2017, p. 312 - 314).

Daí surgiram também iniciativas como o programa *Idiomas Sem Fronteiras (PISF)*, um programa do Ministério da Educação (MEC) criado em 2012, que pretendia promover o desenvolvimento de habilidades extremamente valorizadas no mundo contemporâneo, dominando a língua estrangeira, o conhecimento das culturas de outros povos, promovendo capacidade de adaptação às mudanças, a flexibilidade e abertura para novas informações e novas formas de aprender, encorajando professores, acadêmicos e pós-graduandos.

Uma experiência brasileira também bastante importante foi o programa *Paraná Fala Inglês*, da UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa), que resultou numa experiência muito frutífera na área de mobilidade internacional. Assim, através da internacionalização, a ideia era ampliar os horizontes do Ensino Superior, tornando-o acessível aos diferentes estratos sociais e, globalizado. Portanto, o programa se dava pela importância do estudo de outros idiomas, ampliando o espectro do estudo de línguas inglesas e latinas, dando importância também ao mandarim, por exemplo, amplamente difundido pelos Institutos Confúcio.

2.3 O Intercâmbio Acadêmico do Brasil com os Estados Unidos

Segundo o site da *National Science Foundation*¹³, na década de 1980, os Estados Unidos tinham 50.000 do contingente de estudantes norte-americanos em formação de pós-graduação fora do país. Em 2008, 130.000 estudantes com visto temporário estavam inscritos principalmente nos cursos das Ciências, Engenharia e Saúde. Entre 2008 a 2009, 115.000 estrangeiros foram inseridos exclusivamente nos programas de doutorado.

Diante do aumento da demanda global por ensino superior, o fluxo internacional na atualidade chama a atenção não somente pela magnitude, mas também pelas características que estão assumindo.

O intercâmbio possibilita, desta forma, a incorporação de conhecimentos sobre outras culturas, o que traz um “traço cosmopolita” (LOMBAS, 2009), capaz de induzir

¹³ <https://www.nsf.gov/>. Trata-se de uma agência governamental dos Estados Unidos independente que promove a pesquisa e educação fundamental em todos os campos da ciência e engenharia

empatia diante do diferente. Em suma, havia uma tentativa de produzir um tipo de *elite*, que englobava tanto um comportamento local quanto global. Isso poderia resultar, posteriormente, na excelência da qualificação e na construção de centros produtores de conhecimento de ponta. Assim, foi necessário um processo contínuo de inserção internacional, através da circulação transnacional de pessoas altamente qualificadas, isto é, um *brain circulation*.

Portanto, a exposição internacional passou a refletir relações interculturais de troca de conhecimentos e contatos profissionais, através de redes, o que resultou pelo menos em tese numa transcendência do indivíduo atômico ocidental, isto é, numa transcendência do ser metafísico tradicional (BARBIERI, MARTINELLI, 2018; GRANET, 2009; FEI, 1992). Neste sentido, China e Índia mostraram-se exemplares no envio de universitários para países do Ocidente, inclusive no caso dos Institutos Confúcio.

De forma parecida, a União Europeia (EU) tem, igualmente, mantido programas de incentivo à mobilidade acadêmica dentro dos países membros. Por outro lado, em 2011, os EUA lançaram o programa *100.000 Strong in the Americas*, visando aumentar o intercâmbio cultural estudantil do continente interamericano. A ideia era esperar, até 2020, 100.000 *estudantes* de outros países das Américas e enviar 100.000 estudantes para esses países¹⁴.

Há também dados a se destacar, como por exemplo, o fato de que o número de homens até os anos 2000, segundo Xavier de Brito (2000), era maior na ciência e na área do intercâmbio cultural do que o das mulheres, dado o fato de que a maior parte do intercâmbio se encontra nos cursos de doutorado e *pós-doc*, momento em que

¹⁴ <https://www.state.gov/> - Departamento de Defesa dos EUA, acesso 30/05/2019.

normalmente as mulheres se veem diante de obrigações familiares. Essa observação precisa ser ponderada uma vez que nem todas as mulheres deixam de fazer pós-graduação por trabalhar ou por ter filhos e estarem constituindo família. Atualmente, possivelmente esse número seja diferente.

2.4 O Intercâmbio Acadêmico do Brasil com a França

Todavia, o intercâmbio cultural nem sempre foi visto com bons olhos, especialmente pelos franceses. Para as universidades francesas, a mobilidade internacional dos estudantes marca um período de mercantilização do Ensino Superior, isto é, de uma forma de massificação do perfil dos estudantes e de esforços orçamentários astronômicos. A França temia, assim, a “fuga de seus cérebros” e uma onda crescente de um certo *neoliberalismo* do setor de mobilidade internacional. O país propunha, deste modo, uma temática progressista, que trabalhasse com ideias como a *liberdade de escolha, autonomia intelectual e promoção social aberta a todos*. Assim, a mobilidade internacional surgiu diante da necessidade de uma democratização da profissionalização e da autonomia (CHARLE *et al*, 2004).

Portanto, a França coloca, através de sua literatura, problemas estruturais referentes aos problemas enfrentados pelas universidades, os programas de intercâmbio e dentro desta reflexão. Por exemplo: (1) Qual a vocação da universidade?; (2) Como a universidade se transforma diante de uma concepção puramente utilitária e instrumental, ameaçando a ideia de liberdade intelectual?; (3) Como profissionalizar de forma democrática?; (4) Qual o papel dos reitores diante dessa mercantilização do aluno (visto

enquanto agregador de valor)?; (5) Como serão esses estudantes no futuro: “clientes” da empresa universidade?

Essa reflexão sobre os intercâmbios francês e americano é pertinente, no sentido de se refletir sobre como o modelo dos Institutos Confúcio vem se transformando em uma alternativa aos modelos convencionais. Afinal, o Brasil até então estava envolvido principalmente com intercâmbio com EUA e França, tradicionalmente um destino muito comum entre os pesquisadores brasileiros. Ademais, os modelos tradicionais de intercâmbio seguem os modelos da França e dos Estados Unidos. No entanto, esta pesquisa apontou para o fato de que os ICs têm um modelo próprio de intercâmbio, que não se configurou em contraste aos modelos convencionais, por isso o aprofundamento dos estudos sobre os modelos americano e francês não se mostraram úteis para a compreensão sobre o intercâmbio entre Brasil e China através dos ICs.

2.5 O Intercâmbio Acadêmico e a Formação de Elites

O ponto que se destaca na discussão para o interesse da presente pesquisa tem sido como formar um perfil da formação do estudante universitário tanto brasileiro como chinês, que é produto de uma estratégia de manutenção do *status* e uma possibilidade de ascensão pela via escolar (XAVIER DE BRITO, 2000; MILLS, 1981).

Deste modo, o intercâmbio cultural funcionaria como um fôlego na carreira do bolsista, como se ele precisasse *sair para respirar*. Funcionaria também como um absorvente de práticas em vigor nos departamentos em que os bolsistas trabalham, próprios aos países onde o campo intelectual está subordinado ao campo político, em que

o bolsista adquire experiência capaz de enriquecer práticas no Brasil, por exemplo. Tal como aponta Weber (1979, p. 89-97 e 98-154), o intelectual funciona como um *missionário*, atraído por aquilo que se compreende dentro de uma *vocação* específica. É possível, portanto, compreender historicamente o intercâmbio cultural a partir do desenvolvimento dos departamentos universitários (ARANTES, 1994).

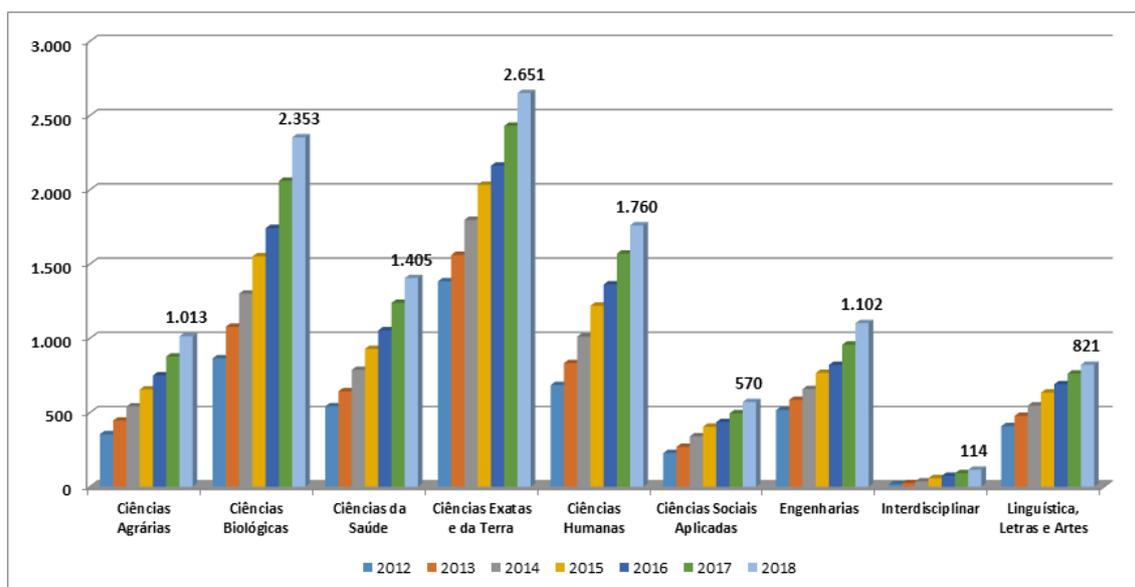
Assim, em 1984, 50% dos estudantes em situação de intercâmbio no Brasil eram filhos de professores ou funcionários; 18% filhos de empresários e 13% filhos de funcionários médios (XAVIER DE BRITO, 2000, p. 158). O estudante que ia para exterior era considerado uma *elite da sociedade*, pois passava por um processo de seleção feroz em que o diploma era considerado um diferencial para a entrada nesta chamada *elite de poder*. Como dito anteriormente na introdução, como elite entende-se uma minoria que detém o prestígio e o domínio sobre o grupo social, ou o que há de mais valorizado e de melhor qualidade, especialmente em um determinado grupo social.

Entretanto, obter o diploma não garante a entrada definitiva do bolsista na elite, mas sim a entrada em um chamado *habitus cosmopolita*, tal como aponta Bourdieu (2004), movimentado quase sempre por uma *comunidade científica internacional*. Determinando-se, assim, critérios internacionais de carreira ou socialização de modelos internacionais de ciência. Segundo Velho (2011), a própria evolução histórica das Políticas em Ciência, Tecnologia e Inovação dependem intimamente do conceito dominante de ciência, ou seja, quando o conceito de ciência tende a ser internacional, as políticas em C, T e I também tendem a ser internacionais (VELHO, 2011).

As bolsas sanduíche foram introduzidas no Brasil somente por volta da década de 1990, e foram ganhando progressivamente importância como instrumento de

intercâmbio, superando as bolsas de doutorado (XAVIER DE BRITO, 2000). Um gráfico importante para se entender o número de bolsas por área de conhecimento é o seguinte:

FIGURA 2 - Registros de Bolsas no Exterior, por Áreas do Conhecimento (2012-2018)



FONTE: FAPESP, 2018.

Na distribuição dos registros de Bolsas no Exterior (total de 11.789 registros), na Biblioteca Virtual da FAPESP, as seguintes áreas do conhecimento apresentam maior concentração: Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas e Ciências Humanas. (Dados até 31/12/2018).

Abre-se aqui um leque que aponta para transformações do poder em escala mundial, mesmo que a configuração social internacional seja constituída a partir de recursos de poder e esquemas de pensamentos forjados em espaços nacionais. A ideia do intercâmbio é exatamente a de *abrir a cabeça* e o domínio primeiramente da língua portuguesa leva o bolsista às melhores interpretações da experiência e da ciência

internacional, tal como aponta Ana Maria F. Almeida (2004), de modo que o domínio da língua estrangeira depende do nível de domínio sobre a língua-mãe.

Angela Xavier de Brito (2004) aponta para dois tipos principais de itinerários: (a) itinerário do herdeiro e, (b) itinerário da ascensão social pela via escolar. Assim, a partir da década de 1970, a ideia era entender como o Estado brasileiro vinha sustentando as reconversões da elite dirigente diante, por exemplo, da expansão dos cursos de MBA¹⁵.

Ainda na análise de Xavier de Brito, o herdeiro é aquele que adquire e participa de um determinado *capital cultural*, no sentido bourdieutiano, vindo da família, tendo naturalidade diante da cultura erudita e vocação precoce para a ciência, diante de uma função dupla: de um lado, presente no *habitus local*, mas também no *habitus internacional*. A hipótese da autora é que uma fração de estudantes brasileiros foi submetida a influências precoces que os dotaram de um *habitus de migrante*. Esses “estudantes-migrantes” passaram a ter familiaridade com grandes deslocamentos espaciais em que as origens sociais não são o único critério de classificação dos indivíduos (BOURDIEU, 2004; XAVIER DE BRITO, 2000, p. 155-159).

Neste sentido, o conceito dominante de ciência modela as políticas de C, T e I através de paradigmas delineadores dos processos de evolução de suas políticas. Ele relaciona principalmente os focos, os instrumentos e as formas de gestão implementadas. Tudo isso no sentido de se perguntar: Quem produz o conhecimento científico? Como é a visão das relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade? Quais as lógicas e os focos

¹⁵ *Master of Business Administration*.

das Políticas de C, T e I no Brasil e, por fim, quais os instrumentos de análise de políticas e de avaliação? (VELHO, 2011).

3. SOFT POWER E A HANBAN

3.1 O Soft Power Chinês: controvérsia sobre os ICs

Um IC não vai doutrinar o *confucionismo*, e a experiência tem demonstrado a importância de uma avaliação das tarefas verdadeiramente *bilateral*. Kuan (2013) demonstra através de seus dados que o sucesso de cada IC depende de como cada site vai projetar a imagem do IC a partir do contexto de cada grupo (ou site).

Em geral, os cientistas políticos consideram o poder de influência de um país de dois modos: o *hard power* e o *soft power*. A primeira, se dá pelo exercício do poder econômico e bélico; isto é, pelo uso da força, da coerção, do mercado, um tipo de dominação comum em toda a história do mundo. Já o *soft power* é o poder da influência sutil (“suave”, da tradução), do convencimento, do *way of life*, do imaginário dos demais povos sobre o nosso povo ou país (ALMEIDA, 2018).

Soft power (em português, poder brando, suave) é uma expressão usada na teoria das relações internacionais para descrever a habilidade de um corpo político - um Estado, por exemplo - para influenciar indiretamente o comportamento ou interesses de outros corpos políticos por meios culturais ou ideológicos. O termo foi usado pela primeira vez pelo professor de *Harvard*, Joseph Nye, no final dos anos 1980. Ele desenvolveu o conceito em seu livro *Soft Power: The Means to Success in World Politics*¹⁶. Embora sua utilidade como teoria descritiva tenha sido contestada, por se tratar de um conceito ambíguo, a expressão *soft power* entrou, desde então, no discurso político como uma

¹⁶ NYE, J., *Soft Power: The Means to Success in World Politics*, 2004.

maneira de distinguir os efeitos sutis de culturas, valores e ideias no comportamento de outros¹⁷.

Segundo Kuper (2002), controvérsias sobre o Instituto Confúcio que foram divulgadas pela imprensa americana, australiana e canadense, entre outras, incluíam a crítica de que, ao contrário de outras organizações governamentais de promoção linguística e cultural, os Institutos Confúcio operam no interior de universidades, faculdades e escolas secundárias em todo o mundo, fornecendo financiamento, professores e materiais educacionais. Esse tipo de inserção tem levantado preocupações a respeito de seu poder de influência sobre a liberdade acadêmica, a possibilidade de espionagem industrial. Além disso, o autor comenta que tem havido uma grande preocupação com a visão seletiva e politizada da China oferecida pelo Instituto como um meio de promover internacionalmente o *soft power* do país.

A recente decisão da Universidade de Chicago de encerrar as atividades do Instituto Confúcio local não é caso isolado: no final de 2013, a Associação Canadense de Professores Universitários (*Canadian Association of University Teachers*) fez um apelo para que as universidades daquele país encerrassem os acordos em vigência e para que não se criassem mais Institutos Confúcio. De dentro da própria Universidade de Chicago as críticas vinham se somando, e uma centena de professores assinou uma petição urgindo pelo fim do instituto chinês. Em outubro de 2013, o antropólogo Marshall Sahlins, professor emérito da Universidade de Chicago, escreveu um longo artigo na revista *The*

¹⁷ Resenha elaborada por G. John Ikenberry. *Foreign Affairs*, maio-junho de 2004

*Nation*¹⁸, em que pontuava suas principais críticas ao IC em Chicago, fazendo referência a problemas semelhantes em outras universidades na América do Norte¹⁹.

Outra crítica que incide sobre os ICs é que eles ensinam exclusivamente a língua Mandarim e os caracteres simplificados adotados apenas na República Popular da China. Os estudantes não têm a oportunidade de aprender os caracteres usados em outras comunidades chinesas, como Taiwan e Hong Kong, por exemplo²⁰.

Segundo pesquisa bibliográfica efetuada junto à área de Relações Internacionais, trabalhos como o de Shuto (2018), focam-se nos temas relacionados ao tipo de relação bilateral estabelecida entre os ICs e os países anfitriões, caracterizada por uma visão “politicamente correta” da China, um tipo de *soft power*. Esse estilo *soft power* é sempre visto como foco central da estratégia chinesa de se relacionar com outros países. Outro dado importante dessas publicações é que os ICs estão quase sempre atrelados ao tema da Diplomacia Pública, que engloba todas as outras diplomacias (como por exemplo, a Diplomacia Científica e a Diplomacia Cultural). Ou seja, quase sempre o governo chinês está muito preocupado com a imagem que vai gerar em cada país, mesmo dentro das universidades.

Embora as autoridades chinesas sejam cautelosas em não permitir que os Institutos Confúcio ajam como promotores diretos do ponto de vista político do partido, alguns autores (SHUTO, 2018) sugerem que eles acabam funcionando dessa maneira. Peng Ming-min, um político e ativista do movimento de independência de Taiwan afirma que

¹⁸ <https://www.thenation.com/article/china-u/>, acesso em 28/05/2019.

¹⁹ ¹⁹ Um bom artigo a respeito da crítica aos ICs é o <https://xadrezverbal.com/2014/10/15/instituto-confucio-a-china-e-as-universidades/>, acesso 28/05/2019

²⁰ MING-MIN, Peng, “China picks pockets of academics worldwide”. Taipei Times, 31 de maio de 2011, Acesso em 27/01/2017.

os colégios e as universidades onde um Instituto Confúcio se estabelece têm que assinar um contrato no qual declaram seu apoio à "Política de uma China de Pequim". Como resultado, Taiwan e Tibete tornaram-se tabus nos Institutos, isso sem citar o caso de Hong Kong.

No entanto, esta alegação gera controvérsias. Michael Nylan, professor de História da China na Universidade da Califórnia em Berkeley, afirma que os Institutos Confúcio se tornaram menos exigentes em suas demandas e aprenderam com os "erros iniciais", como em insistir em que as universidades adotassem uma política que aceita Taiwan como parte da China. No entanto, a pesquisa de Nylan (2018) sobre professores e administradores em quinze universidades com Institutos Confúcio revelou dois casos em que os Institutos, mesmo sem obter sucesso, haviam exercido pressão para bloquear palestrantes convidados.

Além disso, outra preocupação face às questões legais dos países hóspedes e a questões de direitos humanos se deve ao fato de que o Instituto Confúcio "proíbe seus professores (...) de praticar o Falun Gong", uma disciplina espiritual que está sendo perseguida na China pelo Partido Comunista Chinês. A revista *The Economist*²¹ relata que, em um site do programa Instituto Confúcio, há um artigo pontuando os esforços de alguns Institutos Confúcio em se opor a grupos dissidentes chineses no exterior, como ativistas tibetanos independentes, grupos democráticos e o Falun Gong²².

Ademais, a escolha dos materiais didáticos e o treinamento dos professores chineses está inteiramente a cargo da HANBAN, o que pode levar a censura ao livre

²¹ https://www.economist.com/blogs/asiaview/2011/01/china%E2%80%99s_confucius_institutes?page=1

²² Falun Dafa, também conhecido como Falun Gong, é uma prática avançada de cultivo de mente e corpo, composta de cinco exercícios de qigong, sendo quatro em pé e um sentado em meditação.

pensamento dentro das universidades. São apontadas diversas evidências de que o treinamento dos professores os ensina a evitar tópicos não desejados pelo governo da República Popular da China, como Tibete, Taiwan, direitos humanos, Da Lai Lama e o Falun Gong (KUAN, 2013).

Ainda no que diz respeito à censura, a seleção dos professores chineses se dá inteiramente por critérios condizentes com as leis da República Popular da China, impedindo que professores com determinadas posições políticas e religiosas sejam selecionados. Também no Canadá, na Universidade de McMaster, a professora Sonia Zhao entrou na justiça canadense alegando que a universidade que a acolhia o seu IC local tinha permitido legitimação de discriminação, pois ela teve que esconder da HANBAN sua crença no Falun Gong. Assim, as universidades canadenses e norte-americanas estariam permitindo discriminação com base em posições políticas e religiosas, subsumindo-se às leis chinesas no que toca a seleção de professores (THE ECONOMIST, 2011).

Os objetivos de “poder brando” do Instituto Confúcio são vistos como uma tentativa de modernização da imagem da República Popular da China, afastando-se da propaganda de influência soviética da era maoísta. Eles agem principalmente na mídia, no cinema e nos Institutos Confúcio. Iniciativas como exposições de arte chinesa contemporânea, programas de rádio e televisão, concertos de cantores populares, traduções de literatura chinesa e a expansão de canais estatais de notícias como a agência Xinhua e *China Central Television*, salas de cinema chinês, compõem o leque de *soft power* da China.

A questão do *soft power* é muito importante, portanto, de modo que ela representa o poder dos Estados não ocidentais emergentes de rivalizar com o ocidente, através de expansão da presença global, fazendo outros Estados se submeterem às suas vontades. Ele é o resultado do “uso da atração e persuasão, em vez de coerção e força, em política externa. Ele advém das atratividades da cultura, dos ideais políticos e das políticas de um país” (STUENKEL, O., 2018, p. 109, ALMEIDA, 2018).

O *soft power* é, por conseguinte, um resultado direto da capacidade de liderança de um país. Ele é um conceito vago e um tanto ambíguo, pois representa a capacidade de influência de um país diante de um certo contexto. Por exemplo, o Brasil tinha todos os olhos voltados para si porque estava sediando a Copa do Mundo. Assim, o mundo multipolar da economia e da cultura fez por exemplo que a China, com seu poder brando, entrasse em grandes empreendimentos, tais como a expansão da “Rota da Seda”, o projeto “Energia Verde” e até uma estrada de ferro que ligasse o Brasil ao Oceano Pacífico (STUENKEL, 2018).

Assim, o que atrapalha o *soft power* da China é o não-investimento em liberdade de expressão e na pouca criação de espaços de liberdade e atuação, mais participação e regulação do Partido, mais investimento em um Estado autoritário, e menos liberdade para a elite de intelectuais por exemplo. Trata-se do lado negativo do *soft power* chinês. Mesmo que o Estado autoritário não atrapalhe o vetor Inovação, isso acaba tendo importância na hora de se fazer novos amigos no Ocidente, isto é, liderar as agendas mundiais.

Por outro lado, segundo Joseph Nye (2018), o *soft power* poderia ser visto como um *smart power*, pois integra estratégias inteligentes que combinam *hard power* com *soft*

power. Assim, durante o *International Forum for Democratic Studies*, da *National Endowment for Democracy*, uma nova concepção de *soft power* foi proposta, a noção de “*sharp power*”, sendo a palavra “*sharp*” o mesmo que “furar”, “penetrar”, “perfurar” os ambientes políticos, o que Nye entende que poderia gerar uma guerra de informações, o que acabaria caindo em uma forma de *hard power* (NYEL, 2018).

Assim, segundo Paulo Menechelli Filho, da Universidade de Brasília:

Por trás do esforço de promoção de *soft power* cultural chinês, percebe-se o desejo de que as histórias da China sejam bem contadas, as vozes da China bem divulgadas e as características da China bem explicadas. Da mesma forma, percebe-se que o enfrentamento das discrepâncias entre como a China se vê e como ela é vista pelo mundo é a mais importante *raison d'être* das ações da diplomacia cultural chinesa (MENECELLI FILHO, 2018, p. 117).

3.2 A importância da Hanban

A HANBAN é uma organização governamental sem fins lucrativos, é vinculada ao Ministério da Educação Chinês e possui laços estreitos com altos funcionários do Partido Comunista. Ele é a matriz do Instituto Confúcio em Pequim e estabelece as diretrizes a serem seguidas pelos Institutos Confúcio espalhados pelo mundo. A matriz é governada por um conselho com quinze membros, dez dos quais são diretores de Institutos Confúcio no exterior. Cada unidade é gerida individualmente sob a direção do seu próprio conselho de administração, que deve incluir membros da instituição de acolhimento. O presidente do conselho da matriz do Instituto Confúcio era em 2015 Liu Yandong, um membro do comitê executivo do Partido Comunista, e ex-chefe do Departamento da Frente Unida de Trabalho. Outros líderes do conselho são igualmente selecionados do Partido Comunista e departamentos do governo central, como o Ministério das Finanças, o Ministério da Educação e o Gabinete de Informação do

Conselho de Estado (também conhecido como Gabinete de Propaganda para o Exterior). O conselho estabelece a agenda para os Institutos Confúcio e faz alterações nos estatutos, enquanto outras tarefas e a gestão da matriz do Instituto são tratadas por um corpo executivo coordenado pela diretoria-geral (“Confucius Institute”, *Hanban*) (SHANGWU, 2013).

O governo chinês partilha o ônus de financiar os Institutos Confúcio com as universidades anfitriãs. Os Institutos funcionam dentro das diretrizes estabelecidas pela Hanban e pela matriz do Instituto Confúcio. Cada unidade é responsável pela elaboração e gestão do seu próprio orçamento, que está sujeito à aprovação da matriz. A matriz do Instituto Confúcio coloca várias restrições sobre como seus fundos podem ser usados, incluindo a destinação de verbas para fins específicos. Institutos nos Estados Unidos eram, de modo geral, abastecidos nos anos de 2010 pela Hanban com 100 mil dólares, com o restante do financiamento cabendo às universidades locais (SHANGWU, 2013).

Há uma revista chinesa da Hanban (<http://hanban.org>) com muito material sobre os ICs do mundo inteiro, que tem uma versão em português: <http://portuguese.people.com.cn/n3/2015/1230/c309806-8997454.html>. A revista traz material sobre os ICs de 2009 a 2016. A revista se chama *Instituto Confúcio* e é publicada em 11 línguas ao redor do mundo incluindo espanhol, francês, inglês, coreano, árabe, tailandês, russo, japonês, italiano e alemão.

A primeira edição em português da revista foi publicada em 2014 pelo Instituto Confúcio da Universidade Estadual Paulista (UNESP). A revista desempenha a função de canal para a troca de experiências e informações entre os Institutos Confúcio, além de funcionar como uma janela para que os diversos povos conheçam a civilização chinesa.

Ela foi publicada pela primeira vez em 2009 na versão chinês-inglês e, em 2010, foi lançada a versão chinês-espanhol (REVISTA INSTITUTO CONFÚCIO, 2019).

Com uma circulação global de cerca de 200 mil unidades por edição, a série multilíngue da revista é distribuída para mais de 50 milhões de estudantes da língua chinesa em mais de 120 países e regiões em todo o mundo. Estes são os dados divulgados em 2019.

HANBAN (chinês: 办办; pinyin: Hàn bàn), também conhecida como Sede do Instituto Confúcio, é a abreviação coloquial do Escritório do Conselho Internacional de Língua Chinesa (chinês: 国家汉语国际推广领导小组; pinyin: guójiā Hànyǔ guójì tuīguǎng lǐngdǎo xiǎozǔ bàngōngshì). Foi originalmente chamado de Escritório Nacional da China para o Ensino de Chinês como Língua Estrangeira (NOTCFL), que foi criado em 1987. Segundo o site oficial da HANBAN, a HANBAN é "uma instituição pública afiliada ao Ministério da Educação da China" e está comprometida em "fornecer recursos e serviços de ensino cultural e de idioma chinês em todo o mundo". Os objetivos da HANBAN incluem "disponibilizar ao mundo os recursos e serviços de ensino da língua e da cultura chinesas", "atender às demandas dos estudantes chineses no exterior" e "contribuir para a formação de um mundo de diversidade e harmonia cultural". A HANBAN visa cultivar conhecimento e interesse no idioma e na cultura chineses em todo o mundo, especialmente em pessoas que não são falantes nativos de chinês. HANBAN trabalhou "em estreita colaboração com organizações estrangeiras para desenvolver cursos de língua chinesa em seus respectivos países"²³.

²³ <http://hanban.org>, acesso em agosto de 2019.

HANBAN é mais notável pelo programa do Instituto Confúcio. Também patrocina o *Chinese Bridge*, um concurso de proficiência em chinês para falantes não nativos. Organizacionalmente, a HANBAN fica diretamente sob o Ministério da Educação da China, possui numerosas subdivisões, incluindo três divisões separadas do Instituto Confúcio, encarregadas das regiões asiáticas e africanas, americanas e oceânicas e europeias.

A pesquisa sobre o tema da HANBAN leva inevitavelmente ao tema da Diplomacia Pública (que engloba todas as diplomacias). Assim, a Diplomacia Pública envolve a Diplomacia Científica e a Diplomacia Cultural. Segundo Mark Leonard (2002), a Diplomacia Pública envolve três dimensões: (1) transmissão da informação; (2) distribuição de uma imagem positiva do país; e (3) construção de relações duradouras criando ambientes favoráveis à consecução de políticas exteriores.

Segundo Kye (2010a), a Diplomacia Cultural é um instrumento da Diplomacia Pública, que representa tudo o que uma nação faz para se explicar para o mundo. A Diplomacia Cultural envolve métodos, tais quais: (a) intercâmbio de pessoas; (b) promoção da arte e dos artistas; (c) ensino de línguas como veículo de valores e; (d) distribuição de material de divulgação; (e) apoio a projetos de cooperação intelectual e; (f) apoio a projetos de cooperação técnica (MENECELLI FILHO, 2018).

Ainda segundo Filho (2018), a Diplomacia Cultural na China envolve três pilares, a saber: (1) mídia; (2) cinema e; (3) os Institutos Confúcio. Segundo dados do autor, a China ultrapassou os EUA e tornou-se o país com maior número de salas de cinema do mundo (ANCINE, 2017).

4. PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE OS INSTITUTOS CONFÚCIO NO MUNDO

4.1 A pesquisa Bibliométrica

A produção de material científico sobre os Institutos Confúcio é completamente obsoleta tanto no Brasil quanto no mundo, os gráficos abaixo vão demonstrar isso. Trata-se de um tema pouco explorado pelos cientistas e as áreas interdisciplinares são sempre muito prejudicadas. Neste sentido, os estudos sobre Institutos Confúcio merecem um monitoramento bibliométrico sistemático para informar o estado da arte das pesquisas, sabendo que elas estão a todo momento sendo atualizadas. Foram utilizados aqui os dados da *Web of Science* (através das figuras do Voswier) e da *Scopus*.

A Bibliometria, também chamada de Cienciometria, é um campo das áreas da biblioteconomia e da ciência da informação que aplica métodos estatísticos e matemáticos para analisar e construir indicadores sobre a dinâmica e evolução da informação científica e tecnológica de determinadas disciplinas, áreas, organizações ou países. Segundo Pritchard (1969), Bibliometria significa “todos os estudos que tentam quantificar os processos de comunicação escrita”. A Bibliometria tem abrangência interdisciplinar e pode ser aplicada a diversas áreas do conhecimento, sendo muito utilizada na área de Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Nessa dissertação, ela é utilizada como métrica para contextualizar a abordagem qualitativa através de um determinado período histórico, de 2004 até 2019, pois como já foi dito, este foi o ano de criado primeiro IC no Brasil junto ao período de produção desta dissertação. Por isso serão utilizados os dados sobre a história e a economia chinesas, descritos anteriormente, mas também as entrevistas para analisar os gráficos. A ideia foi

triangular dados e interpretações para dar conta da complexidade do tema (OSTROM 2011).

Deste modo, segundo Faria et al.,

A produção científica ganha importância crescente como fator de impulsão da ciência, tecnologia, inovação e competitividade. E os indicadores de produção podem contribuir, por exemplo, para a análise dos resultados da infraestrutura disponível e das políticas de investimento em pesquisa científica e tecnológica. Também são úteis na análise da dinâmica das diferentes áreas científicas, inclusive na identificação e compreensão de áreas emergentes ou consolidadas. Muitas agências governamentais nacionais e internacionais de fomento à pesquisa científica e tecnológica elaboram e utilizam indicadores de produção científica para a formulação, execução e acompanhamento de políticas públicas de ciência e tecnologia (FARIA et al, 2011).

Neste sentido, a Bibliometria é usada aqui para entender como se dá a produção nos nichos teórico-metodológicos no Brasil e no mundo, e onde estão posicionados no que diz respeito ao número de artigos e ao ineditismo das publicações nas mais diversas áreas de conhecimento. Para isso foram utilizadas as palavras-chave relacionadas ao conteúdo desta pesquisa, quais sejam: *Institutos Confúcio*, *Confucios Institute* em relação a *Soft Power*, *Exchange*, *Cultural Diplomacy*.

Há um documento técnico vinculado aos manuais da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) para a medição de P&D²⁴, que apresenta os elementos essenciais da Bibliometria e sua aplicação à análise de sistemas de pesquisa. A Bibliometria, segundo o autor,

É baseada na enumeração e análise estatística de produção científica na forma de artigos, publicações, citações, patentes e outros indicadores mais complexos. É uma ferramenta importante na avaliação de atividades de pesquisa, laboratórios e cientistas, bem como das especializações e desempenho dos países. O relatório, tendo estabelecido o pano de fundo para o desenvolvimento bibliometria, apresenta os bancos de dados nos quais a bibliometria é construída, bem como os principais indicadores (OKUBO, 1997).

Assim, é bom lembrar que a China tem suas próprias bases de dados. Uma delas, veiculada em português, inglês e chinês, disponibiliza dados econômicos sobre a China.

²⁴ OKUBO, Y. *Bibliometric indicators and analysis of research systems: methods and examples*. Paris: OECD, 1997. Disponível em: <http://www.oecd-ilibrary.org/science-and-technology/bibliometric-indicators-and-analysis-of-research-systems_208277770603>, acesso: 05/11/2019.

A base de dados *China Premium*²⁵ é totalmente voltada para o mercado e investidores e assim se denomina:

Com registros históricos desde 1949, a Base de Dados China Premium é constantemente atualizada por nossos analistas, que possuem relacionamento com fontes primárias exclusivas e locais na China. Você terá o cobiçado acesso a visões gerais abrangentes e dados estatísticos detalhados sobre diversos indicadores, desde PIB, PNB, IED, IPC e índices de inflação ao longo do tempo, até o desempenho histórico dos setores automotivo, de energia e de manufatura.

Nos itens a seguir, tentou-se utilizar os resultados bibliométricos para analisar os cenários através das informações contidas na parte de Contextualização Histórica da China, através da compreensão da sua Economia, História e geografia peculiares.

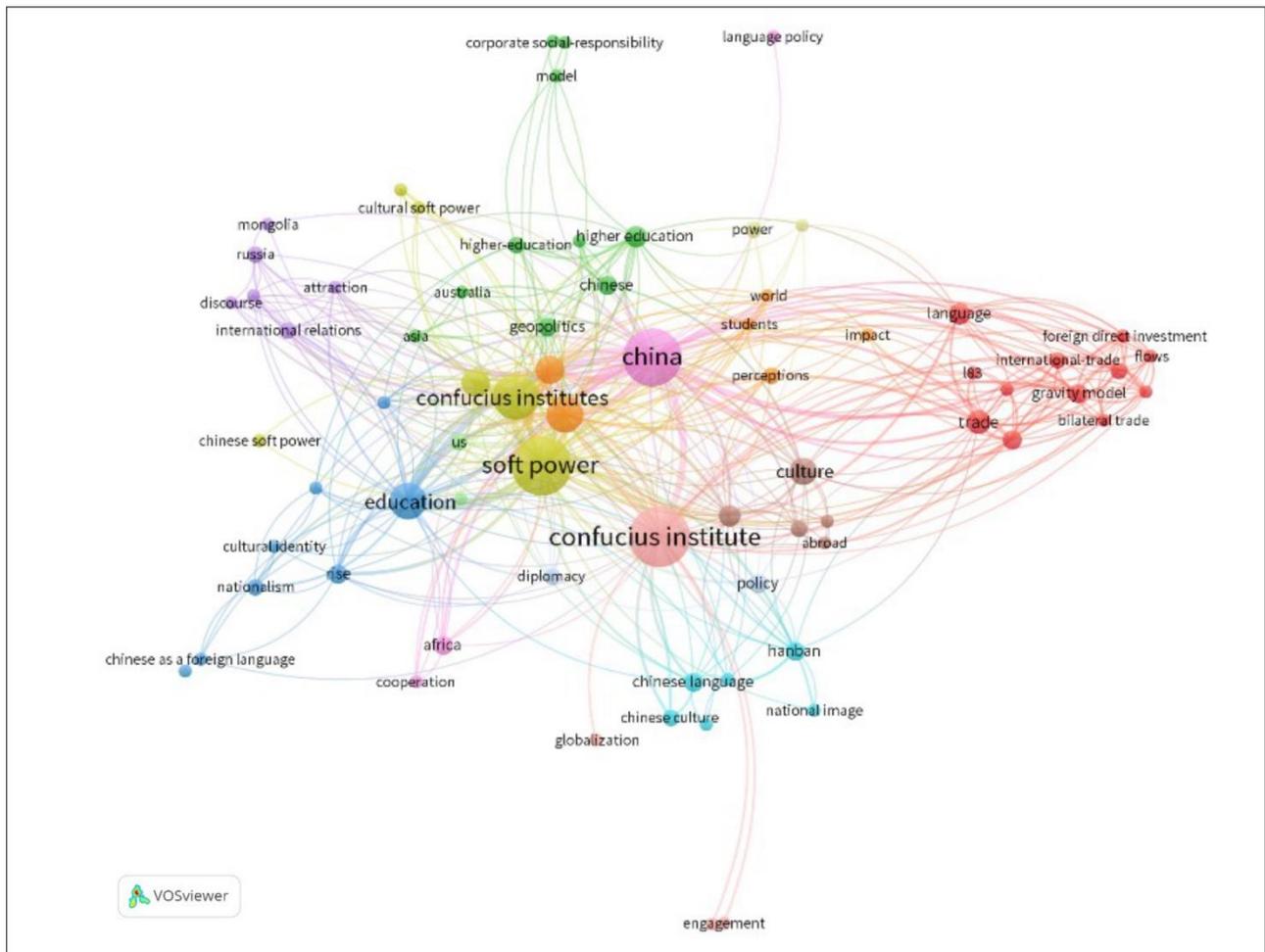
4.2 Gráficos em rede

Os gráficos abaixo estão relacionados a pesquisas na base de dados *Web of Science* e eles representam a rede de publicações em torno das palavras-chave orientadoras desta pesquisa de um modo geral.

Primeiramente com os verbetes relacionados com Instituto Confúcio, sendo que quanto maior a bolha maior o número de publicações e as cores representam áreas setoriais relacionadas aos verbetes:

FIGURA 3 – Publicações entorno das palavras relacionadas ao verbete “Institutos Confúcio”

²⁵ Para mais, ver: <https://www.ceicdata.com/pt/products/china-economic-database>

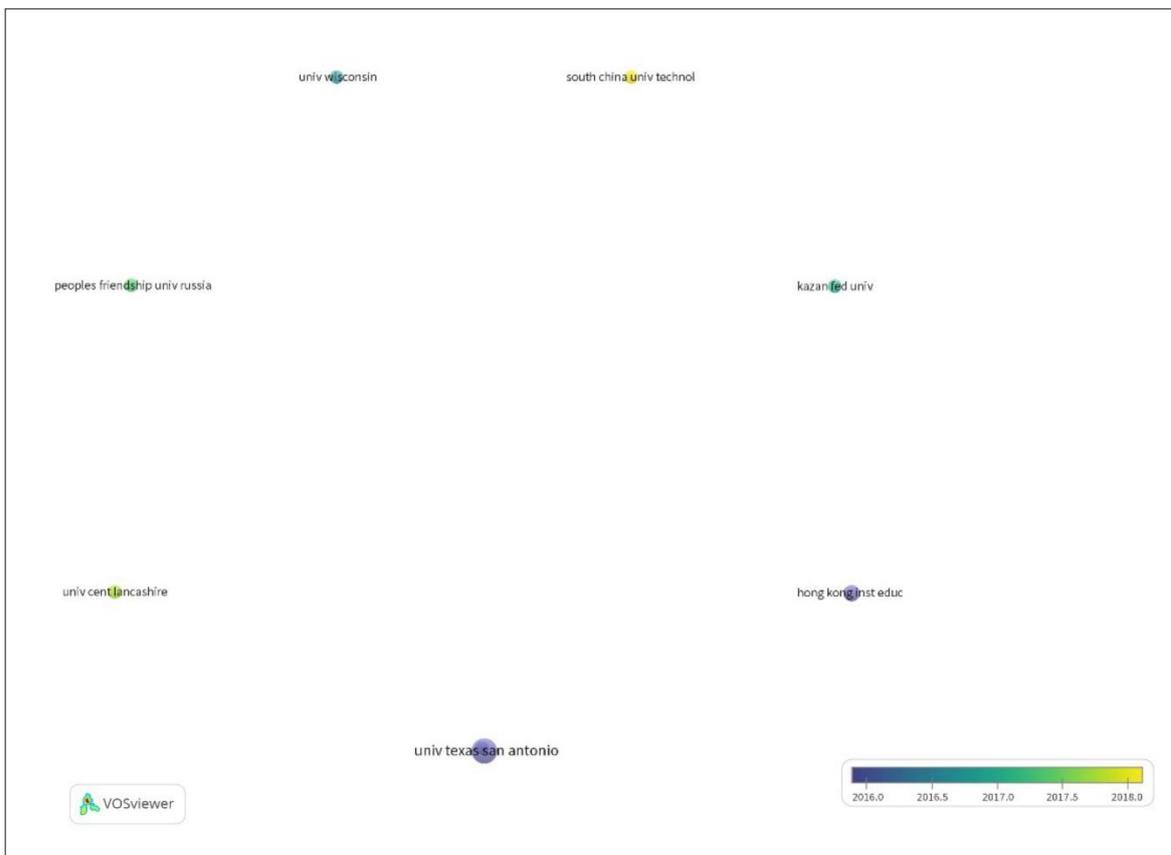


FONTE: *Web of Science*, através do *Vosviewer*. Acesso: 24/10/2019

Segundo esta figura, pode-se deduzir que o maior número de publicações está entorno dos verbetes “China” e “Soft Power”. O tema da Educação e da Cultura também são muito numerosos. Isso mostra o sentido das publicações em torno dos ICs no mundo, que está quase sempre atrelado ao tema do *soft power*.

A figura abaixo representa a rede de colaboração entre os países do mundo onde há nichos teórico-metodológicos usando a palavra-chave “Confucius Institute”. As cores representam quanto mais recente é a publicação em questão, assim, quanto mais claras, mais recentes:

FIGURA 4 – Publicações entorno do verbete “Confucius Institute”

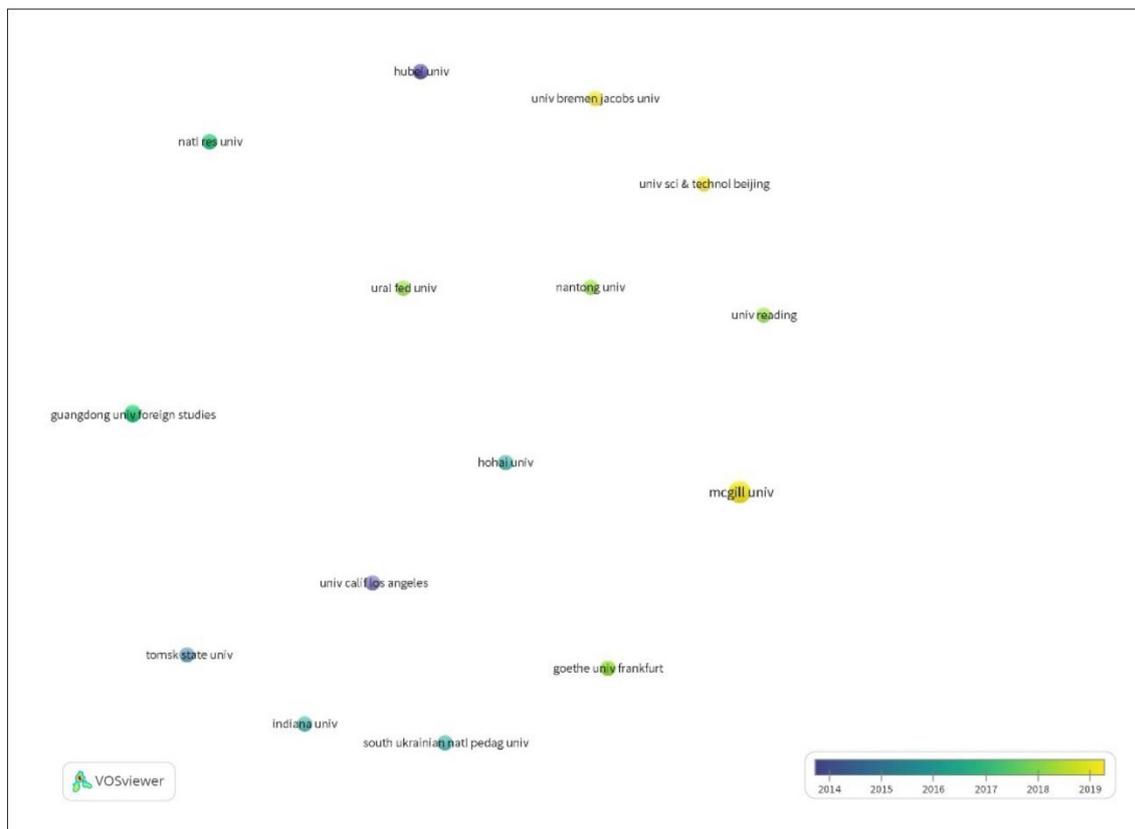


FONTE: *Web of Science*, através do *Vosviewer*. Acesso: 24/10/2019

Segundo esta figura, podemos ver que as publicações mais recentes estão no Sul da China e na Rússia e que as publicações são realmente muito raras. A organização que possui mais publicações com a palavra-chave “Confucius Institute” é a Universidade do Texas, em San Antonio, EUA, seguido de Hong Kong. Podemos ver também que as universidades que possuem mais publicações nas áreas de “Confucio Institute” e “Soft Power” são a Universidade do Texas, em San Antonio, EUA, e sendo também a que possui artigos mais recentes, e a de Hong Kong, com artigos não tão recentes. E mais importante, não existe correlação entre as áreas.

O gráfico abaixo representa a rede de colaborações com as palavras-chave “Confucius Institute” e “Exchange”

FIGURA 5 – Colaborações entorno dos verbetes “Confucius Institute” AND “Exchange”



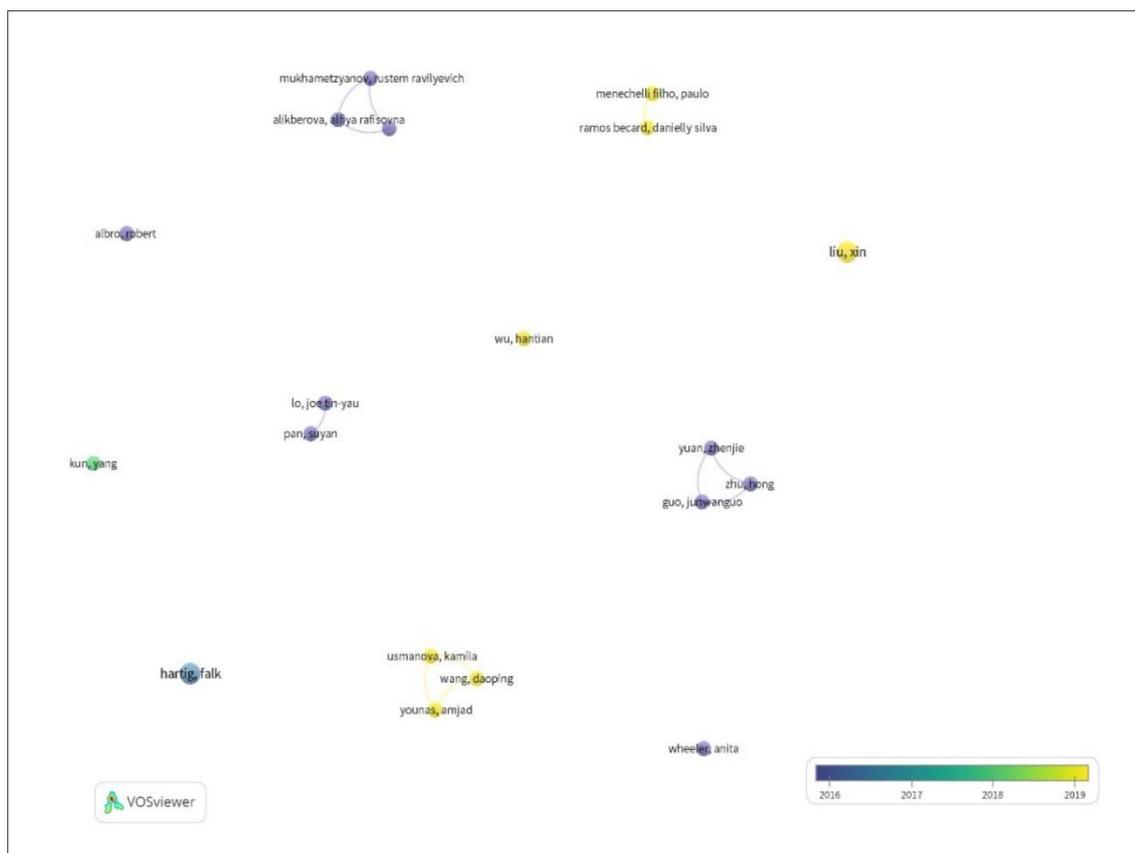
FONTE: *Web of Science*, através do *Vosviewer*. Acesso: 24/10/2019

O gráfico acima aponta para o fato de que as publicações na área de “Confucius Institute” e “Exchange” são mais recentes na Universidade de Beijing, Bremen Jacobs University, na Alemanha, e McGill University, em Montreal no Canadá, e se estendem para várias organizações. Todas apresentam aproximadamente o mesmo número de publicações. Podemos ver, inclusive, que não há relação de cooperação entre essas

universidades, eles apenas se configuram como nichos teórico-metodológicos entorno das palavras “Confucius Institute” e “Exchange”.

O gráfico abaixo apresenta a rede de colaborações entre países com as palavras-chave “Confucius Institute” e “Cultural Diplomacy”.

FIGURA 6 - “Confucius Institute” AND “Cultural Diplomacy”



FONTE: *Web of Science*, através do *Vosviewer*. Acesso: 24/10/2019

O gráfico acima aponta vários nichos teórico-metodológicos em vários lugares do mundo, em especial, no Brasil, que se situa na Universidade de Brasília (UnB). O que se destaca, é o nicho de pesquisadores brasileiros que estudam os Institutos Confúcio em

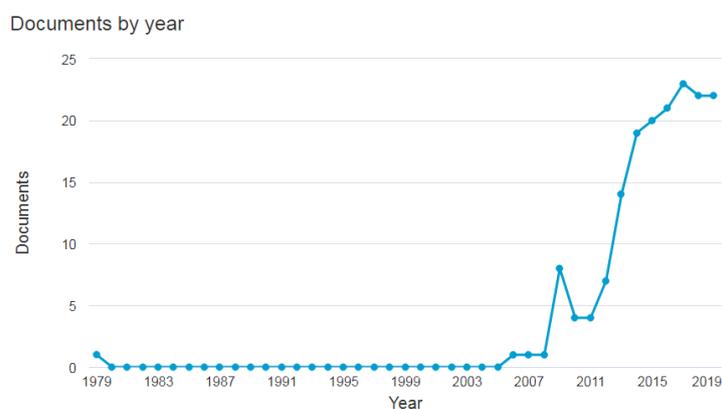
relação ao tema da Diplomacia Cultural, como é o caso de Menechelli Filho, ou diretamente sobre o tema da Diplomacia Cultural, como é o caso de Ramos.

4.3 Gráficos da base de dados Scopus

Neste item, pretendeu-se pesquisar os dados da base de dados Scopus e triangular com a *Web of Science*, mas também tentar ir além dos resultados por nichos teórico-metodológicos, refletindo sobre os períodos históricos das publicações, refletindo sobre a Economia, Política e Sociedade chinesas, com base na introdução deste trabalho.

O gráfico abaixo representa o número de documentos produzidos por ano e seus nichos teórico-metodológicos segundo o verbete “Confucius Institute”

GRÁFICO 1 - “Confucius Institute”



O primeiro gráfico acima ressalta de forma peculiar uma primeira publicação feita em forma de carta no ano de 1979 entre pessoas da comunidade intelectual chinesa que traz como escrito:

Somos americanos de ascendência chinesa que visitaram o Instituto de Oceanografia do Mar da China Meridional em Tsingtao durante uma viagem de 30 dias pela China em maio e junho. Também

visitamos outras instituições de pesquisa e ensino na China. Com base em conversas com muitos professores e cientistas, descreveremos algumas mudanças recentes na comunidade intelectual chinesa, bem como aspectos da organização, instalações e trabalho que estão sendo realizados nos dois centros oceanográficos. Para obter uma perspectiva adequada do recente rejuvenescimento da pesquisa científica na China, é preciso aprofundar um pouco o papel dos intelectuais na história chinesa. Intelectuais chineses, como professores, estudiosos e cientistas, sempre desempenharam papéis grandes e especiais. Professores, como Confúcio, desfrutaram de um respeito inigualável em qualquer outra cultura. No entanto, apesar de seu prestígio e poder, os intelectuais têm sido, de tempos em tempos, temidos e detestados. Em um longo caminho para unificar a China, o fundador da dinastia Ch'in (221-209 a.C.) enterrou estudiosos dissidentes vivos. © 1979. União Geofísica Americana. Todos os direitos reservados.

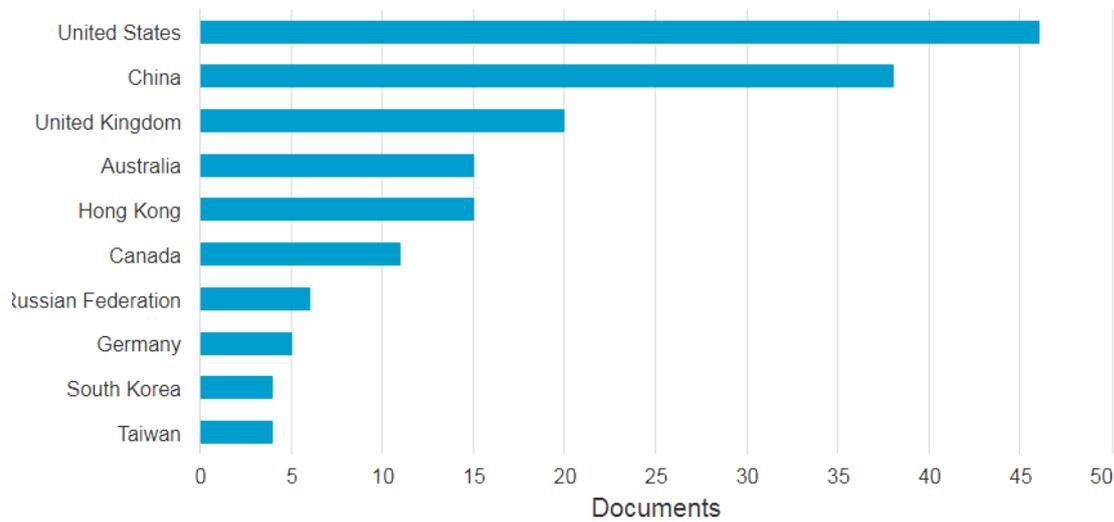
Ressalta-se que em 1978, Deng Xiaoping assumiu o poder na China e promoveu as quatro modernizações e é quando se dá a abertura econômica da China para o mundo. Em 1978, há uma liberalização da comercialização da agricultura familiar, trazendo uma elevação de renda e de produtividade agrícola na manutenção de excedentes. É a industrialização com êxito na área rural e a abertura da China para o mundo (MEDEIROS, 2013). Ressalta-se também que em 1974 iniciaram-se as relações diplomáticas entre Brasil e China (BECARD, 2006).

Outro elemento importante que pode influenciar o número de publicações foi a criação do grupo BRICS em 2006, como fator de fortalecimento do debate intelectual sobre os Institutos Confúcio no mundo.

GRÁFICO 2 - “Confucius Institute”

Documents by country or territory

Compare the document counts for up to 15 countries/territories.



Segundo o gráfico acima, os EUA são os principais autores de artigos sobre os Institutos Confúcio, seguindo a China e Reino Unido. Uma conclusão possível é que os artigos publicados pelos Estados Unidos contêm a maior parte das críticas aos ICs, como demonstrado no capítulo 3 desta dissertação, por se sentirem ameaçados pela ascensão chinesa, assim como por ser o país com o maior número de Institutos do mundo. Daí o volume de publicações.

O gráfico abaixo representa o número de documentos produzidos por ano e seus nichos teórico-metodológicos segundo o verbete “Confucio Institute” e “Exchange”

GRÁFICO 4 - “Confucius Institute” AND “Exchange”

Documents by year

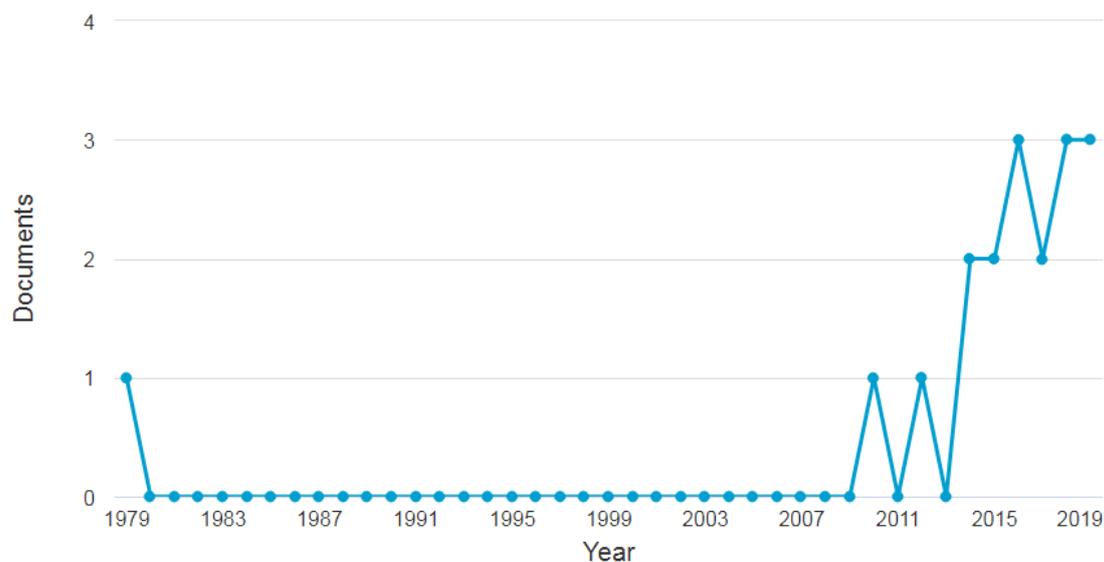
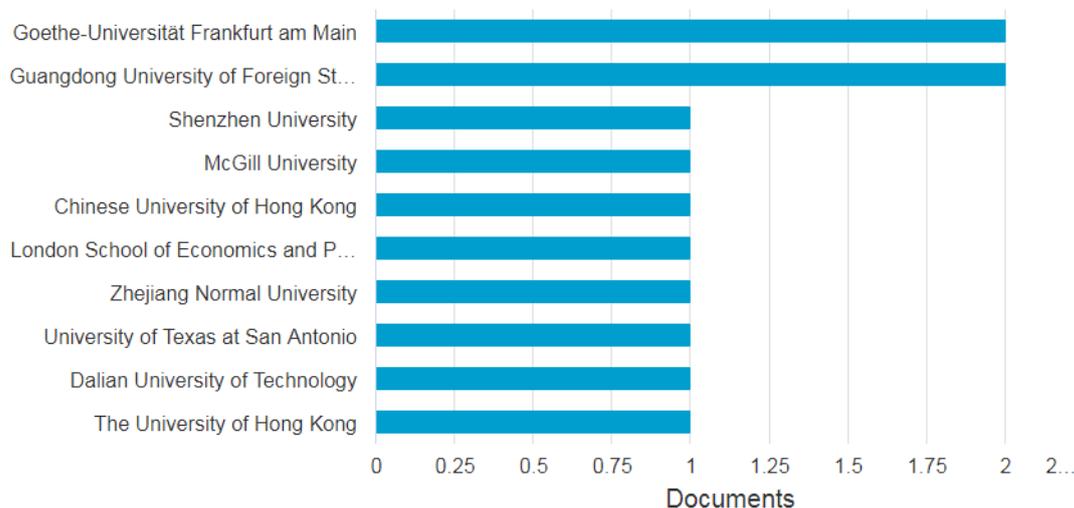


GRÁFICO 5 - “Confucius Institute” AND “Exchange”

Documents by affiliation

Compare the document counts for up to 15 affiliations.



É possível observar no gráfico 4 um salto relevante nas publicações a partir de 2015 sobre o tema do Intercâmbio. No campo dos nichos teóricos-metodológicos, Hong Kong se sobressai, mas se sobressaem também as universidades alemãs. Enquanto que

Hong Kong tem um ou dois artigos publicados na área de intercâmbio, Alemanha tem de dois a quatro. Isso também foi constatado nos gráficos da *Web of Science*, em forma de bolha.

O gráfico abaixo representa o número de documentos produzidos por ano e seus nichos teórico-metodológicos segundo o verbete “Confucius Institute” e “Soft Power”.

GRÁFICO 6 - “Confucius Institute” AND “Soft Power”

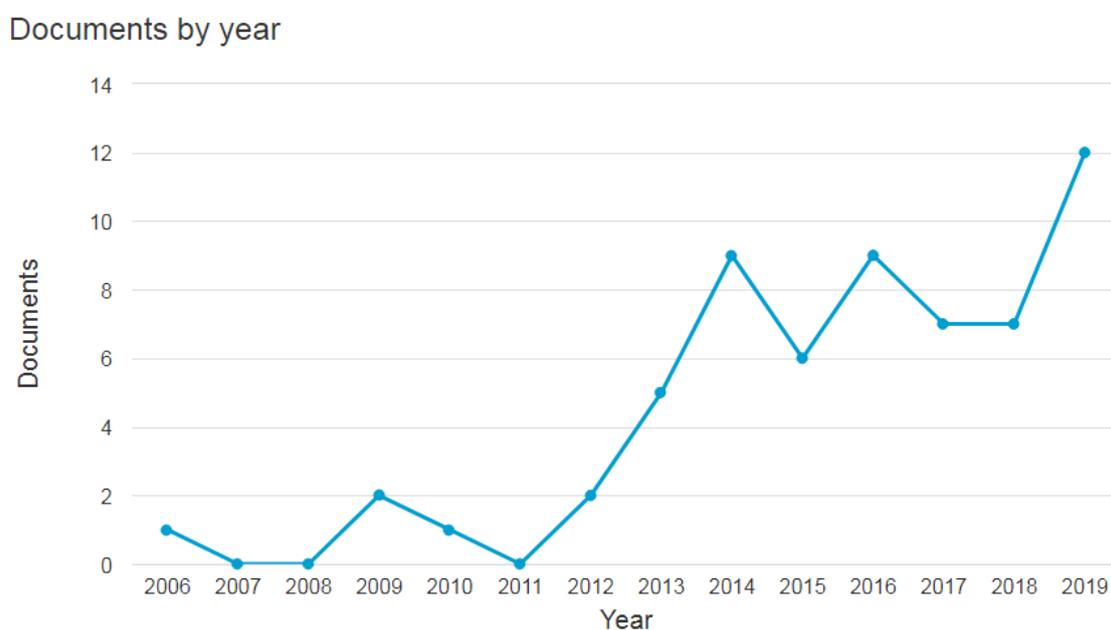
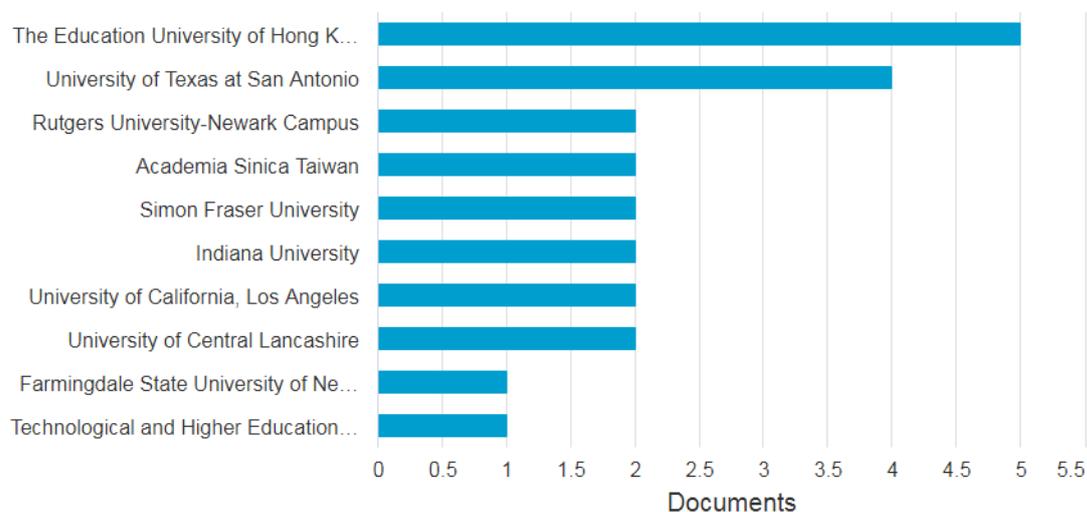


GRÁFICO 7 - “Confucius Institute” AND “Soft Power”

Documents by affiliation

Compare the document counts for up to 15 affiliations.



No gráfico 6, o salto de 2016 em diante, pode se relacionar à publicação do livro *Post-Western World: How Emerging Powers Are Remaking Global Order*, publicado naquele ano em inglês por Oliver Stuenkel. O autor argumenta nesse livro provocativo que interpretações convencionais da ordem internacional e mudança global são distorcidos por preconceitos centrados no Ocidente, revelados em narrativas que colocam os ocidentais como os únicos agentes da modernidade. Se sua premissa de que a modernidade não é um presente ocidental para o mundo, mas como um projeto global com muitas fontes de inspiração, a luta entre o Ocidente e o "resto" pode ser um fator importante para reacender o debate acadêmico sobre novas configurações da política mundial, onde a China por exemplo passou a disputar poder, autoridade, status e privilégio com os Estados Unidos, por exemplo.

No Brasil, o salto pode se dar a partir de 2018, com a tradução do livro de Oliver Stuenkel para o português, além do fato de que a China tem sido objeto de vários grupos de pesquisa no Brasil tal como o grupo da UNB ou o grupo da UNICAMP, e isso se

reflete também em maior número de publicações (ver por exemplo a Rede Brasileira de Estudos sobre China e os vários grupos de estudos sobre China no Brasil), que mesmo que os gráficos não mostrem, porque não se tratam de dados sobre o Brasil e sim sobre o mundo, é de suma importância diante das publicações sobre o tema como veremos nos gráficos a seguir.

O gráfico abaixo representa o número de documentos produzidos por ano e seus nichos teórico-metodológicos segundo o verbete “Confucius Institute” e “cultural diplomacy”

GRÁFICO 8 - “Confucius Institute” AND “cultural diplomacy”

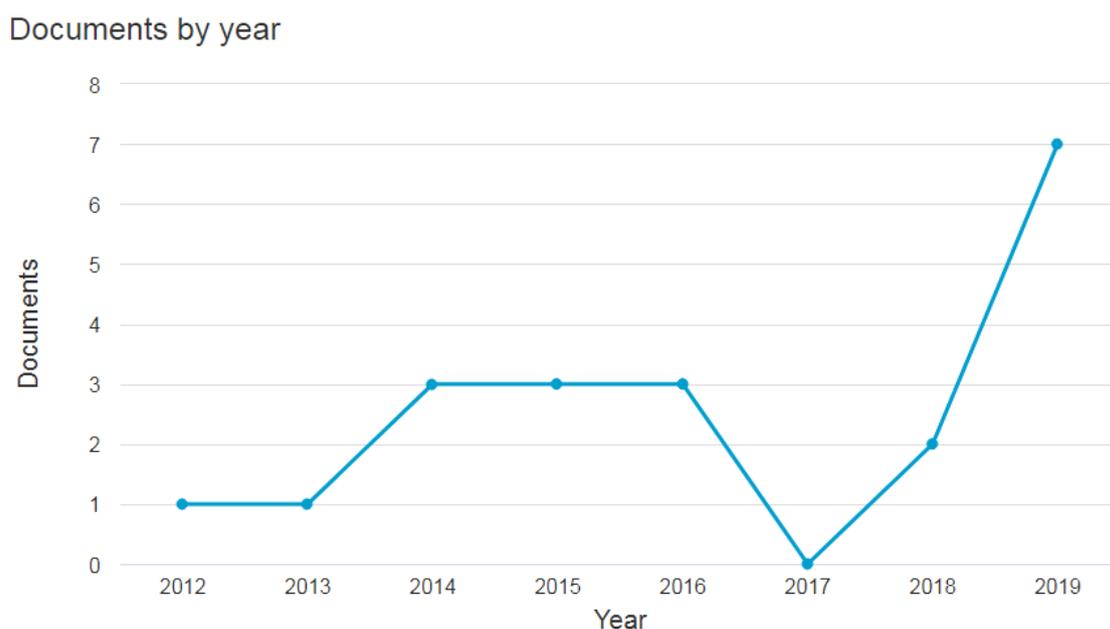
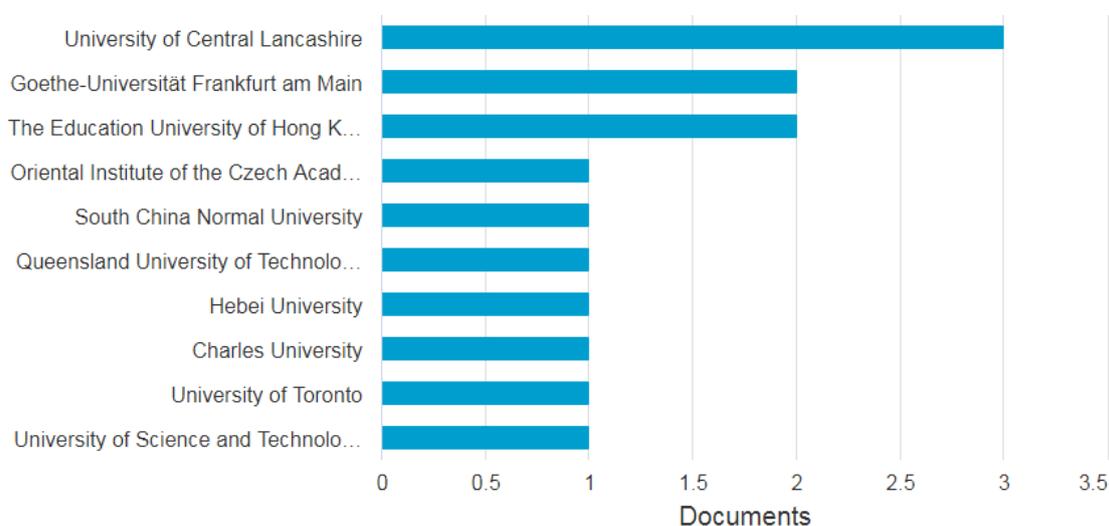


GRÁFICO 9 - “Confucius Institute” AND “cultural diplomacy”

Documents by affiliation

Compare the document counts for up to 15 affiliations.



No gráfico 8, o ano de 2013 marca um aumento explosivo da participação da China no produto manufatureiro mundial, uma vez que o país decide aliar o vetor-exportação ao vetor-infraestrutura, como dito anteriormente (MEDEIROS, 2013), e é nesse momento também que surge a temática ambiental na agenda chinesa. Assim, há um aumento na publicação de artigos sobre a China, o que podemos ver com mais clareza nos gráficos a seguir.

O gráfico abaixo representa o número de documentos produzidos por ano e seus nichos teórico-metodológicos segundo o verbete “Brazil AND China”

GRÁFICO 10 - “Brazil AND China”

Documents by year

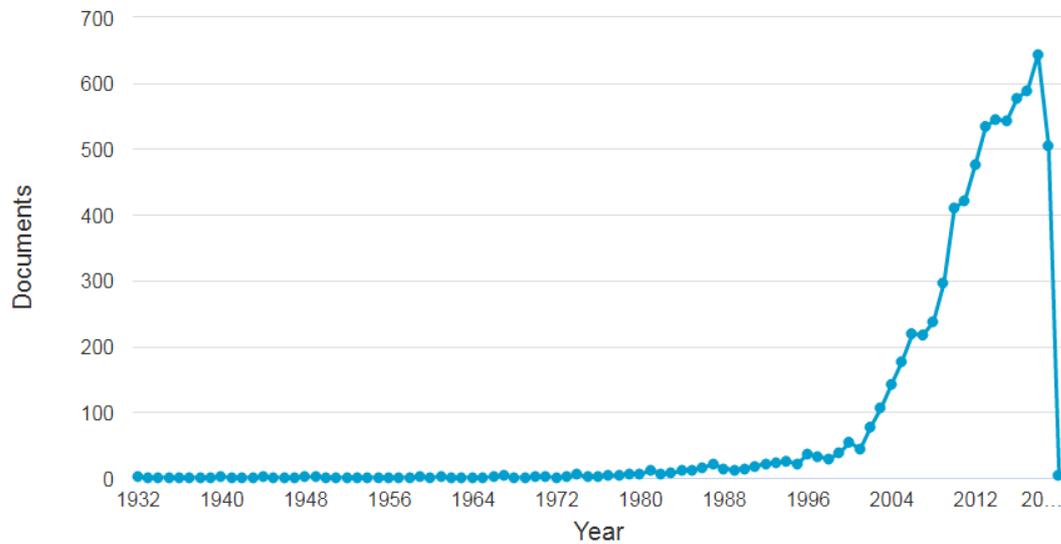
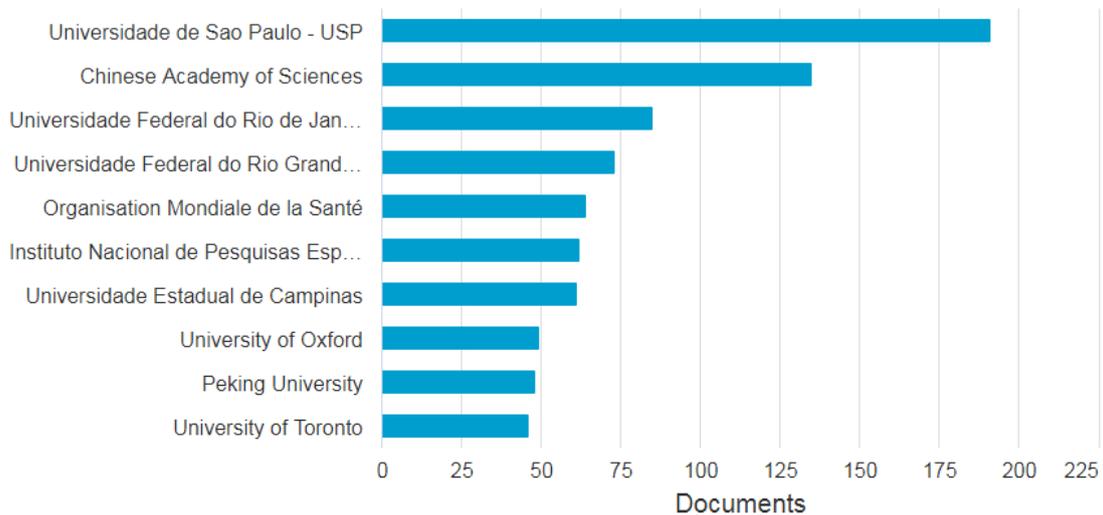


GRÁFICO 11 - “Brazil AND China”

Documents by affiliation

Compare the document counts for up to 15 affiliations.



É interessante observar no gráfico acima como as Universidades brasileiras são bastante produtivas nesse campo de estudo, dado o número de artigos publicados pela USP. Como dito anteriormente, através do gráfico 10, vemos uma explosão de

publicações a partir de 2013, quando, como dito anteriormente, a temática ambiental adquire importância nas publicações nacionais e internacionais e quando a China adquire importância econômica internacional (MEDEIROS, 2013).

O gráfico abaixo representa o número de documentos produzidos por ano e seus nichos teórico-metodológicos segundo o verbete “*soft power*”

GRÁFICO 12 - “*Soft power*”

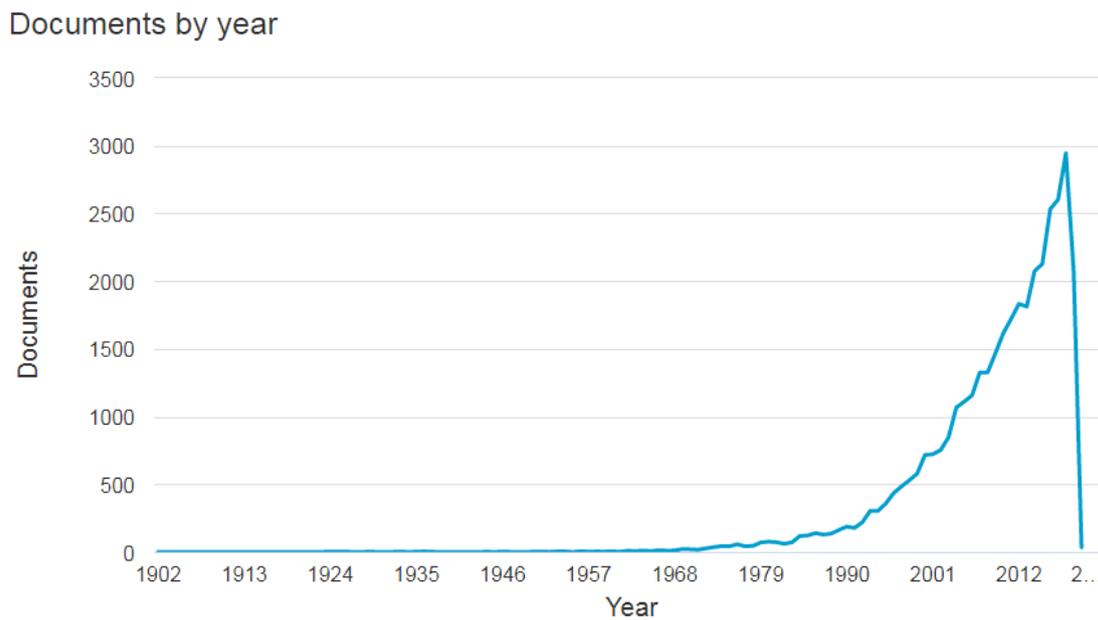
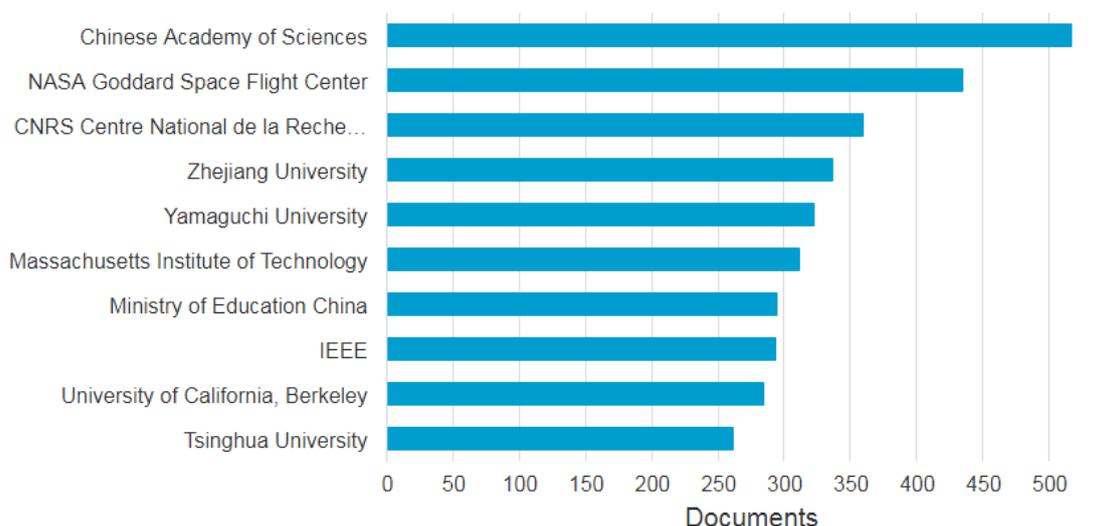


GRÁFICO 13 - “*Soft power*”

Documents by affiliation

Compare the document counts for up to 15 affiliations.



Segundo o gráfico 12, o aumento do número de publicações sobre o *soft power* se dá novamente em 2013, certamente quando o mundo se dá conta da China como uma das maiores economias do planeta, mas também como uma das nações mais poluidoras do mundo. Neste sentido, o maior questionamento à temática do *soft power* se dá por conta de uma problematização não só por parte dos EUA, mas principalmente pela própria China (tal como aponta o gráfico 13), de como estão em curso as políticas ambientais atreladas aos programas de intercâmbio incentivadores do *soft power* chinês.

Segundo o gráfico 12, em 1980 há outro pulo, que deve ser oriundo da abertura significativa da China, aproximando o país aos EUA através de incentivos fiscais, que é quando ela passa por uma profunda reforma econômica, como consequência da instauração da República Popular da China em 1949 (COGGIOLA, 1986).

5. INSTITUTOS CONFÚCIO

5.1 Os Institutos Confúcio no mundo

O primeiro Instituto Confúcio (IC) do mundo foi construído em junho de 2004 como um instituto piloto em Tashkent, Uzbequistão. Entretanto, o primeiro IC oficial foi Seul na República da Coreia em 21 de novembro de 2004 e foi modelado a partir das experiências europeias, tais como o *British Council* e a *Alliance Française*, como sendo parte do plano de governo chinês de usar a cultura e a linguagem para desenvolver relações amigáveis com outras nações.

O Instituto Confúcio (chinês simplificado: 孔子学院; chinês tradicional: 孔子學院) está vinculado ao Ministério da Educação da República Popular da China²⁶ cujo objetivo é promover a língua e a cultura da China e dar apoio ao ensino da língua chinesa e facilitar o intercâmbio cultural em todo o mundo através da associação dos Institutos Confúcio²⁷. Sua sede se encontra em Pequim. O nome do Instituto dá-se em homenagem ao notável pensador chinês, Confúcio.

O programa Instituto Confúcio começou em 2004 e é supervisionado pela HANBAN. Os Institutos operam em cooperação com faculdades e universidades em todo o mundo, e o financiamento é compartilhado entre a HANBAN e as instituições de

27-SAHLINS, Marshall, The Nation. ,SAHLINS, Marshall “Confucius Institutes: Academic Malware” (2014)., Acesso: 27/01/2017.

²⁷ MATTIS, Peter. “Reexamining the Confucian Institutes”, <http://thediplomat.com>, Acesso: 27/01/2017. PENN, Brierley, “*China Business: A broader education*”, (2014). ISSN 1170-0777. Acesso: 27/01/2017; CHEN, Jianguo; WANG, Chuang; CAI, “*Jinfa Teaching and Learning Chinese: Issues and Perspectives*” Acesso: 27/01/2017.

acolhimento. Há também um programa dedicado ao fornecimento de professores e materiais de instrução para escolas secundárias.

Muitos países lusófonos firmaram contrato com o programa Instituto Confúcio. Em Portugal, há Institutos Confúcio instalados nas seguintes instituições de ensino superior: Universidade de Lisboa, Universidade de Coimbra, Universidade do Minho, Universidade do Algarve, Universidade de Alveiro, Instituto Politécnico de Viseu, Instituto Politécnico de Castelo Branco e Instituto Politécnico de Leiria, além de haver a parceria para suporte do ensino do idioma chinês em algumas escolas secundárias públicas de Portugal²⁸.

Os Institutos operam em cooperação com faculdades e universidades em todo o mundo, e o financiamento é compartilhado entre a HANBAN e as instituições de acolhimento. Há também um programa dedicado ao fornecimento de professores e materiais de instrução para escolas secundárias (KWAN, 2013, p. 112).

Deste modo, os ICs são organizações sem fins lucrativos com base nos seguintes serviços essenciais:

- (1) Ensinar a língua chinesa;
- (2) Treinar instrutores capazes de ensinar língua chinesa;
- (3) Fornecer recursos para o ensino sobre língua chinesa;
- (4) Administrar *Hanyu Shuiping Kaoshi* (HSK, teste de proficiência chinesa);
- (5) Prestar serviços de informação e consultoria relacionados com a educação, cultura e outras áreas;

²⁸ CASTILHO, Santana. “Danos e dolo”, arquivo público, Acesso: 2/02/2017. SILVA, Samuel. «Universidades vão acompanhar professores chineses que darão aulas no 10.º ano». *PÚBLICO*. Acesso: 02/02/2017.

- (6) Conduzir atividades de intercâmbio linguístico e cultural entre China e outros países.

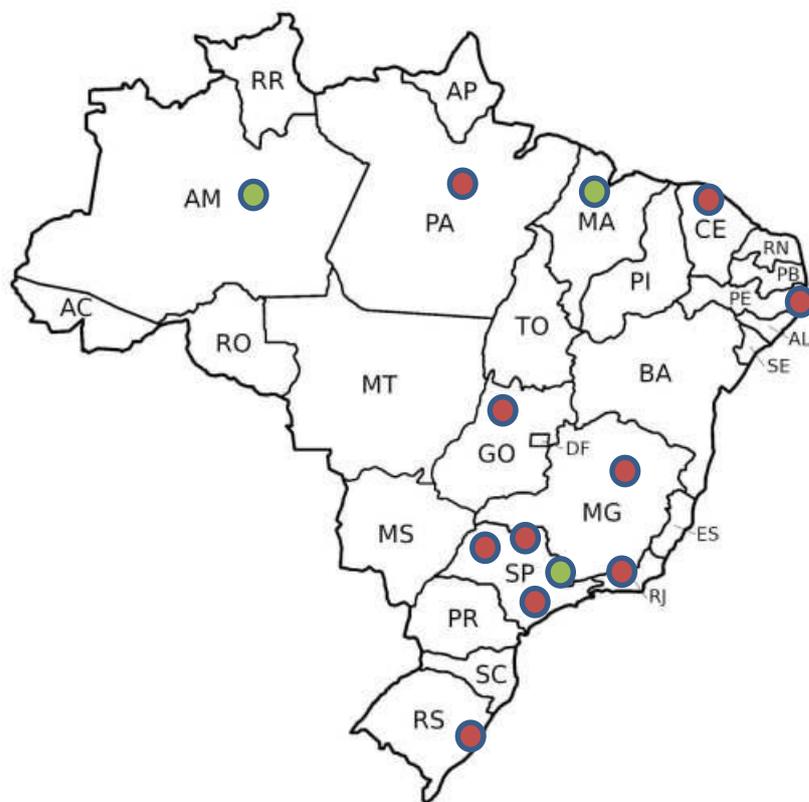
A proposta principal dos ICs é promover a Educação da língua chinesa em todo o mundo; melhorar os intercâmbios culturais e educacionais; promover a cooperação com outros países, fortalecendo, pelo menos em tese, o multiculturalismo, buscando criar um mundo em harmonia com as diferenças.

5.2 Os Institutos Confúcio no Brasil

No Brasil, segundo dados recentes da HANBAN²⁹, há Institutos Confúcio instalados em instituições públicas e privadas de ensino superior, nas cinco regiões do país: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade de Brasília (UNB), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de Pernambuco (UPE), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade do Estado do Pará (UEPA), Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Vale ressaltar que neste ano de 2018 e 2019 outros dois ICs foram criados nos estados do Amazonas e do Maranhão, conhecidas como “Salas Instituto Confúcio da UNESP”, que significam na prática uma continuação do trabalho do IC da UNESP de São Paulo.

²⁹ http://english.hanban.org/node_10971.htm, acesso 15/05/2019

FIGURA 4 – Institutos Confúcio no Brasil



● Salas de aula Confúcio Unesp

● Institutos Confúcio

FONTE: Adaptado pela autora de PAULINO, 2019.

O primeiro IC criado no Brasil foi na UNESP em parceria com a universidade de *Hubei* no dia 26/11/2008³⁰. Já o IC da UNICAMP surgiu de uma parceria com a universidade de *Beijijng* em 23/03/2015.

QUADRO 2: ICs no Brasil e seu ano de criação

INSTITUTOS CONFÚCIO NO BRASIL	ANO DE CRIAÇÃO
Instituto Confúcio na UNESP (SP)	2008
Instituto Confúcio na UNB (BRA)	2008
Instituto Confúcio na PUC-Rio (RJ)	2011
Instituto Confúcio na UFRGS (RS)	2012

³⁰ <http://www.pluricom.com.br/clientes/fundacao-editora-da-unesp/noticias/2008/11/unesp-inaugura-o-primeiro-instituto-confucio-no> (acesso em 03/04/2019)

Instituto Confúcio para negócios na FAAP (SP)	2012
Instituto Confúcio na UFMG (MG)	2013
Instituto Confúcio na UPE (PE)	2013
Instituto Confúcio na UFC (CE)	2014
Instituto Confúcio na UNICAMP (SP)	2014
Instituto Confúcio na UEPA (PA)	2016
Sala do Instituto Confúcio na UNESP em São Luís – MA	2018
Sala do Instituto Confúcio na UNESP em Manaus – AM	2019

FONTE: PAULINO, 2019, IC da UNESP.

Assim, os ICs são vistos como uma possibilidade de empreender uma cooperação *bilateral* entre China e países estrangeiros, o que nem sempre acontece como vimos anteriormente. A aliança se dá, por conseguinte, através de parcerias entre universidades chinesa e estrangeira; entre escola secundária chinesa e estrangeira (também chamadas de “sala-de-aula Confúcio”); parceria entre ONGs estrangeiras e universidade chinesa; parceria entre governo estrangeiro e governo chinês; e parceria entre empresa e universidade (KUAM, 2013, p. 113-114).

De acordo com a Constituição e Estatuto dos ICs (segundo a Hanban), um Instituto estrangeiro interessado deve primeiramente apresentar uma sede (como por exemplo, em Campinas dentro da UNICAMP), que é filiada ao Ministério da Educação da China e governada pelo Conselho da sede anfitriã do IC.

O Conselho é composto por um executivo (diretor) e por membros do Conselho em geral. Portanto, os representantes dos diferentes Estados e Institutos são recomendados pelo Conselho de Estado Chinês enquanto membros do Conselho Geral, que são chefes do Conselho de Administração do IC no exterior. Cada IC pode ser analisado, segundo KUAM (2013), a partir dos sites que constroem. Assim, cada IC deve usar sua página para organizar e esclarecer o que está em curso no programa das atividades e o estudo dos ICs é um estudo apurado dessas páginas (KUAM, 2013, p. 114).

A instituição anfitriã deve apresentar demandas por aprendizagem da língua e da cultura compatíveis com sua localização geográfica e as sedes dos ICs irão fornecer recursos para financiar a configuração inicial do IC, parte (50%) do país estrangeiro ou da nação anfitriã e parte (50%) do governo chinês. A sede do IC fica responsável por fornecer apoio e recursos para cada IC e por examinar a qualidade dos programas e das atividades levadas a cabo. Uma vez por ano, os ICs do mundo inteiro se reúnem num Congresso em Pequim, onde cada IC (ou cada site) deve enviar um relatório a ser aprovado pela matriz, delineando as tarefas executadas no ano anterior, bem como um plano do orçamento para o próximo ano (KUAN, 2013).

Kuan (2013) analisa três (3) sites de Institutos Confúcio do Canadá, que apresentam diferenças em relação ao *British Council* e ao *Alliance Française*, pelo fato de possuírem maior envolvimento com a população local, através de seu formato institucional, e com os institutos locais. Os ICs estudados pela autora são mais pertinentes, portanto, no sentido de que agregam maior valor construtivo, do ponto de vista das teorias das Relações Internacionais, possuindo maior significado intersubjetivo, fortalecendo mais as relações entre as nações, e influenciando, conseqüentemente, as tomadas de decisão de cada país. Assim, a partir da interação entre nações, os conhecimentos compartilhados tornam-se parte das relações sociais fortificando os intercambistas. Os ICs formam, portanto, uma lente constitutiva de comportamento de nações, permitindo ao estrangeiro a capacidade de desenvolver um senso de identidade mesmo na China contemporânea (KUAN, 2013).

A internacionalização do Ensino Superior passou a abranger, assim, uma dimensão intercultural por razões: Econômicas; Políticas; Culturais; e, Educacionais. Os ICs

passam a agregar valor dentro de cada *campus*, uma vez em que a ideia é “ganhar amigos e influenciar corações”. Os ganhos das universidades que sediam os ICs são imensos, fomentando inclusive um enorme potencial de geração de empregos, pois são cursos acadêmicos e programas de intercâmbio que atingem diretamente com os estudantes e porque oferecem conhecimento sobre a língua oficial da China e experiência de como viver na China hoje, oferecendo oportunidades de emprego (KUAN, 2013).

QUADRO 3 – Tipo de vagas oferecidas pelas empresas chinesas na edição de 2018 da feira de empregos organizadas pelo IC da UNESP em parceria com empresas chinesas

Advogado	Editor de Periódicos	Gerente de Atendimento ao Cliente
Analista Comercial	Eletrotécnico	Gerente de Branding
Analista de Crédito	Engenheiro de Civil	Gerente de Comércio Internacional
Analista de Custo	Engenheiro de Backend	Gerente de Compras
Analista de Marketing	Engenheiro de Data	Gerente de Controle de Risco
Analista RH	Engenheiro de Infraestrutura	Gerente de Fazenda
Analista Financeiro	Engenheiro de Medição	Gerente de Logística, Assistente de Logística
Arquiteto de Segurança	Engenheiro de Qualidade	Gerente de Planejamento Estratégico
Assistente Administrativo, Finanças e RH	Engenheiro de Software	Gerente de Produção
Assistente de Loja/Varejo	Engenheiro de Transmissão de Energia	Gerente de Relações Públicas
Contabilista	Engenheiro Elétrico	Gerente de Tributação
Controller	Engenheiro Hidráulico	Gestão de MAS Operação
Coordenador de Análise de Produtos	Engenheiro Mecânico	Gestor de Operação de Portos
Coordenador de Relacionamento com Cliente	Especialista em Produto	Médico do Trabalho
Coordenador de Relações Internacionais	Especialista em Qualidade/ISSO	Operador de Transações Financeiras
Designer Elétrico	Especialista em Tecnologia da Informação	Secretaria Executiva
Designer Mecânico	Gerente de Investimento	Técnico em Eletrônica
Designer Financeiro	Gerente Administrativo	

FONTE: PAULINO, 2019, IC da UNESP.

5.3 Soft Power no Brasil

“Um exemplo do *soft power* brasileiro é a imagem de um povo alegre, festeiro, de bem com a vida. Um estilo leve, que usa sandálias Havaianas e raramente se estressa. Muitos estrangeiros que nunca vieram ao país imaginam que todos os brasileiros vivem num lugar como a praia de Copacabana, relaxando ao sol, dançando samba ou outro ritmo sensual” (ALMEIDA, 2018). Este seria um tipo de estereótipo até que bom, pois atrai o turismo o que fomenta a economia. Mas há um outro negativo, mais divulgado nos últimos anos, que é o da violência, da corrupção, do país exportador de imigrante clandestino para a América do Norte e Europa, que é um *soft power negativo* do país (ALMEIDA, 2018).

Neste sentido, a questão que se coloca é por que o Brasil não enxerga essa controvérsia, ou seja, por que a presença dos Institutos Confúcio numa país como o Brasil não levanta críticas e posições contrárias enquanto que nos outros países o tema é longamente discutido? Isso vai responder muito fortemente a definição que o Brasil abriga diante da administração das agendas globais e sua própria capacidade de possuir *soft power*.

Por isso, em 1998, o Brasil assinou um “Tratado de Não-Proliferação” (TNP) que o designou como um “bom cidadão global”. Era uma forma de não se posicionar diante das questões polêmicas envolvendo países latino-americanos. A Índia se recusou a assinar esse Tratado e os EUA passaram a reconhecê-la com o status de potência nuclear, apoiando oficialmente a candidatura do país a um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU (STUENKEL, 2018).

Sendo isso bom ou mau, não é só isso o que faz o Brasil representar na arena global, diante da opinião pública internacional, o papel de “peso leve”. A falta de *hard power* limitou muito as ambições de Brasília. Assim, o potencial dos Estados emergentes se dá sob a égide da Diplomacia Pública (que engloba todas as outras diplomacias); a legitimidade internacional; e a capacidade de exercer liderança, isto é, a capacidade de definir agendas.

No Brasil, certamente, com a sua participação nos BRICs, a ideia e a prática do multilateralismo; e, por fim, a insatisfação com a ordem vigente, dentro de uma posição “não-ocidentocêntrica”, como alternativa à liderança dos EUA, levaram os brasileiros a aceitarem os Institutos Confúcio no Brasil sem muitos questionamentos. A única parcela da Europa que aceita os ICs está em Portugal, país com pouca liderança no mercado europeu. A questão colocada para o Brasil e para os países emergentes é como se tornar atraente na arena global? Fatores redutores como a violência, o pequeno investimento em P&D&I, em universidades e empreendedorismo acentua o papel brasileiro de “peso leve”, isso sem falar no seu pequeno PIB e na sua cultura considerada “exótica”.

Um dos poucos momentos em que o Brasil investiu no seu *soft power* foi em 2011, quando o Brasil se tornou um empreendedor notável na área de intervenções humanitárias com a agenda “Responsabilidade em Proteger”, gerando novos ideais sobre integração regional na América Latina, buscando respostas para os desafios da pobreza e da desigualdade.

Da mesma forma, montado a partir das estruturas do Instituto Goethe, o Instituto Cervantes e o Instituto Confúcio, o Instituto Guimarães Rosa veio para contribuir com o *soft power* brasileiro, tal como aponta Tatiana Prazeres em matéria para o jornal Folha de

S. Paulo (1º novembro de 2019). O instituto criado pelo Itamaraty terá unidades em Nova Iorque, Londres, Tel Aviv, Luanda e Lima, mas ainda sem data de início para as atividades. A ideia dos centros é promover a cultura do Brasil no exterior, além de ensinar a língua portuguesa em sua vertente brasileira, com o objetivo de tornar o país uma referência às outras nações.

O Brasil já possui 24 centros culturais em outros países, que aplicam o Celpe-Bras (certificado de proficiência em língua portuguesa) e a ideia do Ministério é utilizá-los para que o instituto tenha autonomia financeira através da renda de cursos. O projeto foi inspirado em bem-sucedidas experiências, como a Aliança Francesa, da França, e o Goethe, da Alemanha³¹.

Segundo Trefor Moss, a respeito do emplacamento dos ICs no mundo, em uma matéria para o *The Diplomat*, o autor conclui:

In many states, China is probably wasting time and resources in trying to convince people to watch China Central Television, clutter newsstands with English versions of the China Daily, or co-finance its Confucius Institutes. These initiatives are doomed to fail in certain contexts. However, these same initiatives can work very well elsewhere. (MOSS, 2019).

5.4 Análise dos Sites

a) INSTITUTO CONÚCIO UNESP - <http://institutoconfucio.com.br>

1) Quem são? Missão? Natureza da colaboração universitária?

31

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:YHTXnlllOGkJ:brazilianpublishers.com.br/nota/instituto-guimaraes-rosa-monta-sede-em-cinco-cidades-estrangeiras/+&cd=4&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>, Acesso em 10/11/2019.

O Instituto Confúcio na Unesp chegou a São Paulo como resultado de um convênio entre a Unesp - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - e o governo da República popular da China, em parceria com a Universidade de *Hubei*. Sua missão é o ensino da língua chinesa, a divulgação da cultura e da história da China e o fortalecimento do intercâmbio cultural e acadêmico entre o Brasil e a China.

2) O que oferece?

Oferece curso de língua chinesa, utilizando material aprovado pelo Ministério da Educação da China. A supervisão pedagógica é realizada pela Universidade de *Hubei*, China, parceira da Unesp neste projeto. Todos os profissionais são enviados pela Universidade de *Hubei*, selecionados e aprovados pela Matriz do Instituto Confúcio na China (Hanban), para garantir o mais elevado padrão de ensino, de acordo com as normas do Escritório Internacional para Ensino da Língua Chinesa como Língua Estrangeira do ministério da Educação da China (Hanban). Oferecem também laboratório de línguas e plantão de dúvidas, com agendamento individual, para o aprimoramento dos alunos. Dispõem de sala de leitura com variado acervo de livros, revistas, DVDs e material multimídia para consulta. Oferecem também cursos em português sobre a história da arte da China e sobre o ambiente de negócios, para empresas interessadas em conhecer o ambiente cultural, legal, político, econômico e tributário para realização de negócios na China.

3) Público-alvo

Alunos das Universidades Anfitriãs, intercambistas, comunidade chinesa, empreendedores.

4) Eventos

O Instituto Confúcio da UNESP não promove muitos eventos, o seu último evento registrado pelo site aconteceu em novembro de 2017. O que costuma acontecer são palestras na área de empreendedorismo na China.

5) Convênios de Intercâmbio

Santander Universidades, Universia Intercâmbios, Faculdades Integradas Rio Branco.

b) INSTITUTO CONFÚCIO UNICAMP - <http://institutoconfucio.unicamp.br>

1) Quem são? Missão? Natureza da colaboração universitária?

O Instituto Confúcio na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) é fruto do convênio entre a UNICAMP e a Sede do Instituto Confúcio na China (Hanban), em parceria com a *Beijing Jiaotong University* (BJTU). Sua história se inicia desde 2009 com a visita do reitor da BJTU à UNICAMP, em novembro. Nesta visita, os dirigentes de ambas as universidades assinaram o Memorando de Entendimento para cooperação e intercâmbio de docente e discente, além de conversarem sobre a fundação do Instituto Confúcio. Em 17 de julho de 2014, foi assinado o convênio de estabelecimento do instituto, tendo como testemunhas a presidente Dilma Rousseff e o presidente chinês, Xi Jinping. Na ocasião, as duas universidades também firmaram o acordo de cooperação acadêmica. A missão é contribuir para a cooperação internacional entre os países, difundindo a língua chinesa e promovendo eventos culturais importantes para a comunidade acadêmica.

2) O que oferece?

Oferece cursos de língua e cultura chinesa, bem como informações gerais sobre a China, com intuito de ampliar a comunicação e a cooperação entre os dois países em áreas como economia, comércio, cultura e tecnologia. Além disso, também procuram parcerias com empresas chinesas locais para servirmos de ponte de comunicação entre a China e o Brasil, proporcionando oportunidades de emprego, pesquisas e bolsas.

As aulas de mandarim são oferecidas na forma de curso de extensão, pela Escola de Extensão da Unicamp, em parceria com o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/UNICAMP). Todo corpo docente do instituto é formado pelos profissionais credenciados pela Hanban, altamente qualificados para lecionar mandarim como língua estrangeira.

3) Público-alvo

Alunos do Instituto, alunos e professores da Unicamp, intercambistas, comunidade chinesa, empreendedores, empresários de um modo geral, linguistas, entre outros. O IC da UNICAMP se diferencia do IC da UNESP pelo fato de estar dentro do campus da UNICAMP, onde a vida cultural é muito rica e diversa. No caso da Unesp, como os *campi* são segregados pelo estado de São Paulo, o intercâmbio acaba sendo menor, mesmo embora o IC seja muito importante no país. Como resultado disso o tópico “Eventos” da Unicamp é muito mais explorado do que o da UNESP.

4) Eventos

O IC da Unicamp promove periodicamente eventos culturais como Festival do Barco do Dragão, Festival da Lua, Comemoração do Dia Internacional do Instituto Confúcio, entre outros, com objetivo de trazer os costumes e hábitos do povo chinês à comunidade

local. Promovem inclusive eventos que divulgam os estudos do grupo Brasil-China da Unicamp, minicursos na área, e também, mostras de cinema chinês.

5) Convênios de Intercâmbio

Intercâmbio Beijing Jiatong, Summer Camp Beijing Jiatong University, oportunidades de bolsa, oportunidades de trabalho.

6. OS ATORES EM CENA

6.1 A Narrativa dos Atores

Nesta pesquisa, as narrativas serão tratadas como processos identitários e suas conexões com o estudo das construções de fala que vêm sendo analisadas na Sociologia das últimas décadas (DE OLIVEIRA, 2011), dentro do espectro do Intercâmbio entre Brasil e China. Mais especificamente, será trabalhado o desenvolvimento identitário da juventude que vai para a China estudar em universidades chinesas e em pessoas chave dentro do espectro dos Institutos Confúcio da UNICAMP e da UNESP, como os diretores dos ICs e alguns professores do grupo China da UNICAMP.

Escolheu-se por não usar um *survey*, e sim, uma dinâmica de entrevistas que desse conta das nuances dos sujeitos da pesquisa, pois se tratam de pessoas muito diferentes entre si (MILLS, 1981, p. 86-113), buscando levar em consideração as diferenças culturais, o desejo (diferenciado) das populações, a diversidade na forma de recursos (naturais, humanos, financeiros) disponíveis; isto é, formas diferentes de produção de conhecimento, pois a ciência é culturalmente construída e situada e ela incorpora conhecimentos locais ao lado de universais (VELHO, 2011), numa espécie de dança entre as realidades microfísica e macrofísica (OSTROM, 2011).

Entrando em uma abordagem mais qualitativa, interpretativista e humanística, focou-se nas contribuições específicas de cada sujeito para o tema dos Institutos Confúcio e do Intercâmbio, mas também usando as palavras-chave da pesquisa bibliométrica, como por exemplo, a sequência entre: Instituto Confúcio e Intercâmbio Acadêmico; Instituto Confúcio e Soft Power; Instituto Confúcio e Diplomacia Cultural e, finalmente; Brasil e China, no espectro do grupo China da Unicamp.

Assim, tentou-se abordar trechos das entrevistas em categorias montadas na pesquisa bibliométrica, para responder de forma qualitativa às questões emergentes das entrevistas e da própria pesquisa como um todo.

Abordou-se, num primeiro momento, os diretores dos ICs e os professores envolvidos nos processos desses ICs e depois, abordou-se as entrevistas dos estudantes que passaram por situação de intercâmbio com a China. Para isso, dois grandes gráficos foram construídos, de modo que dessem conta da descrição de cada entrevistado sobre seu processo com a China, cargos, trajetórias pessoais, instituições de origem, temas de estudo, formas de financiamento, relação com os ICs, entre outros.

No quadro 1 (anexo 4, p. 138), tentou-se analisar a trajetória de cada diretor e professor que atua no universo dos Institutos Confúcio, que são consideradas pessoas chave desta pesquisa. A intenção foi abranger suas trajetórias intelectuais e profissionais e entender sua importância na área de China no Brasil.

Já no segundo gráfico (anexo 5, p. 140), sintetizou-se as experiências dos estudantes que passaram por situação de intercâmbio, diante dos temas que estudam dentro da área de China, dentro de suas experiências particulares, focando nas trajetórias pessoais, tipo de financiamento e relações com os ICs.

6.2 Os Institutos Confúcio e o Intercâmbio Acadêmico

Neste item, pretendeu-se abordar o universo qualitativo das entrevistas concedidas, em especial, o tema dos ICs e do Intercâmbio Acadêmico. Utilizou-se de trechos das entrevistas para refletir sobre o tema.

No que se refere às relações de intercâmbio entre Brasil e China, segundo o diretor do IC da UNESP, eles não chegam a receber alunos chineses nos ICs, mas recebem

“professores chineses que vêm colaborar” com eles. Nesse caso, eles dão todo o suporte necessário desde moradia, plano de saúde, documentação, etc. No caso dos alunos brasileiros do Instituto Confúcio da UNESP que realizam atividades de intercâmbio na China, eles dão

Todo o suporte necessário na fase de seleção dos alunos. Os alunos que recebem bolsas da matriz do Instituto Confúcio e vão estudar nas universidades chinesas recebem o suporte diretamente das universidades chinesas onde estão estudando.

Já segundo o diretor do IC da UNICAMP, por meio do IC, um convênio de intercâmbio é estabelecido com a universidade parceira, a *Beijing Jiaotong*;

Damos, portanto, apoio aos alunos sobretudo no âmbito desse convênio, seja para estabelecer os contatos entre as partes, para ajudá-los a encontrar aulas de idiomas ou para demais detalhes logísticos. A responsabilidade pelo intercâmbio é da DERI, mas acabamos prestando esse apoio.

Este, inclusive, foi um dos motivos que a autora decidiu entrevistar o diretor executivo do DERI (Diretoria Executiva de Relações Internacionais da Unicamp, também conhecida como “Escritório de Mobilidade Estudantil”).

Segundo Entrevistado 1, “O processo de intercâmbio foi realizado em três etapas, sendo: análise do histórico acadêmico, comprovação de proficiência em chinês e entrevista com os professores do Confúcio”. Ele foi selecionado como um dos cinco brasileiros que tiveram a oportunidade, em 2018, de fazer intercâmbio com a Universidade *Beijing Jiaotong*.

Segundo Entrevistado 3, o intercâmbio se deu

A partir de da abertura do edital para a China. Na época o edital não pedia teste de inglês como o TOEFL por exemplo, e assim pude aplicar sem uma preparação prévia, ou seja, o intercâmbio não estava exatamente nos planos.

Mas assim que foi aberto o edital para a China ele teve interesse, e foi muito incentivado por uma prima que morou lá. Através da bolsa do Ciência sem Fronteiras que

era ligada à CAPES, ele morou por 2 anos em *Xangai*, entre 2013 e 2015 e lá fez estágio linguístico de mandarim e aulas de engenharia.

Assim, para o Entrevistado 4, as coisas se deram do seguinte modo:

Eu me mudei para China em 2013 para realizar o meu mestrado, então eu não realizei um intercâmbio. A experiência foi desafiadora tanto do ponto de vista cultural quanto linguístico, mas foi um momento de muito aprendizado. Eu consegui financiamento do governo de Xangai através do processo seletivo (...). Eu fui para *Fudan University* desenvolver uma pesquisa sobre comunicação intercultural entre China e Brasil, investigando quais eram as imagens e imaginações existentes nessa relação. Os estudos correram bem e as aulas auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa.

Para o Entrevistado 5, que é alemão e vive no Brasil, ele foi à China pela primeira vez em 2011 por dois meses na província de *Tongji* dentro de um programa de escola de inverno que seu instituto alemão (*OAW-RUB*) oferecia aos alunos depois do primeiro ano de intensivo de chinês. Depois, após o 3º ano da graduação, foi contemplado com a bolsa de parceria *RUB-Tongji*. Após sua viagem para a China, onde conheceu seu companheiro (Intercambista 3), veio ao Brasil em meados de 2015, sem vínculo universitário direto, mas trabalhando em um projeto de pesquisa da UTFPR (Studio Cidades e Biodiversidade, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná) onde ficou por um ano, depois fazendo o mestrado em Tecnologia e Sociedade. Apresentou trabalho no 2º Seminário Pesquisar China Contemporânea uma proposta de uma ideia que virou seu tema de doutorado.

6.3 Os Institutos Confúcio e o Soft Power

Neste item, buscamos estabelecer uma relação entre as entrevistas para tentar achar respostas e posicionamentos no que se refere ao tema da autonomia universitária em relação à institucionalização dos ICs dentro das universidades. Tentar entender diante dos posicionamentos por quê muitas vezes a soberania nacional é colocada em xeque

diante de um novo modelo de intercâmbio universitário e sobre os desdobramentos das relações entre Brasil e China. Tentar, sobretudo, entender por que os brasileiros não questionam muito esse fato, ao contrário do que ocorreu em outros países, como EUA e Canadá.

Com relação à questão de os ICs estarem dentro das universidades, o diretor do IC da UNESP destaca que não vê

Como o contato de uma universidade brasileira com uma instituição de um país com um sistema político diferente do nosso pode criar ‘problemas de soberania’. Problemas de soberania não tem nada a ver com sistema político, mas com interesses geopolíticos. Nesse sentido, os Estados Unidos ou os países europeus têm muito mais interesses geopolíticos no Brasil e na América Latina do que a China, haja vista toda a polêmica sobre a Amazônia entre o governo francês, norueguês e brasileiro, e estranhamente, ninguém faz esse tipo de pergunta sobre as relações entre universidades brasileiras e instituições americanas, francesas ou norueguesas. Aliás, a China foi o único país a apoiar o Brasil nessa polêmica sobre as queimadas na Amazônia, afirmando que se tratava de uma ‘crise fabricada’.

Já o diretor do IC da UNICAMP, afirma que

Até hoje, nunca tivemos problema algum pelo fato de o IC estar ligado a um governo socialista. Poderíamos discutir eventuais problemas de soberania oriundos do fato de termos uma instituição internacional dentro da Unicamp, qualquer que seja ela (pública, privada, de um país capitalista ou socialista), mas o fato de ser uma instituição ligada a um governo socialista não altera em nada o quadro.

Com relação à posição branda do Brasil em relação aos ICs, o diretor da UNESP afirma que:

Em primeiro lugar essas tais ‘controvérsias políticas e acadêmicas’ nos EUA e Canadá, no caso dos Institutos Confúcio, são absolutamente marginais. Nos Estados Unidos existem 108 Institutos Confúcio, ou seja, quase três vezes mais do que em toda a América Latina, em conjunto, e 10 vezes mais do que no Brasil e houve problema em duas ou três universidades. Os Estados Unidos têm atualmente mais de 300.000 estudantes de suas universidades estudando a língua chinesa e algo em torno de 100 mil estudantes americanos estudando na China, da mesma forma que a China têm um enorme número de estudantes chineses estudando nos Estados Unidos. No caso do Brasil, não temos nenhum tipo de problema, mesmo porque os Institutos Confúcio se dedicam exclusivamente ao ensino da língua chinesa, assim como o fazem a Cultura Inglesa, a Aliança Francesa, o Instituto Goethe e Cervantes no caso das línguas de seus respectivos países. O Brasil precisa formar futuras gerações de profissionais que falem a língua chinesa porque isso é de interesse mais do Brasil do que da própria China, ou permaneceremos eternamente ignorantes em relação ao que se passa naquele país, formando nossos (pré) conceitos a partir do que lemos e ouvimos falar em outros países porque nossos estudantes são incapazes de ler e compreender a língua chinesa.

Já segundo o diretor da UNICAMP, o fato ainda não acontece, pois o povo brasileiro é muito aberto às diferentes culturas. No entanto,

Temo que essa pressão que já ocorre nos EUA e Canadá chegue também ao Brasil, sobretudo porque o atual presidente copia o [Donald] Trump e já deu declarações contra a China. Ressalte-se, porém, que, se isso acontecer, terá sido algo semeado de cima para baixo, ou seja, dos representantes oficiais para a sociedade civil (como, aliás, costumam ser as manifestações de racismo pelo mundo).

Da mesma forma, o atual diretor do CASS e professor do grupo China também aponta em sua entrevista para a existência de uma espécie de racismo na discussão sobre a existência dos ICs nas universidades brasileiras e em todo o mundo, pois na opinião dele, mais importante ainda do que a existência de instituições linguísticas, as universidades deveriam ter como disciplina obrigatória no curso de Letras o curso de Mandarim, pois segundo o professor, “as universidades preferem investir no ensino do italiano”, por exemplo.

Neste sentido, em sua entrevista, o diretor do DERI também aponta para o surgimento de um preconceito infundado nas críticas aos ICs no Brasil e aponta, inclusive, para a importância de o Brasil ter os seus próprios mecanismos de *soft power* como a construção do Instituto Guimarães Rosa, tal como muitas outras estratégias apontadas no item 3 do capítulo 5. Para ele não faz sentido criticar os ICs e achar “normal” o Instituto Goethe ou o Instituto Cervantes.

6.4 Os Institutos Confúcio e a Diplomacia Cultural

Este item foi feito principalmente para explorar a entrevista do diretor do DERI e sua atuação na Diretoria. A ideia foi buscar compreender melhor as relações entre os Institutos Confúcio e a questão da Diplomacia Cultural diante do tema das Relações

Internacionais, pois o Instituto Confúcio da Unicamp funciona por meio de uma parceria de cooperação com a DERI que envolve a universidade de Beijing – Jiatong.

Segundo o diretor, o Brasil tem uma posição diplomática híbrida, focada no multilateralismo. Os Institutos Confúcio surgem, neste sentido, de uma necessidade de cooperação de mercados. A busca pela internacionalização surge, portanto, de uma consequência dos desdobramentos de sua economia. A relação comercial foi, por conseguinte, o que fomentou a aproximação entre os países, que com o passar do tempo passou a envolver outros vetores, tais como o ensino de línguas.

O Brasil é assim um *global trader* no sentido de ter uma posição própria, de forma agregadora, multilateral, multicultural e flexível, capaz de dialogar e encontrar soluções e interesses comuns. Assim, segundo o diretor,

Com o tempo, essa relação comercial passou a ser reforçada conforme o Brasil foi ganhando uma certa notoriedade na geopolítica mundial durante a primeira década do século XXI, passando por um bom momento econômico, teve uma diplomacia muito ativa, se associou à China através dos BRICS.

Por outro lado, nos últimos tempos, segundo ele, a China passou por um momento de aprofundamento da sua capacidade de promover Ciência e Tecnologia, “buscando parcerias e alianças, envolvendo-se em redes de pesquisa”, e a UNICAMP tentou se beneficiar disso inclusive. Os Institutos Confúcio configuraram assim, segundo o professor, “*a instituição certa, no momento certo, na hora certa*”, mesmo que haja dúvidas de se quem buscou primeiro o Institutos Confúcio foi a Unicamp ou se foi o Instituto Confúcio quem procurou a Unicamp. De todo modo, o diretor da DERI afirma

Ter sido um encontro muito feliz, sendo que a presença do IC aqui chegou em boa hora e nós vemos os resultados e acabamos de renovar o convênio original e eu já estava dentro da DERI neste momento.

Neste sentido, a China passou por um momento de isolamento durante a Guerra Fria, por exemplo, sem ter muitas relações com o Ocidente, mantendo-se distante do tema da internacionalização.

Quando ocorre a revolução cultural, a China se volta para uma guerra difícil que foi a guerra com a Coreia, tendo atritos com seus aliados da URSS, mas a China deixa em algum momento esse passado de extrema escassez e passa a pensar globalmente e eu vejo aí os Institutos Confúcio como uma forma reveladora de a China se abrir para o mundo e se tornar mais conhecida e ao mesmo tempo conhecer. Mas isso não é fácil (...) Parece que às vezes o IC cria tensões dentro das universidades, diante de grupos que se ressentem muito de algumas atitudes do governo chinês em relação a, por exemplo, questões de direitos humanos (...) e nós não temos nenhuma experiência neste sentido aqui na UNICAMP e, embora o atual governo [o governo de Jair Bolsonaro] tenha na sua chegada à Brasília empregado um discurso extremamente agressivo, eles diretamente (ministros e ideólogos) foram pedir ajuda econômica para a China, tentando desfazer um pouco dos atritos que tiveram no começo (...) Portanto o Brasil tenta a todo momento manter sua tradição de ser um *global partner* (...) E aqui na UNICAMP nós podemos ver uma parceria de muito respeito.

Para tanto, o professor alega que incentivar os ICs no Brasil é o mesmo que incentivar os programas de intercâmbio como o Instituto Goethe, como a Aliança Francesa dada a importância de se difundir outras línguas e outras culturas no mundo.

Eu acho que isso é legítimo, pois cabe à gente encontrar um ponto de convergência de interesses (...) E eu acho que para o cientista brasileiro é extremamente importante encontrar canais que tornam mais ágil e mais rico o fluxo de conhecimento e intercâmbio.

6.5 O Brasil e a China: o “Grupo China” da Unicamp

A institucionalização da área “Brasil-China” na Unicamp passa, para além dos ICs, por uma participação ativa de alguns intelectuais que têm uma formação acadêmica voltada para essas questões. Assim, um universo intelectual, científico, tecnológico e inovador se configura diante de biografias específicas que estão sempre atreladas às questões do universo chinês. Este item foi formulado para explorar as contribuições do diretor executivo do CASS e também professor do grupo China da UNICAMP.

Assim, por volta do início dos anos 2000, organizou-se um encontro da SBS (Sociedade Brasileira de Sociologia) na Embaixada de Pequim, e decidiu-se que todas as

áreas do conhecimento deveriam voltar-se para os problemas chineses. Assim, segundo o professor do grupo China, já havia no ar uma atmosfera de que

A globalização tinha reservado surpresas à história, bem diferentes daquilo que a gente estava acostumado a pensar”; portanto “o que estava sendo feito não era somente por brasileiros ou pela Unicamp (...), mas por toda a rede internacional de Sociologia.

Neste sentido, o processo da criação da área de Brasil e China na Unicamp passa por uma necessidade de se “colocar a China no radar”, tal como aponta ele. Assim, em 2010,

Na gestão de Fernando Costa, com a participação de Pedro Paulo, inclusive eu e Leila, alguns economistas, Pacheco, que era o líder do grupo, abriu-se no ano seguinte em 2011 formou-se o grupo Brasil China através de uma reunião entre certos professores. Tinha pessoas das mais diversas áreas, como das ciências exatas, das Artes, até que todo mundo foi caindo fora e ficou um grupo mais concentrado em entender a China mesmo.

Quando a gestão de Costa termina e entra a gestão de Tadeu, havia um espaço para estudos do Grupo China dentro da estrutura da Unicamp. O professor acreditava que a área ia acabar e o espaço sumir, mas “o grupo foi mais forte e permaneceu”. Tudo muda com a entrada de Marcelo Knobel, quando se inaugura o laboratório de nanotecnologia Brasil-China. Diz ele:

Isto nos deu a possibilidade de se ter uma certa institucionalidade, embora a gente não tenha nada no papel e a gente foi crescendo e agregando novas pessoas em função dos interesses das pessoas. Então foi Pacheco, depois Leila, depois eu. Leila queria continuar com a institucionalização, Leila queria continuar o grupo.

Deste modo, nada faz sentido se não houver alunos chineses, ou seja, a necessidade do intercâmbio é fundamental, segundo ele, daí a importância dos Institutos Confúcio na institucionalização da área Brasil-China na Unicamp. O professor aponta ainda para a importância de se ter um curso de mandarim no Centro de Estudos da Linguagem, ou no próprio IEL, fato que algumas universidades particulares conseguem.

Com relação à discussão tão importante sobre o *soft power* chinês, o estudioso de China aponta para o fato de se ter “um perfil institucional de uma época”, sendo assim a

Aliança Francesa, o Instituto Goethe e programas de intercâmbio semelhantes, formadas em um determinado tempo histórico. Assim, não haveria hoje outro modo de se institucionalizar o intercâmbio acadêmico entre Brasil e China senão através de Institutos Confúcio. O Brasil, por sua vez, lança neste ano, no ano de 2019, a ideia de se construir um “Instituto Guimarães Rosa”, com uma estrutura baseada nos moldes dos Confúcio.

O professor acha que:

Há uma certa dose de racismo nessa história dos ICs (...). Muitos dos alunos dos ICs são de escola técnica, ou empresários de indústrias, ou seja, significam na prática relações que vão muito além da universidade (...), e não se pode eximir a responsabilidade da universidade de se implantar departamentos ou instituições asiáticas, se um dia tirarem o IC da Unicamp eu saio do grupo China, pois não faz sentido a universidade sem seus mecanismos de intercâmbio, não faz sentido se estudar China sem estudos sobre a linguagem chinesa.

7. Conclusões

Certamente, esta pesquisa circunscreve-se em torno de relações que reforçam a ideia de um fenômeno apontado pela literatura chamado *brain circulation*, daí o medo francês da Fuga dos Cérebros; da necessidade de se “sair para respirar”, “abrir a cabeça”, como motivação apontada também pelos entrevistados aqui. Os estudantes e professores pesquisados podem configurar a categoria definida por Renato Ortiz (2002) como reprodutora de um *habitus* cosmopolita, diante de uma comunidade científica internacional, que junta o *habitus* local com o *habitus* global, criando as condições sociais para que esses grupos participem de uma elite própria, através de um *status* que os coloca em posição de prestígio social. Portanto, se o objetivo é estudar o intercâmbio acadêmico entre Brasil e China, há que se olhar para o tema das elites de poder que vivem em uma condição *metropolitana* ou *cosmopolita* (MILLS, 1981, p. 95).

Os Institutos Confúcio estão dentro das universidades em forma de Instituições, assim como o *Programa Ciência Sem Fronteiras* e o *Programa Idioma Sem Fronteiras* e o *Paraná Fala Inglês* (para citar programas mais recentes), mas de forma mais profunda pois eles representam uma aliança institucional com os países anfitriões. Neste sentido, eles formam um novo tipo de modelo de intercâmbio, mais formalizada, que pode vir a servir de base para o Instituto Guimarães Rosa do Brasil por exemplo, que, enquanto se redigia esta dissertação estava em fase de construção. Este modelo pretende se diferenciar, por exemplo, de experiências como as do Instituto Goethe e do Instituto Cervantes, que se situam fora das universidades.

Assim, os ICs podem funcionar como uma ferramenta para difundir a possibilidade do intercâmbio e do empreendedorismo tanto dos estudantes universitários como de empresários, estudantes secundários e de nível técnico e mesmo de minorias.

Segundo os dados aqui levantados, como nas entrevistas, os Institutos Confúcio representam uma aliança cultural e econômica, já que eles surgem de uma necessidade de cooperação entre mercados. A internacionalização configura-se assim, como uma consequência dos desdobramentos das relações mercantis entre Brasil e China. A relação comercial foi, por conseguinte, o que fomentou a aproximação entre os países, que com o passar do tempo envolveu também outros vetores, tais como o ensino de línguas.

Neste sentido, há duas formas de atuação no que se refere ao intercâmbio acadêmico e na dinâmica da formação de elites: ou o jovem se insere numa *continuação da trajetória de seus parentes*, isto é, seguindo uma trajetória de pensamento construída antes dele; ou ele está em busca de ascensão social através de sua própria atuação no *habitus científico*.

Segundo os protagonistas aqui analisados, os ganhos das universidades que sediam os ICs são imensos, fomentando inclusive um enorme potencial de geração de empregos, pois são cursos acadêmicos e programas de intercâmbio que lidam diretamente com os estudantes, além de oferecer conhecimento sobre a língua oficial da China e experiência de como viver no país hoje, abrindo um leque de oportunidades de emprego, principalmente na área das engenharias tal como aponta Paulino (2019).

Os ICs parecem invisíveis em um primeiro olhar, porque funcionam como instrumento de *soft power* e esta parece ser uma questão muito importante no debate das Relações Internacionais. A influência dos ICs nas relações internacionais entre Brasil e China provocam mudanças cumulativas e de longo prazo, como foi ressaltado por entrevistados desta pesquisa.

Não somente, o fato de os ICs não levantarem críticas nos brasileiros é também um resultado a se colocar em questão. Por que os brasileiros não questionam a existência

dos ICs dentro das universidades tal como fazem países avançados e prósperos como os EUA e o Canadá? Afinal, segundo Marshall Sahlins, “Por que a China está recebendo tanta atenção agora? É por causa de seu poder sempre crescente...?” (THE NATION, 2013). Acrescenta ainda que “apesar de toda a atenção que os Institutos Confúcio atraíram nos Estados Unidos e em outros lugares, não houve praticamente nenhuma investigação jornalística ou etnográfica séria sobre seus detalhes, como a forma como os professores chineses são treinados ou como o conteúdo dos cursos e livros didáticos é escolhido” (THE NATION, 2013).

Como foi demonstramos no decorrer desta pesquisa, especialmente no capítulo 3 e 5, todo o material didático dos ICs e todo o processo de implementação dos ICs está sob supervisão da HANBAN chinesa, e, para além, tentou-se entender como funcionam os ICs no mundo e no Brasil e como eles foram implementados institucionalmente. Isso foi claramente descrito nesta dissertação, com ajuda de autores como Kuan (2013), Shuto (2018) e Shangwu (2013).

Neste sentido, cabe a pergunta de por que os países citados acima questionam essa atuação da HANBAN nos países anfitriões e por que o Brasil aceita tudo isso amigavelmente? Um fator forte talvez seja uma necessidade de fuga do ocidentocentrismo, que através dos BRICs, fez surgir uma certa resistência à ordem mundial norte-americana. Outro fator pode ser o padrão cordial das relações do Brasil com outros países, ou como disse o diretor da DERI, a posição diplomática híbrida do Brasil, tentando amenizar as diferenças entre os povos que contribuíram para formação étnica e migratória do país.

Afinal, tal como aponta a questão central deste trabalho, os ICs contribuem fortemente para o intercâmbio acadêmico na área de cooperação econômica e cultural

entre Brasil e China, fortalecendo as relações particulares entre os países e contribuindo, no médio e longo prazos, para a estratificação social tanto do Brasil quanto da China. Essa ideia é corroborada pelos resultados empíricos e análises, uma vez que, o intercâmbio dos ICs constitui um enraizamento na sociedade brasileira que terá resultados tangíveis na cooperação entre os países, direcionando-os às metas estabelecidas preferencialmente pelos asiáticos.

Portanto, os ICs são vistos como uma possibilidade de empreender uma cooperação bilateral entre China e países estrangeiros, o que nem sempre acontece, pois como apontam os dados desta dissertação no caso brasileiro os resultados acontecem em favorecimento em especial às metas chinesas, como resultado de seu *soft power*.

Por outro lado, a pesquisa bibliométrica aponta para fatos como o de que os EUA são os principais autores de artigos sobre os Institutos Confúcio, sendo também o país com maior número de ICs do mundo, seguindo a China e Reino Unido.

Ressalta-se também que em 1974 iniciaram-se as relações diplomáticas entre Brasil e China (BECARD, 2006) e, em 2006, com a criação do grupo BRICS, o número de publicações foi fortalecido e o debate sobre os Institutos Confúcio no mundo aumentou. No Brasil houve apenas um trabalho científico sobre os Institutos Confúcio, mas com foco em seu papel nas Relações Internacionais e no mundo.

Com relação às publicações entorno dos verbetes “Confucius Institute” AND “Soft Power”, há um aumento na produção de artigos em 2016 provavelmente como consequência da publicação do livro *Post-Western World: How Emerging Powers Are Remaking Global Order*, publicado naquele ano em inglês por Oliver Stuenkel, autor alemão da área de Relações Internacionais. Ele argumenta nesse livro provocativo que

interpretações convencionais da ordem internacional e mudança global são distorcidos por preconceitos centrados no Ocidente, revelados em narrativas que colocam os ocidentais como os únicos agentes da modernidade. Assim, o cenário para a criação dos Institutos Confúcio no Brasil e no mundo está inteiramente aberto, ocupando uma posição de “*a instituição certa, no momento certo, na hora certa*”, como disse um dos entrevistados.

No ano de 2013 há uma explosão da temática chinesa, por conta de sua agenda ambiental e por conta de passar a ser considerado uma das maiores economias do mundo. Portanto, o país passa a ser questionado em muitos aspectos, como por exemplo sobre seu poder brando sobre outras culturas e sobre seu potencial poluidor e sobre seu *hard power*.

Com relação à Metodologia utilizada, conclui-se que foi apropriada para atingir os objetivos e responder às questões orientadoras da tese, por possibilitar o cruzamento entre métricas e processos; além de possibilitar o cruzamento dos níveis de ação global com a concretude da vida social local. Assim, foi possível capturar as tensões entre diferentes perspectivas de ação e narrativas, objetivos e estratégias produzidos pelas relações internacionais e a vivência cotidiana dos atores em ação e das instituições que os abrigam em nível local, em uma espécie de dança, cujos movimentos se completam e se antepõem ao mesmo tempo.

REFERÊNCIAS

ABDU M. A. e BATISTA, I. S., “Space Science Education and Training in Brazil”, *Adv. Space Res.* Vol. 20, No. 7, pp. 1421-1425, 1997.

ALMEIDA, A. M. F. *et al*, “Circulação Internacional e Formação Intelectual das Elites Brasileiras”, ed. da Unicamp, Campinas – SP, 2004.

ALMEIDA, P., “Soft Power - O poder de influência de um país no mundo”, <https://www.publishnews.com.br/materias/2018/01/23/soft-power-o-poder-de-influencia-de-um-pais-no-mundo>, Acesso 16/03/2020.

ARANTES, P., “Um departamento francês de ultramar”, ed. Paz e Terra, São Paulo, 1994.

BARBIERI, Mariana. D., MARTINELLI, Marina, “Modernização e Individuação na China Contemporânea”. *LESTE VERMELHO*, v. 4, p. <http://www.lest>, 2018.

BECARD, “O Brasil e a República Popular da China: política externa comparada e relações bilaterais (1974-2004)”, Tese de Doutorado defendida pelo Programa de Relações Internacionais da UNB, Brasília, 2006.

BERNARD, H. Russell, “Research Methods in Anthropology”, ed. AltaMira Press, USA.

BITTENCOURT KRAINSKI, L. *et all*, 2016, “Internacionalização da Educação Superior: Estratégias e Ações Institucionais Referente à Mobilidade Estudantil”

BOURDIEU, P., “A gênese dos conceitos de habitus e de campo” , *O poder simbólico*, 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.

BOURDIEU, P. “Razões práticas: sobre a teoria da ação”, ed. Papyrus, Campinas, 1996.

BOURDIEU, P, “Sociologia”, ed. Ática, 1983.

BOURDIEU, P, “Economia das Trocas Simbólicas”, ed. Perspectiva, 1982.

CAIRNS, D., “International student mobility in crisis? Understanding post-diploma mobility decisionmaking in an economic crisis context”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 2015.

CHARLE, C. *et al*, “Ensino Superior: O Momento Crítico”, trad. Alain François, *Regards sur l’actualité*, nº 301, p. 21-36; *La documentation française*, 2004.

CHEN, Jianguo; WANG, Chuang; CAI, “Jinfa Teaching and Learning Chinese: Issues and Perspectives” Acesso: 27/01/2017.

COGGIOLA, Osvaldo. “A Revolução Chinesa”, São Paulo, Editora Moderna, 1986.

COSTA, J. H. “Reflexões sobre a indústria cultural a partir de Pierre Bourdieu: a importância dos conceitos de Habitus e Capital Cultural”, *Revista Espaço Acadêmico*. **12** (140): 12–21. *ISSN 1519-6186*, 2012.

DE OLIVEIRA, P., “Narrativas identitárias e construções subjetivas: considerações teóricas e análise empírica de identificações entre jovens das classes populares” *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, vol. 11, núm. 1, enero-abril, 2011, pp. 157-171, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

DIRLIK, A., “A Chinese History and the Question of Orientalism”, in *History and Theory*, vol. 35, No. 4, Theme Issue 35: Chinese Historiography in Comparative Perspective, 1996.

DWYER, T., 2016, “Jovens Universitários em um mundo de Transformação: uma pesquisa sino-brasileira”

EXAME, Revista, <https://exame.com>, acesso 05/10/2015

FAIRBANK, J. K., “*China: a New History*”, The Belknap Press of Harvard University Press, London, 2006,.

FARIA, L.I.L. et al. Análise da produção científica a partir de publicações em periódicos especializados. In: FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Indicadores de ciência, tecnologia e inovação em São Paulo 2010. São Paulo: FAPESP, 2011, <https://bv.fapesp.br/pt/73/estatisticas/>.

FEI, Xiaotong, “From the Soil: The Foundations of Chinese Society. Berkeley and Los Angeles”, University of California Press. 37-140, 1992.

FERREIRA, LEILA DA COSTA, e BARBI, FABIANA. (2014). Environmental concerns in Brazil and China (*Environmental Issues Intransitional Societies*). In: *Culture dellasostenibilità –Napolis*. ISBN 9788885313378, ISSN 1972-5817 (print),

FERREIRA, LEILA DA COSTA ; MARTINELLI, MARINA, “Anthropocene: Governing Climate Change in China and Brazil”, *Sociology and Anthropology*, v. 4, p. 1084-1092, 2016.

FOLHA DE S. PAULO, Mario Sergio Conti, “A Faisca Pode Incendiar a Padaria”, 25 de maio de 2019,

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP, <https://www.pluricom.com.br/clientes/fundacao-editora-da-unesp/noticias/2008/11/unesp-inaugura-o-primeiro-instituto-confucio-no>

FUNDAÇÃO FORD, <https://www.fordfoundation.org/our-work-around-the-world/brazil/>, acesso 16/07/2019.

FREEMAN, C; SOETE, L, “A Economia da Inovação Industrial”, ed. Unicamp, Campinas – SP, 2008.

GIDDENS, A., “O Mundo em Descontrole: o que a globalização está fazendo de nós”, ed. Record, Rio de Janeiro; 2000;

GIDDENS, A., “A Transformação da Intimidade”, ed. Unesp, São Paulo. 1993.

GOVERNO DO ESTADO NORTE-AMERICANO, <https://www.state.gov/>, acesso 30/05/2019

GRANET, M., “O Pensamento Chinês”, ed. Contraponto, Rio de Janeiro, 2009.

GUILHON-ALBUQUERQUE, José Augusto, 2014, “Brazil, China and USA: a triangular relation?”

HARTIG, F., “Communication China to the world: Confucius Institute and China’s Strategic Narratives”, 2015.

HANBAN, *Confucius Institut, Hanban*,, http://english.hanban.org/node_7880.htm#no3. Acesso em 15 de maio de 2019; https://english.hanban.org/node_10971.htm, acesso 15/05/2019

HELENE, A. F., RIBEIRO, P. L., “Brazilian Scientific Production, Financial Support, Established Investigator and Doctoral Graduates”, *Scientometrics*, Budapest, p. 677-686, 2011.

HSING-TSUNG, H., “Science & Civilizations in China Science and civilisation in China: Biology and biological technology”, V. VI, Google Books Jan, 2011.

KEITH, M; LASSH, S; ROOKER, T., 2014, “Construting Capitalism: Economic and Urban Change”, Routledge, New York.

KUAN, C.Y.W, “Cultural Diplomacy and Internationalization of Higher Education: The Experience of Three Confucius Institutes in Canada”, *Front. Educ. China*, 2013.

KUPER, A., “Cultura - a visão dos antropólogos”, Trad. Mirtes Frang de Oliveira Pinheiros, EDUSC, 2002.

LATOUR, B. “Networks, Societies, Spheres – Reflections of an Actor-Network Theorist”, *International Journal of Communication special issue* edited by Manuel Castells Vol 5, pp. 796-810, 2011,

LEONARD, M., “Why Public Diplomacy?”, London, June, 2002.

LIMA, M. C., 2008, p. 13 – 14, “Dinâmicas do Capitalismo Pós-Guerra Fria”

LIMA, Rafael, <https://portuguese.people.com.cn/n3/2015/1230/c309806-8997454.html>, Acesso 16/07/2019.

LOKKESMOE, K. J. et al, “Developing cross-cultural awareness through foreign immersion programs Implications of university study abroad research for global competency development”, <https://emeraldinsight.com/2046-9012.htm>, acesso 13 de

LOMBAS, M. L. S., “A Mobilidade Internacional Acadêmica: características de percursos de pesquisadores brasileiros”, *Sociologias*, Porto Alegre, ano 19, no 44, jan./abr., p. 308-333m, 2017,

MARSON, I. C. V. e BORGES, E. F. V., ““Paraná Fala Inglês na UEPG: Experiência Extensionista com Foco na Mobilidade Internacional”, Revista Eletrônica de Extensão (<http://dx.doi.org/10.5007/1807-0221>), V. 12, 2015.

MARTINELLI, Marina, “O sonho acordado é que é realidade”, ed. Livre Expressão, Rio de Janeiro, 2011.

MARTINELLI, Marina, “Direitos Civis e Novos Dilemas Contemporâneos: uma releitura de John Rawls”, ed. Paco, 2017, Jundiaí.

MATTIS, Peter. “Reexamining the Confucian Institutes”, <http://thediplomat.com>, Acesso: 27/01/2017.

MARX, K., “The future Results of British Rule in India”, <http://marxists.anu.edu.au/archive/marx/works/1853/07/22.htm>, Acesso em 01/10/2019.

MEDEIROS, C. A., 2013, “Padrões de investimento, mudanças institucionais e transformação estrutural na economia chinesa”, In CGEE Padrões de Desenvolvimento Econômico (1950-2008), América Latina, Ásia e Rússia, vol. 2

MEDEIROS, C. A., “China: entre os séculos XX e XXI”, In Fiori, J. L. (org.) Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações, Rio de Janeiro, Vozes, 1999.

METZGAR, “Institutions of Higher Education as Public Diplomacy Tools: China – Based University Programs For The 21st Century”, *European Association for International Education 2015*;

MILLS, C. W., “A Elite do Poder”, ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1981.

MORALES, J. J., “Científicos Sociales Latinoamericanos en Estados Unidos: Cooperación Académica, Movilidad Internacional y Trayectorias Interamericanas alrededor de la Fundación Ford” , Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 60, n.º 2, pp. 473 a 504, 2017.

MOSS, T, “Soft Power? China has Plenty”, The Diplomat, <http://thediplomat.com/2013/06/soft-power-china-has-plenty>”, Acesso: 20/09/2019.

NATIONAL SCIENCE FOUNDATION, <https://www.nsf.gov/>, Acesso 30/05/2019

NEEDHAM, J.; WANG, L., “Science and civilisation in China: History of scientific thought”, V. II, Google Books, Jan 2011. (a)

NEEDHAM, Joseph; KUHN, D. “Science and civilisation in China: Chemistry and chemical”, V. V, Google Books Jan 2011 (b)

NEEDHAM, J.; GWEI-DJEN, L., “Science and civilisation in China: Biology and biological technology. Botany”, V. VI, Google Books, Jan 2011 (c)

NYE, Joseph S., “Soft power: the means to success in world politics”, Nova York, 2004.

NYE, Joseph S., China’s soft and sharp power. Project Syndicate, 04 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.project-syndicate.org/commentary/china-soft-and-sharp-power-by-joseph-s-nye-2018-01>>. Acesso: 06/11/2019.

OKUBO, Y. “Bibliometric indicators and analysis of research systems: methods and examples”. Paris: OECD, 1997. Disponível em: <http://www.oecd-ilibrary.org/science-and-technology/bibliometric-indicators-and-analysis-of-research-systems_208277770603>, acesso: 05/11/2019.

ORTIZ, R. P., 2000, “O Próximo e o Distante: Japão e Modernidade-Mundo”, ed. Brasiliense, São Paulo

DE PAULA, Camila Galan, <https://xadrezverbal.com/2014/10/15/instituto-confucio-a-china-e-as-universidades/>, acesso 28/05/2019

PAULINO, L.A., “O Papel dos Institutos Confúcio no Brasil Durante o Período de 2008 – 2018: A Experiência do Instituto Confúcio na Unesp”, *Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais*, http://ieei.unesp.br/index.php/IEEI_MundoeDesenvolvimento/login?source=%2Findex.php%2FIEEI_MundoeDesenvolvimento%2Fissue%2Fview%2F2

PARADISE, J. F., “China and International Harmony The Role of Confucius Institutes in Bolstering Beijing's Soft Power_图文_百度文库”, *Asian Survey*, Vol. 49, 2009.

PENN, Brierley, “China Business:A broader education”, (2014). *ISSN 1170-0777*. Acesso: 27/01/2017.

PESSOA, Osvaldo, 2010, “Ciência e Filosofia Chinesas”, cap. XII.

PINHEIRO-MACHADO, R.. “Made in China: (in)formalidade, pirataria e redes sociais da China ao Brasil”, ed. São Paulo, Hucitec, v. 01. 340p, 2011.

PINHEIRO-MACHADO, R.. 'The confucian ethic and the spirit of capitalism': narratives on morals, harmony, and savings in the condemnation of conspicuous consumption among chinese immigrants overseas. *Scielo Special Editions.. Horizontes Antropológicos* (UFRGS. Impresso), v. 4, p. 06, 2008.

PRITCHARD, A. “Statistical bibliography or bibliometrics?”, *Journal of Documentation*, v. 25, n. 4, p. 348-349. 1969.

POTEETE, Amy R.; OSTROM, Elinor; JANSSEN, Marco A., “Trabalho em Parceria: Ação Coletiva, Bens Comuns e Múltiplos Métodos”, trad. Rogério Berttoni, ed. Senac, São Paulo, 2011.

QUEIROZ, F. C. B. P. *et al*, “Formas de Compartilhamento de Informações e do João Pessoa, v.25, n.3, p. 147-161, set./dez. 2015.

SAHLINS, Marshall, <https://www.thenation.com/article/china-u/>, Acesso 16/07/2019.

SAHLINS, Marshall, *The Nation*, <http://thenation.com>, Acesso: 27/01/2017.

SAHLINS, Marshall, “Confucius Institutes: Academic Malware” (2014)., Acesso: 27/01/2017.

SAID, E., “Orientalismo”, ed. Pantheon Books, 1978.

SHANGWU,S., “Hanban offers a wider choice”. *China Daily – Africa* https://africa.chinadaily.com.cn/weekly/2013-09/13/content_16967993.htm, acesso em 13 de maio de 2019

SHUTO, M., “Patterns and Views os China’s Public Diplomacy is ASEAN countries focusing on C.I.s”, 2018;

SPRINGUT; SCHLAIKJER; CHEN, “China’s Program for Science and Technology Security Review Commission”, CENTRA Technology, Arlington, USA, 2011.

STUENKEL, O., “O Mundo Pós-Occidental”, ed. Zahar, Rio de Janeiro, 2018.

TECMUNDO, Revista, <https://tecmundo.com>. Acesso em 09/09/2015.

THE ECONOMIST, Blog,

https://www.economist.com/blogs/asiaview/2011/01/china%E2%80%99s_confucius_institutes?page=1, Acesso 30/05/2019

TUNG-SUN, F., “A Teoria do Conhecimento de um filósofo chinês”, ed. Cultrix, São Paulo, 1977.

VELHO, L., “Redes Regionais de Cooperação em C&T e o Mercosul”, ser.cgee.org.br, 2010, acesso: 03/09/2019.

VELHO, L., “Conceitos de Ciência e a Política Científica, Tecnológica e de Inovação”, Sociologias, Porto Alegre, Ano 13, No. 26, 2011, p. 128 – 153.

WEBER, M., “Ensaio de Sociologia”, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.

WENDE, M. V., “International Academic Mobility: Towards a Concentration of the Minds in Europe”, European Review, Vol. 23, No. S1, S70–S88, 2015.

WINCHESTER, S., “O homem que amava a China”, ed. Companhia das Letras, 2009.

XAVIER DE BRITO, A., “Transformações Institucionais e Características Sociais dos Estudantes Brasileiros na França”, Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, No. 50, p. 145-159, 2000.

ANEXOS

ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

ANEXO 1 - DIRETORES DOS INSTITUTOS CONFÚCIO UNESP E UNICAMP

ENTREVISTADO: Diretor Instituto Confúcio UNESP

(1) Por que você foi atuar nos Institutos Confúcio?

Desde que entrei na Unesp como professor venho pesquisando sobre China. Quando surgiu a oportunidade de se criar um Instituto Confúcio na Unesp considerei tratar-se de uma importante iniciativa, pois era uma forma de estreitar nossos laços acadêmicos com as universidades chinesas e contribuir para a formação de uma nova geração de estudantes e pesquisadores que ao dominar a língua chinesa, pudessem aprofundar o nosso conhecimento sobre esse importante país.

(2) Qual o suporte institucional e pessoal que os ICs dão aos alunos chineses e brasileiros em situação de intercâmbio?

Nós não recebemos alunos chineses no Instituto Confúcio na Unesp. A Unesp tem alguns convênios com universidades chinesas e recebe regulamente alunos dessas universidades chinesas em programas de intercâmbio, mas o suporte a esses alunos chineses é dado diretamente pelas faculdades e institutos da Unesp que recebem esses estudantes. Nós no Instituto Confúcio na Unesp recebemos apenas os professores chineses que vêm colaborar conosco. Nesse caso damos todo o suporte necessário desde moradia, plano de saúde, documentação, etc. No caso dos alunos brasileiros do Instituto Confúcio que realizam atividades de intercâmbio na China, nós damos todo o suporte necessário na fase de seleção dos alunos. Os alunos que recebem bolsas da matriz do Instituto Confúcio e vão estudar nas universidades chinesas recebem o suporte diretamente das universidades chinesas onde estão estudando.

(3) Conte um pouco da sua vida profissional e como ela se alia à sua história de vida (histórico)?

Eu trabalho na Unesp desde de 2006. Anteriormente eu trabalhava em uma outra instituição de pesquisa chamada Fundação Seade, ligada à Secretaria de Planejamento do Estado de São Paulo, que trabalha com análise de dados. Também já tive alguns experiências de trabalho no setor público e também como professor em instituições privadas de ensino. Me graduei em engenharia na Faculdade de Engenharia Industrial (FEI) em São Paulo, fiz o mestrado na Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP-FGV) em economia e finanças públicas e me doutorei no Instituto de Economia da Unicamp em teoria econômica.

(4) Como fica a presença de um órgão vinculado a um governo socialista no interior de uma universidade brasileira? Não há problemas de soberania?

Honestamente não vejo como o contato de uma universidade brasileira com uma instituição de um país com um sistema político diferente do nosso pode criar "problemas de soberania". Problemas de soberania não tem nada a ver como sistema político, mas com interesses geopolíticos. Nesse sentido, os Estados Unidos ou os países europeus têm muito mais interesses geopolíticos no Brasil e na América Latina do que a China, haja vista toda a polêmica sobre a Amazônia entre o governo francês, norueguês e brasileiro, e estranhamente, ninguém faz esse tipo de pergunta sobre as relações entre universidades brasileiras e instituições americanas, francesas ou norueguesas. Aliás, a China foi o único país a apoiar o Brasil nessa polêmica sobre as queimadas na Amazônia, afirmando que se tratava de uma "crise fabricada".

(5) Em outros países, como os EUA e o Canadá, a presença dos ICs tem gerado controvérsias políticas e acadêmicas. Por que isso não acontece aqui?

Em primeiro lugar essas tais "controvérsias políticas e acadêmicas" nos EUA e Canadá, no caso dos Institutos Confúcio, são absolutamente marginais. Nos Estados Unidos existem 108 Institutos Confúcio, ou seja, quase três vezes mais do que em toda a América Latina, em conjunto, e 10 vezes mais do que no Brasil e houve problema em duas ou três universidades. Os Estados Unidos têm atualmente mais de 300.000 estudantes de suas universidades estudando a língua chinesa e algo em torno de 100 mil estudantes americanos estudando na China, da mesma forma que a China têm um enorme número de estudantes chineses estudando nos Estados Unidos. No caso do Brasil, não temos nenhum tipo de problema, mesmo porque os Institutos Confúcio se dedicam exclusivamente ao ensino da língua chinesa, assim como o fazem a Cultura Inglesa, a Aliança Francesa, o Instituto Goethe e Cervantes no caso das línguas de seus respectivos países. O Brasil precisa formar futuras gerações de profissionais que falem a língua chinesa porque isso é de interesse mais do Brasil do que da própria China, ou permaneceremos eternamente ignorantes em relação ao que se passa naquele país, formando nossos (pré) conceitos a partir do que lemos e ouvimos falar em outros países porque nossos estudantes são incapazes de ler e compreender a língua chinesa.

ENTREVISTADO: Diretor do Instituto Confúcio da Unicamp

(1) Por que você foi atuar nos Institutos Confúcio?

Estava apoiando a então Vice-Reitoria de Relações Internacionais da Unicamp nas atividades de cooperação acadêmica com BRICS. Quando o primeiro Diretor do Instituto Confúcio se aposentou, fui nomeado pelo Vice-Reitor para assumir o cargo.

(2) Qual o suporte institucional e pessoal que os ICs dão aos alunos chineses e brasileiros em situação de intercâmbio?

Por meio do IC, estabelecemos um convênio de intercâmbio com nossa universidade parceira, a Beijing Jiaotong; damos, portanto, apoio aos alunos sobretudo no âmbito desse convênio, seja para estabelecer os contatos entre as partes, para ajudá-los a encontrar aulas de idiomas ou para demais detalhes logísticos. A responsabilidade pelo intercâmbio é da DERI, mas acabamos prestando esse apoio.

(3) Conte um pouco da sua vida profissional e como ela se alia à sua história de vida (histórico)?

Sempre tive muito interesse por estudar e a academia foi o lugar onde encontrei um espaço de atuação profissional que me permitisse isso. Adicionalmente, desde criança, sempre fui muito curioso em relação aos outros países do mundo, sobretudo os mais distantes. Como professor, especializei-me em Economia Internacional; e, para além dos estudos e pesquisas, a atuação no processo de internacionalização da Unicamp me permitiu estar em contato com universidades do mundo todo e, especialmente, da China.

(4) Como fica a presença de um órgão vinculado a um governo socialista no interior de uma universidade brasileira? Não há problemas de soberania?

Até hoje, nunca tivemos problema algum pelo fato de o IC estar ligado a um governo socialista. Poderíamos discutir eventuais problemas de soberania oriundos do fato de termos uma instituição internacional dentro da Unicamp, qualquer que seja ela (pública, privada, de um país capitalista ou socialista), mas o fato de ser uma instituição ligada a um governo socialista não altera em nada o quadro.

(5) Em outros países, como os EUA e o Canadá, a presença dos ICs tem gerado controvérsias políticas e acadêmicas. Por que isso não acontece aqui?

Ainda não acontece, pois o povo brasileiro é muito aberto às diferentes culturas. No entanto, temo que essa pressão que já ocorre nos EUA e Canadá chegue também ao Brasil,

sobretudo porque o atual presidente copia o Trump e já dá declarações contra a China. Ressalte-se, porém, que, se isso acontecer, terá sido algo semeado de cima para baixo, ou seja, dos representantes oficiais para a sociedade civil (como, aliás, costumam ser as manifestações de racismo pelo mundo).

ANEXO 2 - PROFESSORES DA REDE BRASIL-CHINA

ENTREVISTADO: Diretor executivo do CASS e professor do grupo China UNICAMP

(1) Como sua trajetória intelectual se relaciona com o seu papel na institucionalização da área Brasil – China na Unicamp?

Nada na minha vida me preparou para a China. Pelo menos se você olha formalmente para toda a minha biografia. Mas como isso aconteceu foi uma coisa muito legal, em 2004 a gente foi para um congresso (e isso eu já escrevi em vários lugares) e a gente fez uma reunião em Pequim e José Vicente Tavares dos Santos, ex-presidente da SBS, organizou um encontro da delegação da SBS (Sociedade Brasileira de Sociologia) na Embaixada de Pequim. Fomos lá, eu, Zé e Salvador. Três horas de aula sobre a China, o embaixador saiu de férias e veio a dizer umas últimas palavras, que todas as áreas da ciência no Brasil têm que se preocupar com a China (desculpe, se ocupar da China), inclusive a Sociologia. Então ele jogou o fardo da história. Então a SBS já tinha, era uma coisa mais de política acadêmica, já tínhamos entendido que a globalização nos reservava surpresas bem diferentes do que a gente estava acostumado, então com isso no congresso em 2005 a gente combinou em Indiana um dia de tentar fazer uma coisa revolucionária, ninguém jamais tinha feito isto, e todos os congressos subsequentes foram convidados chineses, todos, inclusive os chineses que vieram depois, então foi um pouco isso. Agora, os

chineses vieram como professores que estudavam o trabalho ou a sociedade de informação e, pela função que eu tinha, eu era vice-presidência da SBS e virei presidente e a gente estava comprometido com a agenda da globalização, então eu implementei aquilo lá dentro das minhas capacidades, não só aqui Brasil-China não, tudo o que a gente fez dentro da Sociedade Brasileira de Sociologia, que possivelmente é mais importante. Mas consegui envolver não aqui na Unicamp na Sociologia, que não interessa isto aqui, mas conseguimos envolver vários jovens na China, em fóruns, (...).

(2) Mas conta um pouco da sua história no processo de formação da área Brasil-China na Unicamp.

Ah, isto é fácil. Quando eu voltei em 2004, me encontrei com Brito que era o reitor, acho que foi até na casa da Leila, daí eu falei com ele, olha, a Unicamp precisa colocar China no radar, eu falei isto para ele, eu acabei de voltar de lá, está acontecendo um monte de coisa, em 2004 o Brito é um cara muito antenado. Em 2011, com Fernando Costa, aliás em 2010 com Fernando Costa, falei com Pedro Paulo Funari, que era do CAV que empresários do CAV querem alguma coisa sobre a China, então convocou-se um monte de professores, inclusive Leila, muita gente do departamento, alguns economistas, Pacheco, que era o líder do grupo, e assim em abril do ano seguinte, 2011, a gente teve uma reunião que formou o grupo Brasil-China que depois acabou com um começo com físicos, tinha pessoas das artes etc., e todo mundo foi caindo fora e foram ficando um grupo mais concentrado em entender o posicionamento da China mesmo. Foi assim que começou. Quando Pacheco virou reitor da ITA, eu não queria virar coordenador, porque eu não tinha ainda os livros, entendeu? Eu estava trabalhando, eu estava passando por um período sem produção para poder me virar intelectualmente, eu tinha que começar a dar aula sobre uma nova coisa, sorte que eu já tinha um curriculum bastante legal, então eu

tinha esse mundo. Em contraposição a ser presidente da SBS, eu também tinha um certo talão de cheque, eu tinha como mobilizar pessoas, então eu resolvi só quando eu estou publicando eu posso organizar esse grupo, então quando Fernando Costa termina e entra o Tadeu, e eles já tinham nos jogado num cantinho lá, eu achava que eles iam fechar a área, mas a área foi mais forte do que as tendências contrárias, pois não tinha lugar para a gente continuar, então a gente continuou lá por teimosia. Entrou Marcelo Knobel, que obviamente tudo muda, porque ele era do Laboratório de Nanotecnologia Brasil-China, além de brasileiro ele era alguém que entendia de China, e isto deu à gente possibilidade de alguma institucionalidade. A gente não tem nada no papel, do grupo Brasil-China, mas num certo momento a gente foi aumentando e pegando novas pessoas em função dos interesses das pessoas. Foi isso, ou seja, sem dar muitos detalhes. Foi Pacheco, depois Leila e depois eu. Leila achava essencialmente que não ia acabar, então eu disse eu pego e tal e para não acabar mas eu quero institucionalizar.

(3) Quem são os atores do grupo Brasil-China na Unicamp?

Isso tudo foi possível, agora sem Célio, sem Belick, depois Valeriano foi muito importante, Florentino, que talvez seja o mais importante do nosso grupo, o único sinólogo que existe no grupo, afinal todos nós somos amadores (...), mas deixa eu voltar para as coisas das origens, que eu disse, que a minha vida não me preparou para isso, mas isto é uma mentira na realidade, eu não reconhecia, eu tinha dois professores preferidos na minha universidade na Nova Zelândia, onde eu fiz a graduação e meu primeiro diploma de pós-graduação, eu tive dois professores preferidos, um era um estruturalista holandês e outra era um cara da Sociologia das Organizações cujo *mainer* nos EUA foi China. E ele realmente foi muito importante e depois quando eu fiz um *pós-doc* na Nova Zelândia depois de fazer o meu doutorado, na França, eu tinha um pessoal que me supervisionava

e era Bil Velmont, que era antropólogo canadense nascido na China e com quem eu trabalhei dois anos. Então Alan morreu e eu acho um sarro, que eu que nunca me interessei por isto virei alguém quase especializado (...). Mas uma coisa que tem a ver é que eu e Zé Vicente não sabíamos como íamos fazer e foi quando em 2008, eu descobri um livro, que era francês, “A Nova Sociologia Chinesa”, era feito por um francês que virou meu amissíssimo, onde ela fazia seminários de pesquisa com sociólogos chineses em Pequim durante dois anos, tudo em chinês, e insistindo para que eles usassem não conceitos ocidentais, pois o problema de publicação no Ocidente é que eles gastam todos os conceitos nativos saem fora e você tem que se conformar com o mundo dos chineses que a meu ver é corrupto, idiota e só fala de 10% do mundo no nosso caso. Nas Ciências Sociais eles só falam do Atlântico do Norte. Não falam de outro lugar. Então esse sistema pra mim é podre e corrupto. Corrupto no sentido de que não está pensando na humanidade está só pensando em si próprio.

(4) Como você vê o papel dos ICs na cooperação acadêmica entre Brasil e China?

Nada disso faz sentido do que a gente está fazendo se não tiver a língua chinesa. Desde sempre eu defendi isso. Como você vai mandar um aluno para a China se você não consegue oferecer para ele uma possibilidade (...) Eu obviamente acho um absurdo o CEL não contratar um professor de chinês. Eles acham italiano mais importante do que chinês. Ou seja, o nosso sistema universitário está (...) do jeito que está, mas as universidades particulares conseguem. Nosso sistema dominado pelas corporações dominado pelo passado, isso tem que acabar. E tem que ter alguém dentro da universidade, pois o Confúcio é um apêndice, quando ele veio, na mesma semana, eu organizei um seminário, convidamos Antin, professor do *Colège de France*, que eu quero fazer um contraponto

porque muitas vezes se monopoliza o tema da China, então a gente disse que tem um outro grupo que está interpretando a China (...)

(5) Você acha que existe uma diferença em ter o IC da Unicamp e o IC da Unesp?

Eu não sei. Obviamente eu acho que existem diferenças, sem preocupação ligada à liderança e em função de origem. Sempre vai ter isto. A FAAP, por exemplo, a gente pode dizer sim que a FAAP tem o seu conteúdo voltado para negócios. E é muito bom que seja assim. Aqui o GAO por exemplo manda nas áreas tecnológicas, tanto em relação às empresas chinesas aqui quanto as empresas de lá. Então, toda a originalidade não é de alguém convencional, mas o IC tem uma avaliação muito positiva com relação a isso daí, aqui na Unicamp nosso ponto de vista é não só ensinar a língua e a cultura, mas de facilitar a ida de alunos para a China essas coisas. Uma atitude muito generosa e com bolsas (...).

(6) Para fazer a minha dissertação eu acessei uma literatura que coloca em questão a existência dos ICs dentro das universidades, através do seu soft power, pois muita gente acha que isso é uma tentativa de colonização, principalmente nos EUA e no Canadá (...). O que você acha disso?

Eu nunca ouvi ninguém falar mal da Aliança Francesa. Nunca vi ninguém falando mal do Instituto Goethe [**mas estes não estão dentro das universidades**], sim mas é um modelo da época, o modelo da época hoje é o IC e as parcerias entre as universidades funcionam mais ou menos dessa forma. Então essas são as coisas. Eu acho que tem no novo modelo uma dose de racismo nesse tipo de denúncia, aliás nos EUA tem um número imenso de ICs (...), é uma coisa que veio de graça, obviamente eu acho que é sempre melhor a instituição andar com as próprias pernas, é o ideal, mas você viu o nosso desastre, que não temos chinês e nem intenção de fazer, e se estão interessados na China quase sem diálogo com a gente, eu acho isso um absurdo. Então eu acho muito importante com

relação ao IC que deixe eles pegarem o monopólio sobre o que o ensino quer da China. Não pode entregar isso, que a gente não entregou ainda. A gente que ensina aqui, se a gente quer, se a gente ensina alguém sobre a China a gente traça o nosso padrão e a gente pode chamar alguém dos Confúcius (...). Pôxa, a gente tem 400 matriculados no IC e vários são de escola técnica, tem indústrias, chineses que moram aqui, recrutando essas pessoas, como eles iriam recrutar se não tivesse Instituto aqui? Então é uma solução pragmática mas que não deve em hipótese nenhuma diminuir a universidade da sua responsabilidade de implantar um departamento ou uma seção de línguas asiáticas (...) Esta é a base. Ah! Vamos tirar o IC ! Eu fecho o grupo China e saio no dia seguinte, porque não faz sentido se a gente não consegue formar um grupo de alunos que conhecem a China profundamente, que conhecem história e costumes. A Filosofia nega que o Oriente produziu Filosofia. Isso é um absurdo! Isso é racismo! A Filosofia só é válida para gente branca de olhos azuis, mais ou menos é isto que está em jogo.

ENTREVISTADO: Diretor da DERI e professor do grupo China UNICAMP

(1) Conte um pouco sobre a sua ligação com o Instituto Confúcio da Unicamp.

Eu tomei conhecimento da presença do IC na Unicamp quando retornei à Unicamp em setembro de 2017 depois de ter ficado afastado durante 6 anos. Eu já tinha ouvido falar do IC, mas não sabia que contávamos com a presença do IC aqui na Unicamp. Uma das primeiras coisas que fiz, uma das primeiras tarefas que eu fiz quando assumi a Diretoria Executiva de Relações Internacionais da Unicamp, foi conversar com as pessoas responsáveis às várias organizações e órgãos e grupos com os quais eu teria que interagir. Foi assim que eu encontrei o pessoal do IC, na primeira semana que assumi aqui eu vi o que eles estavam fazendo e fiquei bastante impressionado, me impactou a presença tão

forte e consistente do tempo aqui na Unicamp. Então formalmente, uma das minhas tarefas da Diretoria Executiva é dar o suporte institucional para que o Instituto possa realizar o seu trabalho, conforme está previsto no acordo de cooperação que fizemos que a universidade mantém com o Instituto Confúcio-matriz, e essa parceria envolve também a universidade Beijing – Jiaton, com a qual temos uma parceria para mantermos o IC aqui.

(2) Seria legal você contar um pouco da sua trajetória intelectual, sua trajetória profissional

Eu sou uma pessoa híbrida em vários sentidos por causa da minha nacionalidade, eu sou argentino, natural de Buenos Aires, cidade onde nasci e que deixei aos 24 anos. Viajei bastante, antes de sair de Buenos Aires eu já estava quase me formando em Ciências Sociais na Universidade de Buenos Aires, cursando Sociologia, mas só fui completar meus estudos uns anos depois na Universidade Hebraica de Jerusalém em 1979, e a sequência foi o Mestrado em Planejamento Regional na Universidade da Califórnia em Berkeley, para finalmente chegar ao Brasil em 1983, com intenção e propósito de fazer um doutorado aqui na Unicamp na Economia. Então sou argentino e um pouco brasileiro sou economista e cientista social, um bicho híbrido.

(3) Como que você vê o papel dos ICs como fomentadores do Intercâmbio entre as universidades e as empresas brasileiras e chinesas?

A presença do IC aqui na Unicamp já tem algum tempo, é como eu disse, quando eu cheguei a dois anos atrás já estava aqui. A presença de empresas chinesas no Brasil é mais recente. O IC chegou ao Brasil em função da importância que o Brasil foi adquirindo como parceiro comercial da China, pois o Brasil é um fornecedor de matérias primas que

a China demanda em grande quantidade, então isto foi o que aproximou os dois países, sua relação comercial muito favorável ao Brasil, importava muita coisa para a China.

(4) Então você acha que isso tem uma ligação direta com os ICs?

Eu acho que a aproximação entre os dois países encontrou outros vetores, o Brasil tradicionalmente teve uma diplomacia muito aberta muito multilateral, Brasil sempre se viu como um *global trader*, e é um país que sempre se caracterizou com uma imagem de ser um país muito flexível, capaz de dialogar e encontrar interesses comuns (...). Com o tempo essa relação que no início era comercial, foi se reforçando, primeiro porque o próprio Brasil fez, ganhou uma certa notoriedade na geopolítica mundial, durante a primeira década do séc. XXI, passando por um bom momento econômico, tinha uma diplomacia muito ativa, ligando-se à China através dos BRICS, quando havia um momento de relativa tranquilidade e isso aproximou. Mas tem um fator fundamental também que é que nos últimos 25 anos a China deu um salto enorme na sua capacidade de investir em ciência e tecnologia, em busca também de parcerias e alianças para realizar redes e pesquisas, então a Unicamp se beneficiou muito disso também, pois era um país certo, na hora certa com a instituição certa para esse tipo de coisa. Dentro de 3 anos, o investimento chinês no Brasil se tornou mais visível.

(4) Queria que você contasse um pouco sobre o papel do DERI na criação do IC da Unicamp.

A DERI naquela época quando eu cheguei ao Brasil não era DERI, era uma vice-reitoria de Relações Internacionais e como tal, ela assessorava o reitor na identificação de opções para avançar na internacionalização da universidade que já era um objetivo colocado no plano de 2014, perdão de 2012. Um plano de 2016 ainda explicitou isso de maneira mais clara quando a internacionalização se torna um dos eixos principais, eu não estava aqui

então não sei dizer, então eu não saberia dizer se a parceria partiu da Unicamp, se a Unicamp procurou o IC ou se o IC procurou a Unicamp. Mas eu acho que foi um encontro muito feliz, muito feliz porque a presença do IC na Unicamp chegou em boa hora e nós vemos os resultados e agora a pouco tempo acabamos de renovar o convênio original, eu já estava à frente da DERI já neste momento, e neste tempo o intercâmbio de alunos, as visitas técnicas, as visitas de delegações de um lado ou de outro, tem sido bom e em todos esses momentos de intercâmbio e parceria, o IC tem um papel muito importante que vai além da sua missão original, que é difundir a língua e a cultura chinesa, o Instituto tem sido importante na construção de parcerias com o ensino superior na China.

(5) Como que você vê o papel dos ICs nas Relações Internacionais da China com o mundo? Do ponto de vista da China.

A China, fazendo um esforço muito visível, muito tenso, vem tentando fazer contato culturais, linguísticos e também científicos, com países que a China identifica como parceiros importantes e o IC não está somente presente no Brasil, está nos EUA, na Inglaterra, no mundo inteiro, eu acho que não é difícil entender o porquê. A China, embora seja um país com uma cultura milenar, era durante algum tempo por questões de contexto internacional, da Guerra Fria, ela permaneceu relativamente isolada principalmente em relação ao Ocidente, isso sem falar em outras regiões, e também com prioridades imagino de política outras que se internacionalizar, podemos lembrar que imediatamente após o pós-guerra, ocorre a revolução na China e as carências domésticas são enormes, após 1948, se envolve numa guerra difícil com a Coreia, na guerra com a Coreia, e ela depois passa a ter atritos com seus aliados da URSS, mas eu acho que a China em algum momento deixa para trás deixa para o passado uma situação de extrema escassez, ela passa também para pensar globalmente e eu vejo aí o IC como uma coisa

muito reveladora da vontade da China de se abrir ao mundo e se tornar mais conhecida ao mesmo tempo que conhecer. Eu sei que isto não é fácil, tenho visto notícia de que em alguns países há focos de tensões, muitas universidades, posso relatar minha experiência trazidas por professores de universidades dos EUA, recentes inclusive, relatam que para eles, tem sido difícil pois as relações entre China e EUA se esfriaram e o governo americanos enxerga medo da presença dos chineses nos campi, é verdade que em universidades como da Europa, dos EUA, a presença dos ICs criam uma série de tensões nas universidades em grupos que se ressentem muito de algumas atitudes do governo chinês, em relação agora aos direitos humanos, as minorias, então todo esse registro (...). Então eu acho importante primeiro registrar que nós não temos nenhuma experiência deste tipo aqui na Unicamp e, embora o governo atual no Brasil no início da chegada à Brasília tenha empregado discurso extremamente agressivo, eles diretamente (ministros e ideólogos do governo) em relação à China, na prática o próprio presidente Bolsonaro acaba de retornar da China onde foi pedir ajuda econômica e tentar desfazer um pouco da decisão que ele mesmo criou no início. Eu acho que o Brasil de alguma maneira tenta se manter fiel à sua tradição de ser um *global partner*, e particularmente aqui na universidade eu não tenho nada a reclamar da parceria cooperativa de mútuo respeito e consideração que eu acho que tem trazido bons frutos.

(6) Você gostaria de falar mais alguma coisa?

Quero. Quando converso com alguns docentes aqui da universidade vejo neles alguma atitude de desconfiança e o que há por trás desse interesse chinês, da China, de se fazer presente aqui, e eu sempre digo, me preocupa mais qual é o nosso interesse porque nós convivemos com outros esforços em outras épocas, de países europeus, que faziam um esforço enorme de divulgar a sua língua e sua cultura, tem aí instituições centenárias,

Aliança Francesa, Instituto Goethe, Dante Alighiere, o Instituto Cervantes, e é evidente que qualquer uma dessas instituições e algum momento da sua historia receberam fundos públicos de seus países, das duas uma, ou é porque seus governantes acharam importante sua cultura e sua língua e eu acho que é legítimo. Cabe à gente encontrar pontos de convergências de interesses. E por “n” motivos, desde os mais prosaicos, até um interesse comercial do Brasil até os interesses mais sofisticados, sendo que a China é hoje metade da economia mundial, não é possível fingir que a China não existe, assim como não seria possível fingir que os EUA não existem, não seria possível fingir que a Europa nunca existiu, eu acho que para a juventude brasileira é extremamente importante encontrar canais que torne mais ágil e mais rico o fluxo de intercâmbio.

ANEXO 3 - ALUNOS INTERCAMBISTAS

INTERCAMBISTA 1

(1) Idade, sexo, escolaridade

Tenho 54 anos, sexo masculino e sou doutorando em Ciências Sociais, último ano pela Unicamp.

(2) Tema de Estudo, conte um pouco da sua trajetória intelectual

Tema da minha tese é: Wang Li e a construção da sinologia chinesa.

(3) Como chegou ao Brasil? Veio por meio dos Institutos Confúcio?

Sou brasileiro, mas já participei de intercâmbio pelo Instituto Confúcio da Unicamp.

(4) Como foi o processo de intercâmbio? Como conseguiu a oportunidade de vir ao Brasil?

O processo de intercâmbio foi realizado em três etapas, sendo: análise do histórico acadêmico, comprovação de proficiência em chinês e entrevista com os professores do

Confúcio. Fui selecionado como um dos cinco brasileiros que tiveram a oportunidade, em 2018, de fazer intercâmbio com a Universidade Beijing Jiaotong.

(5) Recebeu financiamento da China?

Recebi um auxílio financeiro da DERI, UNICAMP.

(6) Você é um empreendedor?

Sim, sou um empreendedor e gosto de certos desafios que estimulem o meu conhecimento.

(7) Você se sente um global spirit, isto é, um cidadão do mundo?

Sim, me sinto um global spirit.

INTERCAMBISTA 2

(1) Idade, sexo, escolaridade

35 anos, masculino, doutorando

(2) Tema de Estudo, conte um pouco da sua trajetória intelectual

Formado em Ciências Sociais, mestrado em Sociologia na China e atualmente doutorando em Ciências Sociais na Unicamp, onde desenvolvo pesquisa a respeito da presença chinesa e do modo operante de trabalhadores migrantes chinesas em obras de infraestrutura em países em desenvolvimento.

(3) Como chegou ao intercâmbio Brasil-China? Conte como descobriu os Institutos Confúcio? Conte sua trajetória nos Institutos Confúcio.

Entre 2006-2010 trabalhei como livreiro na Livraria da Unesp , na Praça da Sé. Em 2008 começaram algumas movimentações de chineses no prédio onde a livraria funcionava. Posteriormente fiquei sabendo que seria instalado o primeiro Instituto Confúcio no Brasil, no entanto até o momento não via nada de especial. Durante as obras de adaptação no quarto andar do edifício para a sede e algumas salas de aula do Instituto, o Professor Zhou

- responsável chinês pela parceria com a Unesp, frequentemente falava do Instituto e me convidava para estudar mandarim assim que iniciasse às aulas. Ele me disse que seria o primeiro aluno do Instituto Confúcio, fato esse que se confirmou com o início das aulas em 2009. Pertenci a primeira turma, ministrada pela professora Moly, uma taiwanesa que morava a muitos anos no Brasil.

No início de 2010 abriram inscrições para estudar mandarim na universidade de Hubei, parceira da Unesp, me inscrevi e fiz parte da primeira turma de estudantes brasileiros mediados pelo instituto Confúcio no Brasil.

(4) Como foi o processo de intercâmbio? Como conseguiu a oportunidade de ir à China?

Resposta na pergunta anterior.

(5) Recebeu financiamento da China ou do governo brasileiro?

Financiamento de Hanban, órgão do Ministério da Educação da China.

(6) Você se considera um empreendedor?

Não, apenas era um jovem com vontade de conhecer uma realidade diferente que não fosse Europa ou estados Unidos

(7) Você se sente um global spirit, isto é, uma cidadã do mundo, cosmopolita?

Não, me sinto um ser-humano que teve possibilidade de conhecer outras realidades. Esse sentido de ser global, ou cidadão do mundo, do meu ponto de vista é comum para mochileiros que apenas se comunicam em inglês e continuam observando o mundo sob a ótica dos seus valores, nunca dos observados. Observam o outro como exótico, poucas vezes como apenas diferente. Neste sentido não sou cidadão do mundo, mas um nativo entre os nativos, indiferente do lugar que esteja.

INTERCAMBISTA 3

(1) Sobre o seu tema de estudo, queria que você me contasse um pouco da sua trajetória intelectual.

Atualmente sou mestrando em Demografia, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), desenvolvendo pesquisas sobre gerenciamento de recursos hídricos na escala urbana. Sou formado em Engenharia Civil pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Minha trajetória na graduação foi relacionada a questões de saneamento básico, como o uso de wetlands construídos e outras soluções baseadas na natureza (SBN). Fui também estudante pesquisador no projeto internacional Studio Cidades e Biodiversidade iniciado pela UNU-IAS e estudante de intercâmbio pelo Ciências sem Fronteiras em Xangai, China.

(2) Como chegou ao intercâmbio Brasil-China? Conte um pouco como chegou à China e ao Brasil, dentro da sua trajetória intelectual.

Eu sou brasileiro, e fui a China para meu intercâmbio pelo programa Ciências Sem Fronteiras. Morei por 2 anos em Xangai, entre 2013 e 2015. Lá fiz estágio linguístico de mandarim e aulas de engenharia.

(3) Como sequência da pergunta anterior, como foi o seu processo de intercâmbio com o Brasil e com a China? Como você chegou à China?

Foi a partir de da abertura do edital para a China. Na época o edital não pedia teste de inglês como o TOEFL por ex., e assim pude aplicar sem uma preparação prévia, ou seja, o intercâmbio não estava exatamente nos planos. Mas assim que foi aberto o edital para a China eu tive interesse, e fui muito incentivado por uma prima que morou lá.

(4) Recebeu financiamento chinês, brasileiro ou alemão? Conte um pouco como foi isso, conte um pouco da sua trajetória pessoal.

A bolsa do Ciência sem Fronteiras era Capes.

(5) Com toda sua experiência em viagens, você se acha mais cosmopolita ou mais ligado à China e o Brasil?

Me sinto mais ligado a China, principalmente pela grande distância cultural que existe entre os países. Mas não me considero necessariamente cosmopolita, já que não acesso viagens internacionais e estes espaços com frequência, pouco fora do contexto profissional.

INTERCAMBISTA 4

(1) Você poderia me dizer como foi a sua decisão de estudar a China? O que influenciou?

Eu me mudei para China para cursar o Mestrado na Fudan University. Eu fui encorajada pelo Professor Tom Dwyer enquanto estava na graduação na UNICAMP e eu queria explorar mais autores sociológicos do Global South para dialogar com o Brasil.

(2) Conte um pouco de suas viagens à China, como ocorreu o seu processo de intercâmbio, como conseguiu financiamento? (Essa pergunta é muito importante para abrir caminhos para novos intercambistas).

Eu me mudei para China em 2013 para realizar o meu mestrado, então eu não realizei um intercâmbio. A experiência foi desafiadora tanto do ponto de vista cultural quanto linguístico, mas foi um momento de muito aprendizado. Eu consegui financiamento do governo de Xangai através do processo seletivo.

(3) Conte um pouco sobre como começaram e como se desenvolveram seus estudos na Fudan University.

Eu fui para Fudan University desenvolver uma pesquisa sobre comunicação intercultural entre China e Brasil, investigando quais eram as imagens e imaginações existentes nessa relação. Os estudos correram bem e as aulas auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa.

INTERCAMBISTA 5

(1) Sobre o seu tema de estudo, queria que você me contasse um pouco da sua trajetória intelectual.

Meu tema de estudo no doutorado é sobre os arranjos de conservação de bacias hidrográficas na franja urbana de Chongqing e as influências das diretrizes da Construção de uma Civilização Ecológica no local. Como me formei nas ciências políticas / RI / economia política, meu foco fica mesmo nos diferentes atores. No meu TCC tinha estudado a percepção de normas chinesas no sistema internacional, particularmente na ASEAN e os BRICS, daí o interesse pelas abordagens / normas chinesas. Durante meu mestrado na UTFPR sobre Pagamento por Serviços Ambientais "redescobri" a China porque ela está investindo bastante nessas políticas, mas de forma diferente do ocidente.

(2) Como chegou ao intercâmbio Brasil-China? Você é alemão? Conte um pouco como chegou à China e ao Brasil, dentro da sua trajetória intelectual.

Sou alemão sim :) Durante meu intercâmbio na Tongji em 2013 (por minha alma mater Ruhr Universität em Bochum) conheci a Mari e o Augusto entre outros brasileiros, e como já tinha interesse nas relações sino-latinas (estudei por um semestre na UAM na Cidade do México sobre as relações sino-mexicanas), a amizade juntou com o interesse acadêmico.

(3) Como sequência da pergunta anterior, como foi o seu processo de intercâmbio com o Brasil e com a China? Como você chegou à China?

À China eu fui pela primeira vez em 2011 por dois meses na Tongji dentro de um programa de escola de inverno que meu instituto (OAW-RUB) oferece aos alunos depois do primeiro ano de intensivo de chinês. Depois apliquei para o intercâmbio depois do 3º ano da graduação lá e fui contemplado com a bolsa de parceria RUB-Tongji. Ao Brasil

eu cheguei em 2015, sem vínculo universitário direto, mas trabalhei em um projeto de pesquisa da UTFPR (Studio Cidades e Biodiversidade) onde fiquei por um ano, e depois fiz o mestrado em Tecnologia e Sociedade, participei de um grupo de pesquisa de Políticas Públicas cuja líder/meu orientador já tinha uma conexão com a Leila. Apresentei no 2º Seminário Pesquisar China Contemporânea uma proposta de uma ideia de doutorado que tinha esboçado, mas que não estava pensando levar para frente por enquanto - conheci a Leila pessoalmente e fiquei!

(4) Recebeu financiamento chinês, brasileiro ou alemão? Conte um pouco como foi isso, conte um pouco da sua trajetória pessoal.

O financiamento que recebi durante a graduação foi só para os intercâmbios, a cultura de bolsas na Alemanha é um pouco diferente (você ganha ou por necessidade social que são muito poucas, ou por absoluta excelência acadêmica). Para o intercâmbio de um semestre na Tongji a bolsa foi concorrida, e ganhei por excelência, a do DAAD daí foi de acesso muito mais fácil. Aqui no Brasil comecei com uma bolsa de apoio técnico do Grupo de Pesquisa sobre Políticas Públicas (PD2T) acima mencionado, depois no mestrado fui primeiro colocado no processo seletivo. Aqui na Unicamp também fui primeiro colocado (em Ciências Sociais e Ambiente e Sociedade), acabei ganhando a bolsa CAPES por dois meses até ser aprovado pela FAPESP.

(5) Com toda sua experiência em viagens, você se acha mais cosmopolita ou mais ligado à China e o Brasil?

Com certeza, saindo mais da própria cultura você acaba avaliando mais criticamente sua própria, mais também as outras culturas. O Brasil é o quinto país em que eu moro, e a adaptação por tanto foi mais fácil. Ainda assim, vejo como é um privilégio ser tão bem recepcionado, porque sinto que há um viés positivo para mim como europeio e que

mesmo colegas da América Latina, e mais da África estão tendo para se provar merecedor de estar aqui. Por conhecer algo da realidade da China, sim me sinto um pouco mais conectado, mas longe de ligado ou pertencente à China.

INTERCAMBISTA 6

(1) Você poderia me contar um pouco da sua trajetória intelectual desde a graduação?

Eu me formei em Comunicação Social – Jornalismo, em 1999, e comecei a trabalhar na área em 2000, como trainee editorial do extinto jornal Gazeta Mercantil. Em 2001, entrei para a Folha de S. Paulo, onde fiquei até 2006 como repórter e redator. Trabalho no Gabinete do Reitor, como jornalista, desde 2010, atualmente lotado no Instituto de Estudos Avançados (IDEA). Em 2011, ingressei no mestrado no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp, onde defendi minha dissertação em 2013. Esse trabalho foi publicado em formato de livro, em 2016, pela Editora da Universidade Federal do ABC (UFABC), sob o título “À Margem das Páginas – o papel da imprensa no apoio ao isolamento de hansenianos”. Em outubro de 2019, lancei meu segundo livro, pela Editora da Unicamp, intitulado “Massa Crítica - Unicamp e a origem do polo de tecnologia de Campinas”. Desde 1999, venho pesquisando e produzindo reportagens sobre o pintor chinês Chang Dai-chien (Zhang Daqian), conhecido como o “Picasso da China” e que viveu no Brasil entre as décadas de 1950 e 1970. Esse é o tema do meu terceiro livro, um perfil biográfico que estou escrevendo atualmente. Acabo de ser aprovado no doutorado em Ciências Sociais no IFCH da Unicamp, onde começo a estudar em 2020. Minha tese também será sobre o artista Chang Dai-chien.

(2) Como você chegou às aulas de Mandarim no Instituto Confúcio da Unicamp?

Em razão do meu trabalho de pesquisa sobre o artista chinês Chang Dai-chien, me interessei em aprender mandarim. Como trabalho na Unicamp, foi natural procurar as aulas no CEL (Centro de Ensino de Línguas), no segundo semestre de 2014, portanto, seis meses antes de o Instituto Confúcio iniciar suas atividades na Unicamp. Depois do primeiro módulo no CEL, comecei a cursar mandarim no IC, onde fiz quatro módulos do Mandarim Básico, entre 2015 e 2016.

(3) Como aconteceu o seu intercâmbio para a China? Como conseguiu o prêmio?

Minhas pesquisas sobre Chang Dai-chien me levaram a viajar para sua Província natal, Sichuan, para aprofundar meus conhecimentos sobre ele. Nessa visita, em dezembro de 2017, concedi uma palestra sobre ele na Universidade Normal de Neijiang, na cidade de Neijiang, em Sichuan, onde o artista nasceu. Nessa instituição existe o Centro de Pesquisas Chang Dai-chien, exclusivamente dedicado aos estudos sobre sua vida e obra. Nessa ocasião, recebi o título de pesquisador convidado da Universidade Normal de Neijiang. Em maio de 2019, nas comemorações dos 120 anos de nascimento do artista, fui convidado a voltar à Sichuan e dei mais duas palestras sobre a vida e obra dele na América do Sul naquela mesma universidade.

ANEXO 4 - QUADRO 1: ENTREVISTAS PROFESSORES DA REDE BRASIL-CHINA E DIRETORES DOS ICs

Cargo	Instituição	Breve Itinerário	Data da Entrevista
Diretor do CASS, professor do Grupo China	UNICAMP	Graduou-se na Nova Zelândia, onde teve seu primeiro diploma de pós-graduação, e teve dois professores preferidos, um era um estruturalista holandês e outro, um professor da Sociologia das Organizações cujo <i>mainer</i> nos EUA foi a China. E ele realmente foi muito importante para o <i>pós-doc</i> que fez na Nova Zelândia, depois de fazer o doutorado, na França, com Alain Tourine, seu supervisor era Bil Velmont, um antropólogo canadense nascido na China com quem trabalhou dois anos.	Outubro de 2019
Diretor do DERI (Diretoria Executiva de Relações Internacionais)	UNICAMP	Argentino, natural de Buenos Aires, cidade onde nasceu e que deixou aos 24 anos. Viajou bastante, antes de sair de Buenos Aires eu já estava quase formado em Ciências Sociais na Universidade de Buenos Aires, cursando Sociologia, mas só foi completar seus estudos uns anos depois na Universidade Hebraica de Jerusalém em 1979, e a sequência foi o Mestrado em Planejamento Regional na Universidade da Califórnia em Berkeley, para finalmente chegar ao Brasil em 1983, com intenção e propósito de fazer um doutorado na Unicamp na área de Economia.	Outubro de 2019
Diretor do Instituto Confúcio	UNESP	Trabalha na Unesp desde de 2006. Anteriormente, trabalhava em uma outra instituição de pesquisa chamada Fundação Seade, ligada à Secretaria de Planejamento do Estado de São Paulo, que trabalha com análise de dados. Também teve algumas experiências de trabalho no setor público e também como professor em instituições privadas de	Maió de 2019

		ensino. Graduiu-se em engenharia na Faculdade de Engenharia Industrial (FEI) em São Paulo, fez o mestrado na Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP-FGV) em economia e finanças públicas e se doutorou no Instituto de Economia da Unicamp em teoria econômica.	
Diretor do Instituto Confúcio	UNICAMP	Sempre teve muito interesse por estudar e a academia foi o lugar onde encontrou um espaço de atuação profissional que o permitisse isso. Adicionalmente, desde criança, sempre foi muito curioso em relação a outros países do mundo, sobretudo os mais distantes. Como professor, especializou-se em Economia Internacional; e, para além dos estudos e pesquisas, a atuação no processo de internacionalização da Unicamp o permitiu estar em contato com universidades do mundo todo e, especialmente, da China.	Julho de 2019

ANEXO 5 - QUADRO 2: CARACTERÍSTICAS DOS INTERCAMBISTAS ENTRE BRASIL E CHINA

	Sexo	Faixa Etária	Instituição	Curso	Breve Itinerário	Financiamento	Ligação com o Instituto Confúcio
Intercambista 1	Masculino	54 anos	IFCH - Unicamp	Doutorando em Ciências Sociais	Apesar de ser aluno do Doutorado em Ciências Sociais, o tema de pesquisa da tese deste entrevistado é mais voltado para a Filosofia, qual seja: Wang Li e a construção da sinologia chinesa, que possui um lado forte em tradução do chinês para o português.	Recebeu um auxílio financeiro da DERI, UNICAMP.	Sim, fez intercâmbio pelo IC da Unicamp. O processo de intercâmbio foi realizado em três etapas, sendo: análise do histórico acadêmico, comprovação de proficiência em chinês e entrevista com os professores do Confúcio. Em 2018, fez intercâmbio com a Universidade Beijing Jiaotong.
Intercambista 2	Masculino	35 anos	IFCH - Unicamp	Doutorando em Ciências Sociais	Formado em Ciências Sociais com mestrado em Sociologia na área de China e atualmente doutorando em Ciências Sociais na Unicamp, onde desenvolve pesquisa a respeito da presença chinesa e do <i>modus operante</i> de trabalhadores migrantes chineses em obras de infraestrutura em países em desenvolvimento	Financiamento da Hanban	Sim, teve uma experiência singular com o IC da Unesp. Entre 2006 e 2010, trabalhou como livreiro na Livraria da Unesp, na Praça da Sé. Em 2008 começaram algumas movimentações de chineses no prédio onde a livraria funcionava, posteriormente ficou sabendo que seria instalado o primeiro Instituto Confúcio no Brasil em São Paulo. Segundo o entrevistado, o Professor Zhou (responsável chinês pela parceria com a Unesp), frequentemente falava do Instituto e o convidava para estudar mandarim

							<p>assim que iniciassem as aulas. Ele disse que o entrevistado seria o primeiro aluno do Instituto Confúcio, fato esse que se confirmou com o início das aulas em 2009. Portanto, pertenceu à primeira turma do IC. No início de 2010 abriram inscrições para estudar mandarim na universidade de Hubei, parceira da Unesp , ele se inscreveu e fez parte da primeira turma de estudantes brasileiros mediados pelo instituto Confúcio no Brasil.</p>
Intercambista 3	Masculino	s/d	Departamento de Demografia - Unicamp	Mestrando em Demografia	Formado em Engenharia Civil pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), começou sua trajetória na graduação relacionando questões de saneamento básico, como o uso de <i>wetlands</i> construídos e outras soluções baseadas na natureza (SbN). Foi também estudante pesquisador no projeto internacional Studio Cidades e Biodiversidade iniciado pela UNU-IAS e estudante de intercâmbio pelo Ciências sem Fronteiras em Xangai, China.	Ciência Sem Fronteiras, ligado à CAPES.	Não

Intercambista 4	Feminino	28 anos	IFCH	Doutoranda em Ciências Sociais	Mudou-se para China para cursar o Mestrado na Fudan University, foi encorajada pelo Professor Tom Dwyer enquanto estava na graduação na UNICAMP e queria explorar mais autores sociológicos do Global South para dialogar com o Brasil.	Governo de Xangai	Não
Intercambista 5	Masculino	29 anos	Nepam - Unicamp	Doutorando em Ambiente e Sociedade	Seu tema de estudo no doutorado é sobre os arranjos de conservação de bacias hidrográficas na franja urbana de Chongqing e as influências das diretrizes da Construção de uma Civilização Ecológica no local. Como se formou em ciências políticas / RI / economia política, seu foco é em diferentes atores. No seu TCC tinha estudado a percepção de normas chinesas no sistema internacional, particularmente na ASEAN e os BRICS, daí o interesse pelas abordagens / normas chinesas. Durante seu mestrado na UTFPR sobre Pagamento por Serviços Ambientais "redescobriu" a China porque ela está investindo bastante nessas políticas, mas de forma diferente do ocidente.	Aqui no Brasil, o entrevistado se mantém com bolsa da CAPES em um primeiro momento, FAPESP atualmente. O entrevistado é natural da Alemanha e ganhou bolsa do governo por mérito para viajar para a China.	
Intercambista 6					Formou-se em Comunicação Social – Jornalismo, em 1999, e começou a trabalhar na área em 2000, como trainee editorial do extinto jornal Gazeta		Suas pesquisas sobre Chang Dai-chien o levaram a viajar para sua Província natal, Sichuan, para aprofundar conhecimentos sobre ele. Nessa visita,

				<p>Mercantil. Em 2001, entrou para a Folha de S.Paulo, onde ficou até 2006 como repórter e redator. Trabalha no Gabinete do Reitor, como jornalista, desde 2010, atualmente lotado no Instituto de Estudos Avançados (IdEA). Em 2011, ingressou no mestrado no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp, onde defendeu sua dissertação em 2013. Esse trabalho foi publicado em formato de livro, em 2016, pela Editora da Universidade Federal do ABC (UFABC), sob o título 'À Margem das Páginas – o papel da imprensa no apoio ao isolamento de hansenianos'. Em outubro de 2019, lançou seu segundo livro, pela Editora da Unicamp, intitulado 'Massa Crítica - Unicamp e a origem do polo de tecnologia de Campinas'. Desde 1999, vem pesquisando e produzindo reportagens sobre o pintor chinês Chang Dai-chien (Zhang Daqian), conhecido como o 'Picasso da China' e que viveu no Brasil entre as décadas de 1950 e 1970. Esse é o tema do seu terceiro livro, um perfil biográfico que está escrevendo atualmente. Acaba de ser aprovado no doutorado em Ciências Sociais no IFCH da Unicamp, onde começa a estudar em</p>	<p>em dezembro de 2017, concedeu uma palestra sobre o artista na Universidade Normal de Neijiang em Sichuan, onde o artista nasceu. Nessa instituição existe o Centro de Pesquisas Chang Dai-chien, exclusivamente dedicado aos estudos sobre sua vida e obra. Nessa ocasião, recebeu o prêmio que lhe concedeu o título de pesquisador convidado da Universidade Normal de Neijiang. Em maio de 2019, nas comemorações dos 120 anos de nascimento do artista, foi convidado a voltar à Sichuan e deu mais duas palestras sobre a vida e obra dele na América do Sul naquela mesma universidade. Tudo isso começou primeiro com sua participação nas aulas de Mandarim do CEL da Unicamp e, depois de criado, pelo IC da Unicamp, que o colocou em contato com a China.</p>
--	--	--	--	---	---

					2020. Sua tese também será sobre o artista Chang Dai-chien".		
--	--	--	--	--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Marina Martinelli, realizada em 05/03/2020:

Prof. Dr. Thales Haddad Novaes de Andrade
UFSCar

Profa. Dra. Ariadne Chloe Mary Furnival
UFSCar

Prof. Dr. Marko Synésio Alves Monteiro
UNICAMP